

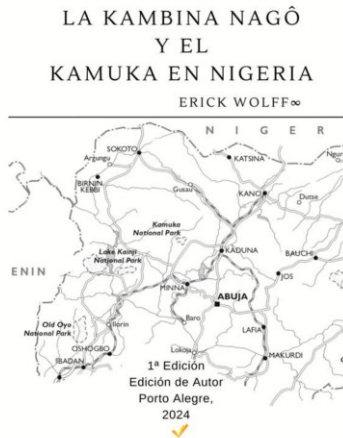
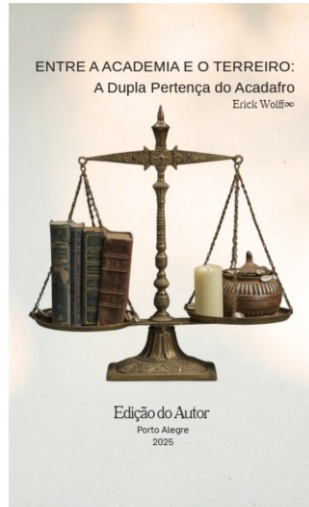
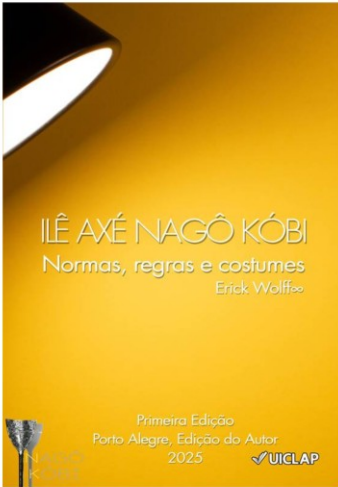
A KAMBINA NAGÔ E O KAMUKA NA NIGÉRIA

ERICK WOLFF ∞



3ª Edição
Edição do Autor
Porto Alegre, 2026

A Kambina Nagô e o Kamuka na Nigéria



Para adquirir o livro impresso:

<https://loja.uiclap.com/autor/erick-wolff>

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

A Kambina Nagô e o *Kamuka* na Nigéria

Erick Wolff

**A KAMBINA NAGÔ
E O
KAMUKA NA
NIGÉRIA**

COM MAIS INFORMAÇÕES

3ª Edição
Edição do Autor
Porto Alegre,
2026

FICHA CATALOGRÁFICA

Copyright: Erick Wolff∞

Todos os direitos reservados de acordo com a Lei n. 9610 de 19/02/1998. Não é permitida a cópia da obra em qualquer tipo de mídia sem autorização do autor.

Atualizado em janeiro de 2026

Imagem da capa: Lizzie Willians. *Nigeria*. New York, 2008, p. 292

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil). (FICHA CATALOGRÁFICA ILUSTRATIVA)

Wolff, Erick

A Kambina nagô e o Kamuka na Nigéria / Erick Wolff. – 3ª. Ed.
-- Porto Alegre, RS: Ed. do Autor, 2026.

ISBN 978-65-00-92389-6

1. Religião 2. Batuque (Culto) – Rio Grande do Sul 3. Cultos afro-brasileiros – Rio Grande do Sul 4. Iorubá (Povo africano) – Religião 5. Santo, Waldemar Antonio dos, 1883-1935 6. Tradição Kanbina 7. Xangô (Orixá) I. Título.

24-190932

CDD-299.6098165

Índices para catálogo sistemático:

1. Rio Grande do Sul: Cultos: Religiões de origem africana 299.6098165

SUMÁRIO

Apresentação	p. 11
Introdução	p. 16
Capítulo 1	
Alguns dados sobre a fundação da Cabinda Banto	p. 22
Cabinda e o Congo	p. 22
Considerações sobre a fundação da Kambina	p. 27
Capítulo 2	
O Batuque do R.S.	p. 28
Cambina/Cambini	p. 37
Capítulo 3	
O início do conceito de raiz Banto no Batuque RS	p. 52
Capítulo 4	
Ancestralidade e descendência: O culto aos mortos no Batuque não é (e não precisa ser) um culto de <i>Egúngún</i>	p. 67
Quem são os ancestrais?	p. 76
O <i>ìgbàlè</i> no Batuque	p. 79
Alguns ritos e conceitos de <i>égún</i>	p. 80
Rituais no <i>ìgbàlè</i> do Batuque do R.S.	p. 83
O nome e o <i>eégún</i> no Batuque	p. 87
Mantendo a ancestralidade viva	p. 90
Rituais equivocados	p. 93
Oferendas para eegun	p. 97

Enterrar os mortos dentro de casa	p. 100
O tempo de luto na Nigéria	p. 100
Capítulo 5	
<i>Kamuka</i> na Nigéria	p. 102
Os mapas <i>Kamuka</i>	p. 102
<i>Kamuka</i> em terras Nigerianas	p. 106
Etnia <i>Kamuka</i>	p. 123
Família <i>Kamuka</i>	p. 127
Turismo a <i>Kamuka</i> na Nigéria	p. 128
Capítulo 6	
<i>Òrìsà Kamuka</i>	p. 132
Os diversos conceitos sobre o <i>Òrìsà Kamuka</i>	p. 139
Assentamentos de <i>Kamuka</i>	p. 149
Capítulo 7	
Não se enterra <i>Òrìsà</i> ou <i>Nkissi</i>	p. 160
A origem da Kambina	p. 169
A viagem do pai Cleon em busca da origem	p. 188
<i>Kamuka</i> da tradição Kambina e o <i>Sàngó</i> do povo da tradição <i>Òyó</i> do Batuque do R.S.	p. 194
<i>O Àmàlà</i> do Batuque	p. 195
<i>Ojúbo Sàngó ota òde</i>	p. 198
<i>Elégbaa, Èsù e Alágbára</i>	p. 200
O Legba e a Zina na Kambina	p. 202
Os <i>Yorùbá</i>	p. 208

O culto do <i>Òrìṣà</i> se mantém vivo em <i>Ọ̀yọ́</i> , Nigéria	p. 213
Capítulo 8	
A entronização do <i>Aláàfin</i>	p. 216
“Nagô Kóbi”: uma homenagem à Kambina	p. 229
Buscando a Kambina na geografia <i>Yorùbá</i>	p. 233
A cidade <i>Yorùbá Àbína</i> .	p. 236
Parque nacional <i>Kamuku</i>	p. 240
Antigo <i>Ọ̀yọ́</i>	p. 245
Uma breve história do antigo império <i>Ọ̀yọ́</i> .	p. 248
Capítulo 9	
Etnia <i>Kamuka</i> fora da Nigéria	p. 252
Considerações finais	p. 262

AGRADECIMENTO

Agradecemos a Luiz L. Marins (uiclap.bio/luizlmarins) por ter pacientemente colaborado com a leitura, críticas e sugestões que muito contribuíram para o nosso trabalho.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

EPÍGRAFE

“O informante ajuda a recuperar a história e preservar a memória.”

(Meire Francisca)

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

APRESENTAÇÃO

Nesta terceira edição somamos mais pesquisas de campo que contribuirão para o nosso trabalho com mais de quinze anos, coletando registros documentados e publicações sobre a tradição da Kambina e a sua cultura, juntando informações de integrantes do Batuque para mostrar que a raiz religiosa Kambina ou Kambini (atualmente conhecida por Cabinda), preservou suas origens Iorubás.

Neste livro foram acrescentados novos dados que enriquecerão as pesquisas do leitor e de pesquisadores que estudam a tradição da Kambina do Batuque do Rio Grande do Sul, fundada por pai Waldemar de *Sàngó*.

Somamos registros de famílias que preservaram o assentamento do Kamuka, que até o momento preferiam ficar anônimos.

Os depoimentos, documentos e registros encontrados foram devidamente apresentados, para o bem da ciência e preservação da história da Kambina. Caso surjam novas informações, poderão ser acrescentadas.

O Autor.
Erick Wolff∞

ORÍKÌ KAMUKA ¹

Sàngó Kamuka, Kabiyèsilé!

Alànà tóóró kan ayé ati k'òrun,

Olóló tí nfenu ikà lolé

Oba tí won 'kú lósé

Sàngó a b'egun jìjàdù ekú

Kòtò ré o, bàbá mi Kamuka má wo bẹ o

Kamuka mbẹ n'ilé wa.

Saúdo Xangô Camucá, sua majestade!

Que abre um caminho entre o céu e a terra

Que esfrega a boca dos maldosos no chão

O rei que espanta a morte com seu oxê

Xangô luta com êgum pela posse do éku.

Olha o buraco, meu pai Camucá, não entre aí.

Camucá existe na nossa casa.

¹ *Oríki Kamuka* – uma coletânea de louvações por nós idealizada para louvar ao Rei da Kambina. *Oríki* são poemas de louvores onde importantes informações culturais e/ou religiosas são registradas.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

**A KAMBINA NAGÔ
E O
KAMUKA NA NIGÉRIA**

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

INTRODUÇÃO

Esta segunda edição acrescenta novos depoimentos e pesquisas confirmando que a tradição afro-brasileira Kambina não tem origem na cultura *Banto*, mas antes, conservou tradições do antigo reino africano de *Ọ̀yó*² (Nigéria). A tradução do inglês para todas as citações é nossa.

Cabe esclarecer que as nações ou raízes afrodescendentes foram criadas e formadas no Brasil. Nenhuma nação afro-brasileira é uma nação africana pura, nenhuma, sem exceção. Os africanos que aportaram no Brasil criaram religiões e tradições influenciadas pela Matriz Africana, mas não é a matriz africana.

Apesar de muitas Nações Afro-brasileiras afirmarem terem sido fundadas por um ancestral mítico africano, nada verdadeiramente pode ser cientificamente comprovado.

Vivaldo Costa Lima, antropólogo e professor da Universidade Federal da Bahia, Ogã do Ilê Axé Opo Afonjá, no texto “O Conceito de Nação nos Candomblés da Bahia”, *Afro-Ásia n. 12, 1976, p. 65*, ao referir-se à Mãe Aninha, fundadora do *Afonjá*, mostra-nos satisfatoriamente a diferença que existe entre uma nação religiosa afro-brasileira, e uma nação política africana, ainda que tenham os mesmos nomes:

2. Assim, não justifica afirmar que a raiz religiosa Kambina deve adotar fundamentos da raiz *Ọ̀yó*, do Batuque do R.S. A raiz *Ọ̀yó* do Batuque R.S. não representa a nação *Ọ̀yó* da Nigéria, ainda que tenha o mesmo nome.

[...] ialorixá Aninha, poder afirmar com orgulho: “Minha seita nagô é puro”. E dizia isto no sentido de que a nação de sua seita, de seu terreiro, e quem eram padrões religiosos em que ela, desde menina, se formara, era nagô. Porque, no caso de Aninha, ela mesma era e sabia, etnicamente, descendente de africanos gruncis, um povo que ainda hoje habita as savanas do norte de Gana e ao sul do Alto-Volta e que nenhuma relação étnica ou histórica mantinha com iorubas até o tráfico negreiro [...].

A nação, portanto, dos antigos africanos na Bahia foi aos poucos perdendo sua conotação política para se transformar num conceito quase exclusivamente teológico. Nação passou a ser, desse modo, o padrão ideológico e ritual dos terreiros de candomblé da Bahia estes sim, fundados por africanos angolas, congos, jejes, nagôs, sacerdotes iniciados de seus antigos cultos, que souberam dar aos grupos que formaram a norma dos ritos e o corpo doutrinário que se vêm transmitindo através os tempos e a mudança nos tempos.".

Vivaldo mostra que uma nação afro-religiosa brasileira, apesar do nome similar a uma nação africana, ela **é brasileira** e não africana, como muitos se autoproclamam.

Breve conceito de nação:

“Nação - substantivo feminino. Conjunto de indivíduos habituados aos mesmos usos, costumes e língua. Estado que se governa por leis próprias. Casta, raça. Naturalidade, pátria.” (<http://www.priberam.pt>).

Nesta linha de raciocínio, uma nação afro-brasileira não poderá ser cientificamente comprovada somente pela existência de um ancestral africano (Reginaldo Prandi, De

Africano a Afro-brasileiro, 2000, p. 56) mostra-nos um dos motivos desta impossibilidade:

"Durante todo o tráfico, por interesse comercial, preservou-se alguma informação sobre a origem étnica do africano, mas, na documentação oficial, a identidade da origem podia simplesmente estar referida ao porto de embarque [...] a necessidade de manter portos de embarque afastados, para driblar a vigilância [da Inglaterra] quando o tráfico [de escravos] começou a ficar ilegal primeiro em certos segmentos da costa africana, mais tarde em todo o litoral [...] complicava a identificação do escravo, pois sua origem através do porto de embarque podia não mais corresponder a sua origem verdadeira."

Outros pensadores dos segmentos afro-brasileiros também seguem no mesmo pensamento. Vejamos:

"No Brasil, a expressão 'nação *Kétu*' indica uma modalidade de candomblé, e não o reino ioruba de *Kétu*." (José Beniste, Orun-Ayé, 2000, p. 116).

"Uma nação afro-brasileira não é uma nação africana, ainda que possa ter um nome africano, e mesmo que não tenha, não deixa de ser uma nação afro-brasileira legítima." (Luiz L. Marins).

Partindo desta premissa, analisaremos os fatores que envolvem Waldemar *Kamuka*, o *Olùpilèsè*³ da tradição Kambina, segmento religioso do Batuque do Rio Grande do

³ *Olùpilèsè* - Fundador

Sul, que nasceu em solo brasileiro, iniciado no Batuque de seu tempo.

Por motivo que se desconhece devido à falta de registros, Waldemar *Kamuka*, partindo de outras raízes do Batuque, ressignificou fundamentos, reorganizou os ritos, e deu origem à Kambina, uma nova tradição para a época.

Curiosamente, este é o diferencial da tradição religiosa Kambina, não há dúvidas quanto à existência de quem foi seu fundador.

Isto não significa que a tradição Kambina do Batuque do R.S. deva adotar fundamentos de outra raiz da Matriz Africana. Visivelmente, a Kambina deve manter-se alinhada à sua tradição da forma como nasceu das mãos de Waldemar de *Sàngó Kamuka*, mantendo seus próprios rituais, tradições e fundamentos.

Não há registro de que divindades cultuadas na Kambina sejam *nKisse*⁴. Elas não são divindades bantas cultuadas com os nomes das divindades *Yorùbá*, como se acreditou por anos. Não temos registros que existiu nos Batuques rituais ou uma tradição verdadeiramente banta.

Sobre as divindades Banto não serem cultuadas no Batuque, Denis de Odé, Babalorixá e professor especialista em História, afirma que **“o nosso culto não cultua *nKissi*, então cultua orixá, vocês são nagôs, não! a CABINDA É NAGÔ”**. (ver página 51 deste livro)

⁴ *nKisse* – Divindades de origem *Bantu*, que não possuem nenhuma similaridade com os orixás.

Sobre o uso da palavra Cabinda, será devidamente esclarecida, mais a frente.

As tradições religiosas *Òyó*, *Jeje*, ***Kambina*** e *Ijeṣa* do Batuque do Rio Grande do Sul, se baseiam numa mesma liturgia com poucas diferenças, contendo todas as mesmo panteão religioso, usando as mesmas cantigas, rituais e iniciações.

Tal similaridade nos induz a abriremos a possibilidade e considerar o próprio Batuque como uma Nação Afro-Gaúcha, estruturado por vertentes análogas, possivelmente, todas com origem a partir de uma mesma matriz africana.

Utilizando-se de fontes nacionais e estrangeiras, inclusive textos e vídeos da internet, buscou-se neste livro uma possível origem da raiz religiosa Kambina, ainda que não seja conclusivo.

Sugerimos que leiam sem preconceito, com a mente aberta às possibilidades que apresentaremos, visando um melhor entendimento do Batuque.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

CAPÍTULO 1

ALGUNS DADOS SOBRE FUNDAÇÃO DA CABINDA BANTO

Neste capítulo republicaremos o artigo “Alguns Dados Sobre a Fundação da Cabinda”, publicado na revista *Olórun*, nº 89, 2022.

O nome da tradição (nação) Kambina ou Kambini do Batuque do Rio Grande do Sul, de culto Nagô, que cultua *Òrìṣà*, religião Ioruba na Nigéria, Benin e Togo, devido sua semelhança escrita com Cabinda, território de Angola, região de cultura *bantu*, criou um equívoco entre os seguidores de *Òrìṣà*, que seria, segundo muitos acreditam, a nação (segmento) Kambina, uma nação *bantu*. (Wolff, 2022, p. 08)

No entanto, se trata apenas um equívoco de alguns religiosos que nos anos 80, arvorando-se em pesquisadores e escritores, sem nenhum estudo científico, associaram Kambina/Kambini (*Nàgó*)... A Cabinda (*Bantu*).

CABINDA E O CONGO

Bembe (2014) onde faz um detalhado registro da formação da Cabinda, ilustrando os povos que a formaram e a origem deste nome. Neste texto Bembe apresenta os reinos que foram a base formadora da Cabinda:

[...]. Na sua génese, a célebre questão de Cabinda, parece indissociável ao antigo Reino do Kongo. Ela resulta da vontade insistente das suas gentes para um tratamento político-jurídico individualizado do respectivo território/enclave relativamente aos restantes do então gigantesco e poderoso Reino. Durante as lutas intestinais que contribuíram para o desmoronamento do Reino do Kongo, esses impulsos territoriais dos Cabindas¹⁴, culminaram, pela primeira vez, com a disjunção geográfica dos «reinos»¹⁵ de Kakongo, Loango e N’Goyo, que fundou o que se veio designar por Reino de Cabinda, conhecido também por N’Goyo (Marques Guedes, 2003: 75) 16.

Com efeito, no século XIX, mais concretamente entre 1883 e 1885, foram celebrados três tratados entre as autoridades portuguesas e os reis em exercício nos «reinos» de Kakongo, Loango e N’Goyo: os tratados de Chinfuma (29SET1883), de Chicamba (26DEZ1884) e de Simulambuco (01FEV1885). Este último, e mais importante, fundiu voluntariamente os três «reinos» e deu corpo a uma nova entidade territorial designada «Cabinda» em regime de protetorado português (Madureiro, 2001: 33; Marques Guedes, 2003: 75).

Com a proclamação da República Portuguesa, em 1910, o tratado de Simulambuco continuou a vincular o Estado português.

Conviria ainda não perder de vista que Cabinda, ao longo da história, teve outras designações, nomeadamente, «Porto Rico», no século XIX; «Vila Amélia» em 1896; «N’Goyo», que tem a origem em Ngó, ou seja, tigre, porque existiam muitos tigres Yó Lo Ngó (manada de tigres); em quarto e último lugar, «Tchiowa Tchimuisi»¹⁸, uma designação dada pelos *Bakulu* ou antepassados (PMC, 2011: 12).

Fica, então, evidente que os Cabindas se lançaram desde muito cedo na construção de uma morada exclusiva, onde possam ser quem são, com manifestação política notável nas escolhas voluntárias que fizeram entre setembro de 1883 e fevereiro de 1885, antes da realização da Conferência de Berlim e da partilha de África (15NOV1884 e 26FEV1885) (Bembe, 2009: 13-14).

Longe de ser um problema étnico-político que caracteriza algumas contendas violentas em África, é o início de um dos conflitos político-identitários mais longos da África Central. Constitui, também, um dos menos inquiridos e documentados do planeta. Trata-se de uma questão que, desde há muito, tem sido pouco pacífica: a do relacionamento entre Cabinda e Luanda [...].

Em 2007, o município de Cabinda publicou na internet um texto denominado Perfil do Município de Cabinda, com dados e informações relevantes, informando que o povoado se formou em 1883, e da junção de dois nomes “*Mbinda*” e “*Nfuka*”, resultou a “*Mafukambinda*”. Nas páginas 4-5, e 13 o texto informa:

[...] A cidade de Cabinda formou-se, como povoação, no ano de 1883. O facto de se localizar junto à baía do Oceano Atlântico, e mais tarde, a criação do porto, foram fatores essenciais para o seu crescimento e desenvolvimento.

Cabinda é elevada a cidade no ano de 1956, e conhece um grande desenvolvimento urbano na década de 60 e primeira metade da década de 70. Entre 1975 e 1985, devido à grande instabilidade militar, houve um crescimento, muito significativo, da população na sede, levando a um grande crescimento da zona urbana e ao surgimento da zona Peri-urbana [...].

No séc. XIX, mais precisamente no ano de 1883, segundo fontes históricas, a cidade de Cabinda forma-se, como povoação, junto da baía do Oceano Atlântico com largas vantagens para a navegação e O desenvolvimento do comércio. Estes dois fatores favoreceram o desenvolvimento do povoado. O nome Cabinda tem a sua origem na junção de dois nomes “Mbinda” e “Nfuka”, ficando “Mafukambinda”. Estes foram os primeiros indivíduos com que os navegadores europeus estabeleceram contactos quando chegaram ao reino de Ngoio. Mafukabinda era dignitário do Rei do Ngoio, ou seja, era como que intendente geral do comercio e homem de confiança de Rei, tratava de toda das transações comerciais de um modo muito especial com os Europeus [...].

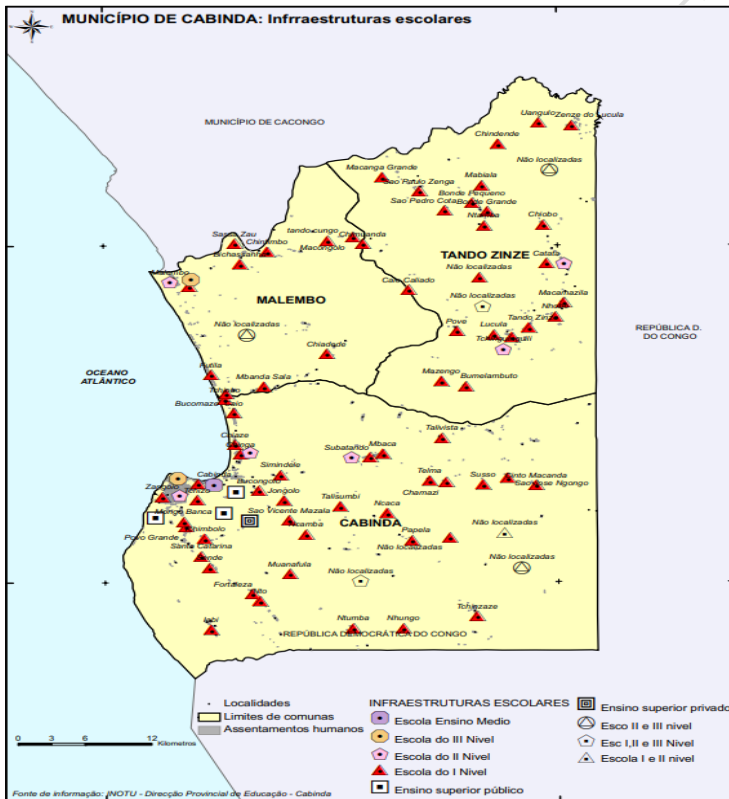
Na página 8, a (PMC) Prefeitura Municipal de Cabinda, informa que Cabinda teve outros nomes que antecederam a sua formação:

[...] Cabinda, ao longo da história, teve outras denominações, como: i. Porto Rico, no século XIX; ii. Vila Amélia em 1896; iii Ngoio, que tem a origem em “ngó” = tigre; porque existiam muitos tigres yó lo ngó (manada de tigres); iv. **Tchowa Tchimuisi** é uma designação dada pelos antepassados. Tchimuisi (nome da Sereia que habitava nos arredores da cidade de Tchowa). (o grifo é nosso) **Cabinda teve a sua elevação a cidade no dia 28 de Maio de 1956.** (o grifo é nosso)

A partir de 1960, com o desenvolvimento das atividades comerciais, assiste-se à construção de edifícios públicos e bairros residenciais e das vias rodoviárias que ligam a cidade ao interior [...].

Ainda no tema da fundação da Cabinda, o nativo Cabindense Samuel Samuka Gomes, reside atualmente no Brasil, através da conversa pelo canal Instagram, informa que:

“A província era um vilarejo de pescadores, desde 28 de fevereiro de 1919, no entanto, somente em 28, de maio de 1956, que ela foi designada província Cabinda”. (Informação pessoal)



Fonte da imagem: Google maps

CONSIDERAÇÕES SOBRE A FUNDAÇÃO DA KAMBINA

Até o momento não há registros sobre a data exata de fundação da Kambina/Kambini, segmento religioso do Batuque do Rio Grande do Sul.

Como, segundo Samuel, somente em 1956, a província da Angola recebeu o nome de Cabinda, sendo que pai Waldemar faleceu em 1935, por isso, não seria possível relacionarmos a Kambina com a atual província de Cabinda.

Importante pontuar a transtemporalidade do nome, isto é, quando um autor usa um nome atual de um local para referir ao mesmo local no passado, onde tal nome ainda não existia.

Para ilustrarmos, é comum ouvir dizer que Cabral descobriu o Brasil em 1500... Não, ele não descobriu o Brasil, porque o local por ele descoberto não tinha esse nome ainda, pois, o primeiro nome que o Brasil recebeu foi Ilha de Vera Cruz, chamado depois de Terra de Santa Cruz (Fernandes, ver biblio).

Assim, é preciso ter em mente que alguns textos quando se referem historicamente ao passado de Cabinda, podem estar recorrendo ao uso da transtemporalidade, usar a palavra atual “Cabinda” sobre um território que ainda não possuía este nome na época, tal qual ocorreu com o Brasil.

CAPÍTULO 2

O BATUQUE DO R.S.

O Batuque do Rio Grande do Sul possui atualmente quatro principais segmentos chamados: *Jeje*, *Ijesa*, *Òyó* e a Kambina. Cada um deles contendo pequenos elementos dentro dos rituais e costumes praticados por todos, porém as diferenças entre os segmentos são muito sutis, para formarem nações autônomas.

Os rituais *Nàgó* da Kambina é o tema principal deste livro, não podendo ser confundida com a Cabinda, colônia de *Angola*, ou com a *Kabinda*⁵ na região da República do Congo, ambas de origem banta, portanto, até o momento não encontramos elementos que façam a ligação entre a Kambina (*Nàgó*) e a Cabinda (Banto).

O presente estudo inicia-se a partir do fundador da Kambina, o Sr. Waldemar Antônio dos Santos, propondo uma jornada do seu nascimento em 1883, para a atualidade, destacando pontos críticos entre a estruturação e a conexão da Kambina com a cultura *Yorùbá*, e seus rituais.

Estas quatro raízes (*Òyó*, *Jeje*, Kambina e *Ijesa*) possuem liturgia, cultura e cultuo às principais divindades comuns entre elas, no procedimento com as ervas e oferendas.

⁵ *Kabinda*, ver p. 228

Dante de Laytano, em: *A igreja e os Orixás* registra que nas décadas de 40/50 havia cinco raízes religiosas distintas, conceituadas na época, chamadas de Nações, porém, ainda não mencionavam Kambina, como poderão ver no texto abaixo registrado pela Comissão Gaúcha de Folclore:

[...] NAÇÃO – O ramo ou nação do culto africano é um problema de grande importância, verificando-se, antes de mais anda, que se filia o culto negro à nação ou ramo do continente de origem, **entretanto não se pode dizer que os fiéis desse culto pertençam àquela nação ou ramo da África** [...] as populações negras não conseguiram manter-se absolutamente separadas no Brasil, isto é, o povo nação por nação e ramo por ramo. [...] foi tal o contato e mistura, tornando-se impossível estabelecer o limite de áreas que viveu cada povo da África no nosso país. (o grifo é nosso)

Atualmente, no Rio Grande do Sul, o culto africano procede de cinco nações:

- Nagô
- Gegê
- Oió
- Ijecha
- Obá
- Ijechá- Obá

Existiam em (1951) Ijecha de Yemanjá ou N. S. Dos Navegantes de suas casas quatro são gêge, um gêge ou nagô.

São as quatro gêges: Soc. Africana Brasileira N. S. Dos Navegantes (Rua Baronesa de Grataí), Soc. Africana N. S. Dos Navegantes (Rua Comendador Rheingants), Soc. Africana oito de

Dezembro (Rua Otávio de Souza) e Casa 15 de março (Rua de Livramento).

E Gêge ou Nagô: Soc. Beneficente Africana N. S. Dos Navegantes (Rua Barbedo). Quer dizer que a casa é mesmo gêge-nagô.

É nagô: Associação Africana N. S. Dos Navegantes (Rua Rodolfo Gomes).

Das do nagô, 16 apresentaram uma frequência média superior a 50, 9 com frequência média inferior a 50 e 4 com frequência média de 10 pessoas, 26 casas de madeira e três de alvenaria. Contando com um total de 148 filhos de santo prontos do sexo masculino e 158 do sexo feminino.

Das do ramo gêge, 14 casas apresentaram uma frequência média superior a 50, e 14 com frequência média superior a 50, 24 casas de madeira, 14 de alvenaria.

Contando com um total de 62 filhos de santos prontos de sexo masculino e 64 do sexo feminino.

Das do ramo oió, oito casas apresentaram uma frequência superior a 50 e 7 com uma frequência média inferior a 50 pessoas, 14 casas são de madeira e um de alvenaria. Contam com um total de 84 filhos de santo prontos do sexo masculino e 168 do sexo feminino.

Segui à risca o que se obteve do informante em assunto de nação africana.

Registramos os gêges, os nagôs, os oiós e os ijechas de Porto Alegre que oito casas apresentam uma média de 40 pessoas na frequência, e que todos os seus “Batuques” são casas de madeira

Ijecha, que conforme a lição de Arthur Ramos, na introdução à “Antropologia Brasileira”, um volume. As culturas não europeias são nações africanas, nações ou grupos que estão incluídos nas áreas da cultura Sudanesas.

Mas as culturas as culturas respectivas sobreviveram ou uma dessas culturas sobrepujou às outras.

A. Ramos classifica em três padrões, como disse as culturas negras que resistiram no Brasil.

A) Culturas Sudanesas – representadas principalmente pelos povos yoruba da Nigéria (Nago, Ijechá, Eubá ou Egbá, (Obá) Ketu, Ibadan Yebu ou Yjebu e grupos menores); pelos Fanti-Ashanti, da Costa do Ouro (grupo Mina propriamente dito; Fanti e Ashanti); por grupos menores da Gâmbia, da serra leoa, da Libéria, da Costa da Malagusta, da Costa do Marfim... (Krumano, Agni, Zema, Timini...).

B) Cultura guineano-sudaneses instaladas, representadas em primeiro lugar pelos: a) Peuhi (Fulah, Fula, etc..), b) Mandinga (Solinke, Bambara...) e, c) Haussá do norte da Nigéria; e por grupos menores como os Tapa, Bornú, Gurunsi, e outros.

C) "Culturas Bantus, constituídas pelas inúmeras tribos do grupo Angola-Congolês e do grupo da Contra-Costa."

Voltando a A. Ramos, noutra passagem de seu livro de antropologia brasileira, ao falar das culturas sudanesas e sobre quais as tribos yoruba que vieram ao Brasil, diz que “Nina Rodrigues ainda na Bahia em fins do século passado, ver negros nagôs de quase todas as pequenas nações Yoruba. Eram ainda, na sua época, os mais numerosos e influentes naquele Estado. Os

mais frequentes eram os oyó (oió), provenientes da cidade do mesmo nome do reinado do Alafin”.

Temos então, que os:

- Gêge
- Nagô
- Oió
- Ijecha
- “Obá”

Pertencem aos mesmos grupos culturais, com as subdivisões seguintes:

- a) Cultura Daomeana e o grupo Gêge no Brasil
- b) Cultura Yoruba e o grupo nagô no Brasil, incluindo-se os oió, os ijecha e os obá.

Os obás são yorubas. Há casas de nação obá em porto alegre, pois Herskovita as achou. Mais nas casas de nação gexá que o Pe. Edvino Friedrich estudou em Porto Alegre, pois ao falar no “axé”, elucida que esta palavra – “axé” foi comumente usada, no Rio Grande do Sul, pelos pretos “oio-gêge-gexás”. Bem, sobre “axé” já se falou, sinal de santo anunciando sua presença. Onde o “Axé” de búzios, que o iniciado já pode jogar os búzios ou “axé de faca” que o batuque está habilitado a sacrificar animais no ritual de sangue. “Ijecha”, yorubas que são sudaneses.

É a Nigéria yoruba como natureza do Sudão. No meu inquérito de 71 casas só responderam, e ao todo, quase totalizada absoluta de três se responde nações; Oió – gêge – nagô, que pertenciam à nação “Yjecha”. Onde os “Oba”, Obá Deusas do rio obá da cultura Yoruba? O Reino dos Yoruba? Yjecha, o mesmo que “gexá”.

Também é um problema a grafia, a redação desses nomes africanos, mantidos no português conforme a jometria, a prosódia, o som, a pronúncia.

O inquérito de 1951 deu este oito “Batuques” de nação Ijecha, que são Yorubas:

- 1- Sociedade Africana Beneficente Espírito Santo (1922) Santo da casa Oxalá ou Espírito Santo.
- 2- Sociedade Africana 16 de novembro (1935), São Jorge.
- 3- Sociedade Africana Beneficente 24 de Agosto (1937), São Jorge.
- 4- Núcleo Religioso Africano Nossa Senhora da Conceição (1942), Nossa senhora da Conceição.
- 5- Sociedade Africana São João Batista (1947), Xangô.
- 6- Sociedade Africana São Sebastiao (1948), Odé.
- 7- Sociedade Africana São Jerônimo (1948), São Jeronimo e Santa Barbara.
- 8- Sociedade de religião Africana Santo Antônio (1931), Santo Antônio (Exu – Bara Moço).

Outros Batuques responderam de forma pouco explicativa ou de maneira que estabelece a ideia de uma espécie de sincretismo também africano:

Batuque Gêge – Ijecha Centro de Religião Africana de Santa Barbara.

Batuque Ijecha – Gêge São Pedro.

Batuque Ijecha – Oió Sociedade Religião Africana Santo Antônio.

Batuque Toque africano (?) – Sociedade Beneficente Recreativa 1 de maio.

Batuque Nagô – Umbanda - Sociedade Beneficente 29 de Setembro – Fundada a 29 de setembro de 1950. É a primeira que aparece como Umbanda.”

A verdade que 80% a 90% dos batuques são mesmo gêge, oió, e nagô acrescentam-se entre os 71 estes oito yjecha ou estes cinco que diríamos “misto”. Misto não é a palavra própria. Mas serve.

A verdade que estas “nações” é que ocupam o espaço espiritual africano de Porto alegre, e naturalmente do Rio Grande do Sul.

Assinalam-se as épocas diferentes dos quatro relatos, suas respectivas procedências no tempo: Herskovista (1942), Laytano (1951), Bastide (1952) e Friederichs (1958).

Revisando, retificando e corrigindo dados, creio que faria esta média de “Batuque” em Porto Alegre, guardando-se as proporções, etc.: 24 de nação “nagô”, 21 gêge, 13 oiós e oito yjechás, mais cinco “variadas”, num total de 71. Que hoje já cresceu a proporção deve ser outra, caso se fizesse novo exame anualmente. Mas a posição deve ser outra, caso se fizesse novo exame anualmente. Mas a posição de fato é está sob o ponto de vista das “nações”. Não se alterou o quadro a não ser a maneira imperceptível, ou pouco perceptível. E os ”obás”?

INTRUMENTOS – Os instrumentos empregados nas reuniões são, aqui, quatro: agê, tambor, agôgo e campainha.

Vendo através de umas seis casas, o uso dos instrumentos, temos o quadro que segue:

Localização em Porto Alegre: da Rua Rodolfo Gomes; um tambor, uma campainha e 1 agê. Da Rua Otávio de Souza; 1 tambor, 1

campainha e 2 agês. Da Rua Barbedo; tambores, agê, campainha e agogô. Da Rua Livramento; 2 tambores e 2 agês, tamanhos médios. Da Rua Baronesa de Gravataí; tambor e agê. Da Rua Comendador Rheigabtz: três tambores, dois agês e uma sineta.

Os informes, não tem muita unidade porque alguns não fazem referência ao número de instrumentos, há os que descrevem o tamanho e outros não e finalmente os que dão os dois nomes para a mesma coisa: sineta e campainha. O principal é assinalar o tipo de instrumento, o que se fez sem dificuldade.

APETRECHOS – Os apetrechos correspondentes a casa um dos deuses também é disposição de sentido religioso. Todos possuem gamelas, bacias, quartinhas, vasilhas, tigelas, e etc... Mas os deuses têm de qualquer forma tratamento especial.

- Búzio, algodão, prata, bacia branca com seus pratinhos, bastão para Oxalá.
- Cachimbo, pedra, corrente, foice, canivete, para Exu.
- Cobra e corrente com acessórios: apito, canivete, etc..., espada para Ogum.
- Coroa de espinhos numa vasilha de barro, bastão, revolver, para Omulu.
- Pedra em forma de machado, uma gamela, ou pilão, balança, para Xangô.
- Pedra em forma de coração e uma vasilha de louça, pratos, para Yansan.
- Boneco de madeira, bodoque para Oxossi.
- Leque, búzio, campainha, pulseira de barro, para Nanã.
- Leque, pedras, conchas, búzio, dinheiro, tigelas, barro, para Yemanjá.
- Leque, algodão, moeda, para Oxum.
- Barro, pedra, algodão, para Oxumaré.
- Maleta, bastão, para Locô.
- Manto, capa, para Obatalá.

- Duas vistas, para Orum⁶.
- Navalha, bastão, para Ifá⁷.
- Livro, dois santos de madeira, para Beji.
- Corrente, capa, para Osseinha (?).
- Manto com roda, para Obá.

GRITO OU SALVA – A saudação ritual para cada um dos deuses recebe a determinado grito ou salva.

- Epa-ô ou Epa-pa-paô (Oxalá)
- Alupô ou Salupô (Exu)
- Ogunhê (Ogum)
- Abaô (Omulu)
- Caô (Xangô)
- Epa lio ou epaciô (Yansam)
- O quê, euquê ou Oquê-bami (Oxossi).
- Ie-ieu (Nanan)
- Ô-mio, omio, odó omiu ou omio-odá (Yemanjá).
- Ie-ieu (Oxum)
- Ie-ieu (Oxumaré)
- Eu-eu (loco)
- Eê-hó, echô (Ifá).
- Etum-cao (Beji)
- Epaô (Obatala e Orum)
- Exó (Obá) [Dante, p. 50 à p. 54].

Neste texto Dante de Laytano informa os segmentos religiosos do Batuque que eram conhecidas entre 1948 e 1956.

⁶ “Os dois olhos para Orum” fazem parte dos fundamentos de Oromilaia, uma divindade que tem dificuldade de enxergar, cultuada no Batuque do R.S., ele está vinculado ao jogo de búzios nesta religião, e não tem nada a ver com *Ôrúnmilà-Ifá*. Lembrando que não fazem feitura, nem existe possessão da divindade *Ôrúnmilà*. (a nota é nossa)

⁷ Dante ao registrar *Ifá*, informa a navalha (ferramenta de Obá) e a saudação Echô, a mesma usada para Obá, descartamos então a relação com *Ifá-Ôrúnmilà*. (a nota é nossa)

Importante ressaltar que **nenhum segmento *Bantu* foi mencionado.**

Laytano não cita em seu trabalho nem mesmo a Kambina ou *Kambini*, que na época já era praticada pelos descendentes do pai Waldemar.

CAMBINA/CAMBINI

Norton Correa (1992, p. 50) cita: “Cambini ou Cambina (de Cabinda, porto e hoje país da África)”; entretanto, não esclarece como chegou a esta conclusão.

Ainda na página 55, fazendo constar apenas as palavras “*Cambini* ou *Cambina*”. Conforme informado acima, seria o nome original que os mais antigos falavam.

Entramos em contato com o professor Norton, através do e-mail de contato do professor, na data 31/07/2022, em busca de mais informações que pudessem nos ajudar nas pesquisas sobre a origem banta citada em seu livro, que informou:

“Quando comecei a pesquisar sobre o batuque, em 1969, esta modalidade ritual era pouco conhecida, ouvi várias pessoas se referirem a ela como cambini ou cambina, o que parece refletir sua pouca presença, na época.

Inclusive um tamboreiro respeitado e que tocava em diversos templos me repetiu estes termos. Embora o termo seja de origem banto, o ritual de cabinda tem diferenças muito pequenas das demais modalidades, com os dados históricos que se tem, acho muito difícil de saber se foi trazida por alguém ou criada aqui. A

frase citada faz parte de uma listagem que fiz sobre as modalidades rituais do batuque” (comunicação pessoal).

Ainda na questão do conceito de Nação, e a sua origem, observando que a Cambina pratica ritual *Nàgó*, solicitamos mais informações, perguntando qual foi o critério utilizado para classificá-la como banto no seu livro sobre o Batuque, e o professor nos respondeu:

“Não sei se a cambinda pratica o ritual nagô, especificamente, e muito menos se alguém a está classificando como banto. O nome é, sem dúvida, desta origem, mas não quer dizer que o ritual seja.”

Norton (2002), no artigo “Mãe Moça de Oxum”, menciona novamente “Cambina”:

[...] Há cinco tradições ou "lados" no batuque, cada uma com algumas características rituais próprias: jexá, nagô, jêje, cambina e oió. É nesse último que a Mãe Moça da Oxum vai-se iniciar formalmente. [...]

Na nota número um, deste mesmo texto, o professor Norton informa que conservou a pronúncia de certas palavras, que foram "alteradas" com o passar do tempo:

[...] Nota 1. Conservei a pronúncia de certas palavras usadas no culto, como “jexá” (ijexá) ou “**cambina**” (cambinda), embora, sabe-se, foram alteradas pelo passar do tempo. (o grifo é nosso)

Norton (2020), na live do canal Heranças Afro, no Facebook, reafirma ser “Cambina”, como se falava nos anos 70:

Norton minutos 01h38min: 20

[...] o Waldemar do Kamuka, eu acredito assim que a história da cabinda foi uma criação recente, assim... Por que antes disso... Quando eu estava pesquisando, era uma coisa muito pouco conhecida, muito, muito pouco conhecida... Era muito pouco conhecida... Eu lembro assim que o Ademar do Ogum, que circulava muito nesse meio,... Ahhh chamam cambina ou cambini, quer dizer não era uma coisa assim, bem conhecida, na época isso aí por volta de 69 para 70, início de 70... [...]

Professor Denis sugere ao professor Norton, a possibilidade de Cambina ou Cambini seria um vício de linguagem:

Professor Denis, min 01h39min: 19:

[...], mas foi bom o senhor... Esta terminologia que o senhor usou cambina, cambini, na verdade era um vício de linguagem, né assim como o gejo né? Não é que seja o nome da Nação, NE, era um... [...]

O professor Norton completa descartando a possibilidade ser um vício de linguagem, pois a Kambina não era conhecida na época.

Norton minutos 01h39min: 42

[...] não, mas eu acho assim, que é diferente, porque se ele fala em cambini ou cambina é porque não era uma coisa assim

popularizada como hoje, isso que eu quero dizer. [...] não, não era conhecida... É cambinda, cambini, eu ouvia essas coisas [...].

Novamente voltando a página 55 do livro “O Batuque do Rio Grande do Sul” os informantes do professor Norton não fazem nenhuma relação com a *Cabinda Banto*, nem sequer comentam. Confira:

Cambíni ou *Cambína*.

[...] É um lado, pelo que sei, com poucos templos, igualmente, em relação aos outros, embora em maior proporção do que o nagô. Talvez haja cerca de cinco chefes autodenominados de *cambíni*. E mesmo assim, inserem, apenas, elementos desta origem em meio aos de jexá, que domina o ritual.

Segundo Ayrton do Xangô, quem trouxe o *cambíni* para porto Alegre, foi o **Gululú, um africano que morava no antigo Beco do Poço**, e falava português muito mal. Pertencem, hoje, ao *cambína* os pais de santo Romário do Oxalá e um filho-de-santo seu Luiz da Oxum. Na linhagem ritual que vai deste último ao *Gululú* temos a Madalena, mãe-de-santo do Romário, e o Valdemar de Xangô, pai-de-santo desta e filho-de-santo do africano. [o grifo é nosso]

Conforme o Luiz da Oxum, a maioria dos elementos do ritual – orixás, comidas – são idênticos aos do jexá. Há algumas diferenças nos números míticos que cada um tem: o Ogum, 5 (enquanto nas outras modalidades, 7); *Odé* 13 (e 7); *Ossãe* 11 (e 7) e *Iemanjá*, 9 (e 8).

O *babaláu* Miguel do Xangô vê muitas semelhanças e poucas diferenças entre este lado e o seu, (jêje-jexá). Uma das diferenças

que assinala é no culto ao Léba, um orixá que cuida nos fundos do templo. Segundo o Miguel, faz-se um buraco e ele é sentado (fixado ritualmente) num cutá (pedra sagrada) lá embaixo, sob a terra, onde recebe sacrifícios de animais. Após a matança, feita de 4 em 4 ou 7 em 7 anos, acendem-se velas e fecha-se o buraco. De minha parte, noto diferenças no ritmo e modo de bater o tambor, cujas características lembram as da capoeira da Bahia [...].

Como observamos anteriormente, a Comissão Gaúcha de Folclore, liderada por Dante Laytano não fez nenhum registro da Kambina no final dos anos 40 e 50, ainda que existisse antes; muito possivelmente, a Kambina só ganhou destaque e notoriedade após os anos 60.

Etnograficamente, a divulgação da raiz Kambina só ocorreu com o lançamento do livro de Paulo Tadeu (1983), por sua conta e risco, passou a utilizar a palavra *Cabinda*, com o aval de vários sacerdotes de renome da época, e determinaram de forma unilateral que este seria o nome da “nação”, e que esta seria *bantu*, com origem em Cabinda, território de *Angola*, sem, entretanto, apresentar nenhuma prova que justificasse tal afirmação.

Apesar disso, sua origem *Bantu* foi aceita sem questionamentos por entre os “batuqueiros”, mais por falta de informações, do que por comprovações.

Porém, tal autodeclaração de identidade étnica parece não ter comovido a comunidade científica, pois Norton (1992), não faz nenhum registro de Cabinda.

Os informantes de Norton narram que a Kambina era muito semelhante aos rituais *Ijesa*, no entanto, observamos que todos

os segmentos do Batuque (*Jeje, Ijesa, Òyó, Moçambique* e a Kambina) se assemelham, havendo poucas diferenças.

Também, Rodrigo Leistner (2014), em sua tese de doutorado, argumenta que o lado Kambina não possui elemento *Bantu*:

[...] No Rio Grande do Sul, os “lados” ou “nações” existentes são o Oió e o Ijexa, de tradição Iorubá (Nagô); o Jeje, relativo às culturas base Fon, e ainda a Cabinda, que apesar de sugerir uma possível vinculação com as tradições Bantas não demonstra qualquer elemento proveniente dessa origem. [...]

A página do Jornal do Batuqueiro em 2019, fez uma das suas primeiras postagens divulgando uma publicação de 1959, em destaque o mestre Borel.

Na ocasião, o jornal do Batuqueiro chamou a atenção pois se tratava de um registro da época de uma suposta afirmação da denominação Cabinda, para a nação fundada por pai Waldemar. Vejamos a seguir:

[...]

Diário de notícias(RS), Domingo 5 de julho de 1959

OCUTÁ: CRENÇAS DA IDADE DA PEDRA REVIVEM NO SÉCULO XX

Filho de Santo da linha Nagô de Porto Alegre fala sobre a Africanologia-Deuses da raça se representam em forma de uma pedra-sincretismo Nagô Católico-personificações-aspectos fundamentais do Afro Rio-grandense

Por: Rui Piratini

PRESENÇA DO NEGRO NA VIDA DO RIO GRANDE:

Quando o negro veio para o Brasil- diz. Borel (Walter Calixto)

Trouxe consigo sua crença milenar baseada na Natureza, seus Deuses os Orixás, representados em forma de uma pedra. Denominada de OCUTÁ: que corresponde a um elemento da Natureza, a religião Africana que muitos chamam de “Batuque” não é mais nem menos do que um vulto trazido para cá pelos pretos escravos, subdividiam-se em várias linhas correspondentes às principais Nações Africanas, diferenciadas por seus dialetos, costumes próprios e diferenças de rituais.

As linhas do meu conhecimento são: **Cabinda**, Moçambique, Bantú, Jeje, Ijexa, Oió e Nagô.” (o grifo é nosso, ver anexo)
[...]

Fomos em busca da fonte primária para checar a palavra cabinda, publicada na transcrição da página Jornal do Batuqueiro, para verificarmos a informação citada pela página.

Rui Pratini para o *Diário de Notícias*, 1959, pg. 12, entrevista mestre Borel, que informa:

[...] As linhas do meu conhecimento são: **Cambina**, Moçambique, Bantú, Jeje, Ijexá, Oió e Nagô. [...]
(o grifo é nosso, ver anexo)

E o jornal Diário de Notícias destaca:

[...] A crença do Negro é baseada na natureza. Seus Deuses são os Orixás. Tem as linhas: **Cambina**, Moçambique, Bantú, Jeje, Ijexá, Oió e Nagô [...] (o grifo é nosso)

Entretanto, para o programa *Ancestralidade Negra em Porto Alegre*, 2013, mestre Borel fala:

Minuto 27h22min,

[...] pai de santo da minha mãe, que era cabinda, de origem, era negro de origem, chamava-se Waldemar [...].

Bàbá Leoni de *Ògún* criou um grupo no Facebook que atualmente possui 27.200 membros. A princípio deu o nome de “Nação Cabinda do RS”, entretanto, entendeu que deveria mudar o nome da comunidade para “Nação Kambina do RS”, pois informa que seria uma homenagem póstuma à sacerdotisa dele, mãe Tuca de *Òsún Oloba*, pois ela falava “Kambina” e, ele, ainda moço, levado pelas novidades da época e influenciado pelo livro do Paulo Tadeu, dizia “Cabinda”.



Antigo nome da comunidade

Nação Kambina do RS

🔒 Grupo Privado · 27,2 mil membros



Atual nome da comunidade

A mudança do nome da comunidade do *Bàbá* Leoni de *Ògún* gerou algumas contestações, no entanto, nenhum dos argumentos o convenceu.

Observamos que mestre Borel (Walter Calisto) em 1959 usava o termo Cambina, registrado por Rui, no entanto, em 2013, não sabemos o que levou o mestre Borel a mudar para Cabinda.

Outro detalhe que não podemos deixar sem observar, que Borel informa que pai Waldemar era “negro de origem”, porém, também não deixa claro a origem que se refere.

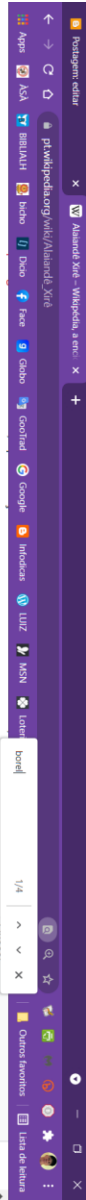
O tamboreiro Pai Jorge do Ogun, informa que pai Borel, morou durante um tempo na casa da mãe Menininha do Cantoá, ainda viva, pois havia grande afinidade entre eles.

E completa que pai Borel falava um bom *Yorùbá*, e que ele e mãe menininha conversavam nesse idioma.

A fama de pai Borel pelo Brasil marcou muitos momentos. Luiz L. Marins, conforme ouviu de Aulo Barreti, diz que nos encontros do Alaiande Xire, Pai Borel apresentava as cantigas do Batuque para os ogãs do candomblé, inclusive dentro do próprio Opô Afonja.

Segue as imagens do evento Alaiandê Xirê – Festival Internacional de Alabês, Xicarangomas e Runtós, a seguir:

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



e lançamento do livro *Ào sabor de Ojá*, de Cleo Martins, coordenadora geral do evento. Expressão em torulda que significa algo como "a festa do grande tocador", o Alairandê Xiré é uma espécie de celebração da música sacra das diferentes nações do candomblé, participam terríveis como a Casa Branca, Gantois, Baile Folha, Bogum e Pilão de Prata, entre outras. Os temas são variados, indo da própria mitologia dos orixás a questões mais contundentes como ética e intolerância religiosa. Ou ainda - um ponto sempre polémico - o momento do transe.

A primeira mesa, Xangô, Oxum, Ojá e Obá nas diferentes nações conta com professores estadunidenses, franceses e espanhóis. Nas demais, nomes ligados ao cinema e teatro (Chica Xavier, Clementino Kelé, Márcio Menezes), literatura (Antônio Olinto e Idáseo Tavares), Ysamu Flores Peña da Universidade da Califórnia, Los Angeles, Estados Unidos, antropologia (Julio Braga, Raul Lody, Angela Luhning), psicologia (Monique Ayras, Antonio Moura, Jorge Akkijó), direito (Ilana Viana, Pedreira Lapa) e religião (monge Dom Anselmo, irmã Paola Sadri). Além, claro, de representantes do próprio candomblé, como o pai de santo gaúcho Walter Calixto, Pai Bori, que é ogá alade e vai falar de sua resistência religiosa no Rio Grande do Sul.

VII Alairandê Xiré



VII - título e data do evento: *Xangô debta os cursos para Oxóssi e Exu: Grande Senhor da Floresta e o Aivesso do Aivesso*. Debate sobre ecumenismo ecológico realizado de 25 a 29 de Agosto de 2004. Local: Pátio de Xangô, do Axé Opô Atorjá.^[19]

Foi um encontro das nações de candomblé, que aconteceu de 25 a 29 de Agosto de 2004 no Ilé Axé Opô Alenjá este ano, foi dedicado a Oxóssi (Ojá) e Exu e homenageia as instituições e personalidades que se voltam à preservação, conservação e ampliação dos recursos naturais, do equilíbrio ecológico e da melhor qualidade de vida de todos as seres, homenageando também, o Teatro - o mensageiro impar da Natureza Viva. No Candomblé a preservação da Natureza é fundamental. Na defesa do meio ambiente unem-se representantes de várias realidades no **Debate sobre ecumenismo**



Ysamu Flores Peña da Universidade da Califórnia, Los Angeles, Estados Unidos.

A Kambina Nagô e o *Kamuka* na Nigéria

Postagens editadas

pt.wikipedia.org/wiki/Alalandê_Xirê

Alalandê Xirê - Wikipédia, a enciclopédia livre

Alalandê Xirê - Wikipédia, a enciclopédia livre

00 Aê Opô Anonjã, amta piasitooUOCHUIJ-Expositores: Prof. Dr. Oropé Serra Oga, Prof. Dr. Angelo do Prado Pessanha (Babalaxá do Ilê Axé Alá-ntilê Xangô Moinho-Macacé), Antropólogo UFFN/IniciorRJ), Deastador: Prof. Mestre Luiz Carlos Austregésilo Barbosa (Iperilôdo do Ilê Axé Opô Anonjã, Anunã do Ilê Babá Adeboluá), Médico Psiquiatra/FTC/BA).

A sempre jovem velha guarda dos terreiros: "a roda de bambá":

- Presidência: Kátia Alexandra Barbosa (Marcia Mubenguiá do Bate-Folha, Filósofa),
- Expositor: Gilberto de Ewu (Oloqum Aba do Ilê Axé Oxum Mutuá/SP
- Açodá do Ilê Axé Assiujá/SP,
- Presidente do Instituto de Orixá, Cultura e Tradição;
- Presidente do Afoxé Omom Dadá/SP
- Participantes: Arielson Conceição Chaves (Ogã decano e Elemaxô do Ilê Axé Iá Nassô Oca), Presidente da Sociedade Civil São Jorge do Engenho Velho); Eivaldo Papadimitra Araújo (Alabô do Ilê Axé Iá Nassô Oca), Presidente da Sociedade Beneficente Cultural, Civil e Religiosa Nossa Senhora da Conceição); Manuel (Papai) Nascimento Costa, Babalorixá do Sítio de Pai Adão (PE); Walter Calixto Ferreira -Pai **Bodô** (RS); João Antonio Ferreira dos Santos (Ogã e Presidente da Sociedade Santa Barbara do Terreiro Bate Folha); Antonio Luis Figueiredo (Ogã do Ilê Axé Iá Nassô Oca); Vice-Presidente da Sociedade Civil São Jorge do Engenho Velho); Babalorixá Air José de Sousa do Terreiro Pílo de Prata e Presidente da Sociedade de Preservação Cultural Axé Bamboxô Obilicui); Esmeraldo Hemetério Santa Filho- Xuxuxa do Terreiro Tumbá Jangara; Luciano Maurício Esteves Osielby (Balé Xangô do Ilê Axé Assiujá/SP); Adriano de Azevedo Santos Filho (Ogã de Xangô do Ilê Axé Opô Anonjã, Balôá do Ilê Axé Assiujá/SP; Ogã do Ilê Babá Adeboluá)

Exibição dos filmes:

- Cidade das Mulheres, um filme de Lázaro Fariás;
- Axé do Acajalêô, um filme de Páia Ribeiro.

XI Alalandê Xirê

XI - título do evento: Xangô dobra os cursos para o cemitério da imigração japonesa no Brasil

Conforme vimos nestas imagens mestre Borel é referenciado como representante do Candomblé; na verdade em momento algum nas imagens citam que ele pertencia ao Batuque.

Isto nos levar a pensar, como hipótese, na possibilidade do pai Borel, ao apresentar as cantigas do Batuque em casas de Candomblé, ter influenciado os músicos candomblecistas a reproduzirem algumas cantigas de Batuque em seus rituais, e o inverso também pode ser verdadeiro.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

CAPÍTULO 3

O INÍCIO DO CONCEITO DE RAIZ *BANTO* NO BATUQUE DO R.S.

Como vimos até agora, os *Bantu* não foram citados por Dante, na Comissão Gaúcha de Folclore.

Tal citação começa a ser difundida por Paulo Tadeu que em 1983, introduz este conceito de Nação *Cabinda* e a sua correlação *Banto*, em seu livro “*Os Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás*”, criando assim a cultura *Bantu* entre os iniciados da família dele, consequentemente ficando popular entre as outras nações do Batuque.

Este livro foi relançado em 1994, acrescido de fotos dos sacerdotes e adeptos de várias famílias religiosa do Batuque, com um importante acréscimo à página 33, na qual o autor tenta explicar a então (nova) Nação *Banto Cabinda*, conforme seu entendimento:

“A diferença entre *Cabinda* e *Cambinda*:

[“...”] Quando você, Babalorixá ou Yalorixá, se refere à Nação de Orixás *Cambinda*” está se referindo à DANÇA FOLCLÓRICA NA QUAL OS DANÇADORES, DE CÓCORAS, SE MOVEM AO SOM DA MÚSICA”? Ou, está se referindo àquela Nação de orixás? ...

Na Nação Religiosa de *CABINDA*, há o ritual da dança (cambindas).

Dos escravos africanos que trouxeram a religião ao Brasil havia *BANTOS* (negros cabindas, entre outros).

A Nação de *CABINDA* (*Angola*) se encontra na África, tal qual *OYÓ*, entre outras...

Havemos por bem, de, pedindo licença, chamar a atenção dos mestres de ensinamentos, seus adeptos, e, daqueles que escrevem para os meios comunicativos para que, ao se referirem à *CABINDA* (Nação dos Orixás) ou à *CAMBINDA* (dança folclórica) o façam assegurando a diferença, sob pena de confusão daqueles que vão tomar conhecimento, e dos leigos em geral. (P. 33)

Há no Estado do Rio Grande do Sul (Brasil) uma arraigada mania de os religiosos, expressem “*cambinda*” quando falam naquela Nação de Orixás; *CABINDA*. Assim procedendo, estes religiosos continuarão alimentando a corruptela linguística e alterando aquele sentido.

É necessário que os nossos Mestres de Ensinamentos Religiosos atentem, com precisão, estas diferenças com vistas a colocar um ponto final nestas distorções.”

A partir desta data e através do seu livro, o escritor Paulo Tadeu cria o conceito Nação *Cabinda Bantu*, sem explicar como chegou a esta constatação, ignorando a divindade *Yorùbá Sàngó* para a qual Waldemar foi iniciado.

Coletamos este artigo do blog Danças Folclóricas que detalha grupos de dança Cambindas, para mostrar o embasamento o que o escritor Paulo Tadeu usou (ver anteriormente a página 43), vejamos:

"Cambindas são grupos coreográficos existentes na Paraíba, dos quais Rodrigues de Carvalho, em 1903, dá notícia: "Os dançadores levam todo o tempo acorados num movimento de sapo, que acompanha a música"."

Luís Saia, chefe da Missão de Pesquisas Folclóricas enviada em 1938 pelo Departamento de Cultura da prefeitura de SP ao Norte e Nordeste, declarou que já naquela época não se dançavam as *cambindas*, substituída por um bailado semelhante ao maracatu pernambucano, seja, cortejo conduzindo uma boneca.

Havia outrora em Recife, PE, grupos semelhantes aos maracatus e também chamados *cambindas*, sobre os quais Guerra-Peixe colheu informações que permitem agrupá-los em três versões:

Eram 'nações' organizadas à semelhança dos Maracatus, aparecendo na ocasião do Carnaval. Isso equivaleria quase a dizer que os 'cambindas' eram os mesmos Maracatus, não obstante as possíveis variações criando diferenças entre uns e outros grupos.

Eram 'nações antigas' constituídas unicamente por 'negros africanos e seus descendentes' mais próximos. Nesta informação não houve menção à indumentária, mas esclarece que os '*Cambindas*' não saíam nos dias de Carnaval.

Explica tratar-se de grupos em que predominavam ‘negras vestidas de baiana’. Participavam também mestiços e brancos — estes pintados de preto. Além de ‘rei’ e ‘rainha’, havia personagens imitando os diversos postos de uma corte real, afora uma ‘quantidade de crianças’ de ambos os sexos, ‘de dez a doze anos’, usando ‘quepes e trajando paletós’ enfeitados com bordados transversais no peito. Tais agrupamentos exibiam-se no Carnaval.

O “grande número de baianas” teria motivado, segundo o informante, o folguedo ser chamado ‘as *Cambindas*’, isto é, ser designado no feminino. A mesma pessoa concluiu afirmando que ‘*Cambindas*’ não passava do designativo particular de um único grupo, ou melhor, dos diversos ajuntamentos da mesma espécie, apenas um chamava-se ‘*Cambindas*’. “As nações mais antigas tinham nome de *cambindas*”.

Recorrendo à memória popular, viva nos cantos do maracatu, Luís da Câmara Cascudo informa: “O mais tradicional maracatu do Recife, o Maracatu-Elefante, alude insistentemente nas cantigas como sendo Cambinda-Elefante:

Cambinda Elefante / Na rua! / Chegou Cambinda-Elefante / Dando viva à Nação! / Vamos vê Cambinda-Elefante, / Nossa Rainha já se coroou! / Vamos vê Cambinda-Elefante / Vadiá com alegria! "".

Sugere Oneyda Alvarenga que o nome deve provir da designação étnica dos negros que executavam a dança, pois *cambindas*, ou *cabindas*, são os “mesmos congos que vieram para o Brasil intimamente ligado aos angolas” (Artur Ramos).

"Acrescendo a esses fatos as coincidências coreográficas encontradas em Recife e na Paraíba, a autora supõe que os cambindas constituíram a base do que viria a ser atualmente o maracatu".

Desta forma, tudo indica que Paulo Tadeu equivocou-se ao relacionar o segmento do Batuque Cambina com *Cabinda* (território angolano), conceituando a Cambina como uma dança ou um grupo folclórico, induzindo os “batuqueiros” a pararem de usar o termo identidade étnica Cambina ou Cambini, como era conhecida na época, para adotarem uma nova identidade agora banto.

Possivelmente este equívoco de Paulo Tadeu entre Cambina e Cambinda, ocorreu por falta de conhecimento por uma similaridade linguística, porém muito comum entre os brasileiros que não dominam os idiomas nativos africanos.

Observamos que muitas palavras do *Yorùbá* possuem semelhança, sendo totalmente admissível, trocar palavras quando não se domina o idioma corretamente. Basta ver o exemplo da palavra “axé”⁸:

YORÙBÁ	IORUBÊS ⁹
- Àse: festa, entretenimento.	assê
- Ase: um tipo esquilo.	assê
- Asé: coador.	assé
- ãsè: porta larga.	ãssé
- Àsé: menstruação.	axé
- Àse: lei, ordem, instrução, comando.	axé
- ãse: amém.	ãxé

Se uma simples palavra “Àse” pode gerar muita confusão, imaginemos como seriam nos anos 80.

Possivelmente foi uma tentativa de encontrar uma identidade religiosa, uma atitude muito nobre, no entanto, na direção equivocada.

No Livro “*Os Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás*”, notamos que Paulo Tadeu deixa de citar que em território africano existe uma diversidade muito grande de divindades, e nem todas são *Òrìṣà*. Entres os diversos cultos e povo encontrou as divindades *Vodun*, *Nkissi*, *Bakuros* e outros.

⁸ <http://iledeobokum.blogspot.com.br/2009/11/quando-ase-nao-e-axe.html>

⁹ Expressão idiomática para significar a grafia adaptada do fonema ioruba adaptado ao português.

Porém, sabemos que a origem do culto a *Òrìṣà* está entre os *Yorùbá*. Seria um equívoco nosso acreditar que os fundadores do Batuque não tinham conhecimento disso.

A seguir no livro “*Não somos filhos sem pais: História e teologia do Batuque do Rio Grande do Sul*”, o Afro-teólogo Dr. Hendrix Silveira (2020), cita os *Bantus*:

[...] Na capital, o Batuque se propagou em diversas denominações chamadas de “lados” ou “nações”, que são: Cabinda, Oió, Jeje e Ijexá [...].

[...] Diferente do que ocorreu na Bahia, os negros trazidos para o estado, na sua maioria, de bantus [...] Aparentemente, os bantu se identificaram com as crenças dos *yorùbá*, praticando e seguindo seus preceitos e fundamentos. [...] O termo Cabinda é de origem bantu e, embora pratique uma religião que mais parece uma mescla de elementos da cultura Jeje com a Ijexá, é bem diferente dos outros “lados”. Creio que negros originários dessa região de Angola formaram um tipo de irmandade ou sociedade, adotando os aspectos religiosos dos *yorùbá*, mas como não há fontes que confirmem isto, todo o tipo de explicação que se tente dar não passa de meras especulações.

Justamente por serem os bantu a grande maioria dos escravizados em solo gaúcho, após a abolição não havia motivos para que voltassem à África como fizeram os baianos.

No Rio Grande do Sul, além de haver problemas econômicos, pois os escravizados foram largados sem “eira nem beira”, caso conseguissem voltar para a África, voltariam para Angola, Congo ou Moçambique e não para as terras *yorùbá*. [...] p. 90

[...] A Nação Cabinda é a mais controversa de todas já que Cabinda é um enclave angolano – território bantu, portanto – mas cultua os *Òriṣa* e os *Vodun* do complexo cultural jeje-nagô e não os *Nkisi*, as divindades cultuadas entre os bantu. [...] p. 96

Conforme escrito, literalmente o Dr. Hendrix afirma que na Cabinda cultuam orixás e voduns, no lugar de *mKissi*, assegurando ainda, sem embasamento, que **“Gululu, um nome claramente de origem bantu.”**

Entre a afirmação das divindades cultuadas pelos Cabinda de Angola, a origem dos negros que viveram no Rio Grande do Sul e as diferenças da Kambina do Batuque, estes pontos em aberto pelo Dr. Hendrix, possivelmente, sejam decorrentes por ele não dominar os estudos sobre o povo Bantu, conforme informou ele mesmo em redes sociais, no grupo *Batuque RS*¹⁰:

“Não sou um estudioso dessas outras tradições. Veja como eu as estudo. Apenas conversei com babás que me disseram isso. Se discorda tudo bem.”

Entretanto, recentemente, o professor Denis de Odé, 2022, durante a *“Live Aulinha de Domingo”*, na página Heranças Afro, afirmou que a *“Cabinda¹¹ é Nagô”*:

¹⁰ Ver nas referências virtuais.

¹¹ Cabinda que os antigos conheciam como Cambina ou Cambini, um segmento

33h29min min.

[...] Então esta questão aí, é complexa, i o pessoal que está propondo também o nome Cambini, ele está dizendo, ahhh então vocês provem que a Cabinda, ahhhh, é Banto, só um pouquinho, o nome não tem nada a ver com o culto, tá, o Waldemar, o Pai Waldemar, pode ter se iniciado com o Gululu e ter outras relações depois de certo tempo ter mudado, a gente não sabe também se o Gululu não cultuada orixá direto, entendeu, então, não tem disso aí, ahhh, por que vocês são Banto, você tem que cultuar nKissi, uma coisa, é uma coisa, outra coisa, é outra coisa, o nome, não tem anda a ver com o culto, isso é que deixa claro, é que o nosso culto não cultua nKissi, então cultua orixá, vocês são Nagô, não, a CABINDA É NAGÔ, a gente não sabe o nome de Cabinda, não foi uma homenagem a algum ancestral, a gente não sabe nem se o Gululu, também não fez isso a uma homenagem a um ancestral, entendeu [...].

Como vimos, estas informações contribuem para que a raiz Kambina seja fundamentada nas origens *Yorùbá*, sem registros de elementos *Bantu*, e, em simultâneo, demonstra a forte ligação entre *Sàngó* e os ancestrais.

Apesar do tema Nação ser importante para conceituarmos corretamente a estrutura religiosa e social do Batuque do R.S. e suas atuais tradições *Òyó*, Kambina, *Ijesa* e *Jeje*, há poucos elementos de diferenciação que possam distinguir uma nação de outra, que justifique o uso da palavra “nação”. Isto nos permite repensar o conceito de Nação no Batuque do R.S.

Assim, o Batuque sugere a noção de uma única “Nação” afro-gaúcha, com quatro denominações, lados, ou raízes, ou

religioso do Batuque, a citação não tem referência a província Angolana.

costumes, mas que possuem um mesmo ritual litúrgico, divindades e cantigas, com poucas mudanças significativas.

Relembrando, conforme o conceito de Nação do professor Vivaldo da UFBA, já citado, qualquer uma das Nações Afro-brasileiras do Batuque, Candomblé ou qualquer outro segmento da nossa diáspora, não possuem representação política com nenhum Estado ou etnia Africana.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

CAPÍTULO 4

RITOS ANCESTRAIS NA MATRIZ YORUBA

Em 2021 registramos os rituais fúnebres do *Elégùn Sàngó do Aláàfin* de *Ọ̀yó*, Nigéria.



Elegun Sango Koso Sangodele Ibuowo,
crédito imagem Dra. Paula Gomes

Com a morte do *Elégùn Sàngó Koso Sàngódele Ibuowo, Aláàfin Ọ̀yó*, em sete de dezembro de 2021, após alguns dias os rituais seguem com um cortejo saindo do palácio do *Aláàfin*, e caminhando pelas ruas de *Ọ̀yó*, pois segundo a tradição, ao falecer um membro idoso, os descendentes e

comunidade deverão festejar, pois consideram que ele cumpriu toda a missão¹². Vejamos:



p

O cortejo pelas ruas,
crédito imagem Dra. Paula Gomes

Segundo a Dra. Paula Gomes, ele será enterrado no próprio cômodo da casa onde vivia, na qual já estão outros parentes enterrados.

Conforme o costume Iorubá antigo, os mortos nunca devem ficar longe da família, por isso, não enterram em cemitérios, a menos que tenham se convertido às religiões estrangeiras, como cristianismo ou islamismo.

Apesar dos rituais serem secretos, dra. Paula pode informar que após a morte um dos rituais fúnebres é no sétimo dia, a raspagem da cabeça do falecido, o mesmo ocorre com os filhos que ele pôs a mão.

¹² Referem-se ao individuo ter vivido dignamente e honram os seus feitos.

Ela informa que o *Sàngó* continuará no quarto sagrado onde ele sempre ficou, porém, após o *Elégùn* ser enterrado, levaram o *Sàngó* até o local de sepultamento, para rituais finais.

No terceiro dia preparam a sepultura com folhas sagradas.

No sétimo dia, oferecem farinha e água, que preparam um *amalá*, para que todos comam, neste momento oferecem a *Sàngó*, para comer ao lado da sepultura.

E completa que este assentamento sagrado é o *ipori*, se referindo ao edun ara¹³, informando que este é a ligação entre a cabeça espiritual dele e *Sàngó*.

¹³ Pedra sagrada, que se forma onde os raios caem, somente o povo de *Sàngó* pode recolher.



Sàngó no topo da sepultura, comendo amalá junto com o falecido.

Crédito imagem: Dra. Paula Gomes.



Sua Majestade o Alaafin,

crédito imagem: site Punch Most Widely Read Newspaper (2022)

O Blog Ilê Axé Nagô Kóbi registrou o artigo divulgado pela Dra. Paula Gomes, onde Adegoke Adedotun faz relatos importantes sobre os rituais fúnebres de sua majestade, a seguir:

[...] O rito foi feito de acordo, **sem derramamento de sangue humano**, enquanto a princesa Adedoja liderou o elogio enquanto Arewa Omo'ba Folashade, Olubunmi Olabiyi e Ôsmàrè serviam como seu apoio, todos eles faziam referência ao Palácio da Morte Baba Yèyé. [...] (o grifo é nosso)

[...] A procissão, do Baara para o Palácio, foi tranquila, antes do início de outras atividades no Palácio como parte do oro, onde os tradicionalistas faziam seu rito de acordo. Os devotos de Sango exibidos em homenagem a Aláàfin, Olúáwo Aláàfin e alguns outros anciãos fizeram o rito final dançando ao redor de ILU ÁRÀN sete vezes em homenagem a Aláàfin Lámídi Ọláyíwọlá Àtandá Adéyemí III. [...]

O Batuque preservou alguns costumes e tradições da matriz que, adaptando para a realidade diaspórica, durante rituais, costumam fazer um cortejo pelas ruas ao som de tambor com o couro xoxo, andam calçados e com roupas no avesso, embalando o caixão do falecido, cantando e dançando com os braços soltos e arrastando os sapatos, em alguns momentos param em ruas ou encruzilhadas para dançar e cantar.



Rituais fúnebres externos, créditos da imagem:
ignorados à saber

Após este ritual se dirigem para o templo, e no sétimo dia finalizam os ritos fúnebres, cortam no *ìgbàlè* para alimentar os **eguns**; após, quebram as louças, despachando os *òkúta* do falecido.

ANCESTRALIDADE E DESCENDÊNCIA: O CULTO AOS MORTOS NO BATUQUE NÃO É (E NÃO PRECISA SER) UM CULTO DE *EGÚNGÚN*.

Waldemar é o patrono e fundador da Raiz religiosa Kambina. No livro: *Os Fundamentos Religiosos da Nação dos*

Orixás (2008, p.31) Paulo Tadeu informa que pai Waldemar teria nascido em quatro de agosto de 1883, em solo brasileiro, morrendo em 15 de setembro de 1935.



Pai Waldemar.

Fonte - gentilmente cedido do acervo pessoal do Antônio Carlos Pereira.

O atestado de óbito registra que Waldemar era filho de Pedro dos Santos e Maximiliana dos Santos. Faleceu dia 16 de setembro de 1935, aos 52 anos, por complicações do coma diabético, deixando a viúva Ottilia Tavares dos Santos e os filhos Antonio (21 anos), Manoel (16 anos) e Nair com (seis anos).

Segundo o nosso informante Elias de *Òṣàálá*:

Waldemar foi operário da construção civil, e era filho de *Sàngó Agodó*, e ao falecer, ele deixou uma filha de religião pronta¹⁴. A sacerdotisa Maria Madalena Aurélio de *Òsùn* foi ela quem aprontou *bàbá* Romário *Òṣàálá* e Palmira Torres *Òsùn Pandá Olobomí*, entre outros. (Informação pessoal)

Segundo o *bàbàlòrìsà* e professor Denis de *Odé*:

"a mãe Palmira Torres aprontou *Ìyá Olê* de *Sàngó*; *bàbá Cleon* de *Òṣàálá*; *bàbá Henrique* de *Òsùn*; *bàbá Adão* de *Bará Èsù Biomi*; *Alágbè* e *bàbá Antonio Carlos* de *Sàngó* e *Ìyá Marlene* de *Òsùn* "(Informação pessoal)".

Entretanto, Devlyn de *Òsùn Demum*, contesta a informação: "o *bàbá Adão* de *Bará Èsù Biomi*, não foi pronto pela mãe Madalena, e sim foi pronto pelo pai Romário de *Oxalá*." (Informação pessoal).

Ainda, segundo fonte confiável e antiga, que pede para não ser identificado, Pai Cleon teria se aprontado em 1964 pela mão do pai Henrique da *Òsùn*, com um casal de marrecos.¹⁵

Sabemos que *Sàngó* não é cultuado entre os Bantos.

Entretanto, Paulo Tadeu publicou em 2008, outro livro chamado "Quem é o Orixá Xangô Kamuca", informando que:

¹⁴ Pronto – Termo usado entre os Afro-Gaúchos para determinar quem chegou ao sacerdócio e está apto a iniciar indivíduos na religião Batuque.

¹⁵ Entretanto pode ser fornecida para fins acadêmicos.

Madalena era uma Branquela que ele não era muito chegado, aí ele dava algumas coisas para ela, mas para a Palmira ela era filha dele, aí ele deu tudo” (informação pessoal)

Sobre a mãe Madalena:

“eles são Cabinda e não tem Kamuka, por isso, eles têm Xangô do Povo, por que os dois não podem ter, desta forma podem optar por ter Kamuka e seguir Cabinda, ou ter Xangô do Povo e seguir *Ọ̀yọ̀*” (informação pessoal)

E completa que:

“Mas como Cabinda é poder, moda, bota medo nos outros, então eles dizem que são Cabinda, fazem um quatro pé para três santos, isso tudo é *Ọ̀yọ̀* e Jeje” (informação pessoal)

Outra possível referência para as pesquisas do Dante seria Reino de Oxalá (Porto Alegre)¹⁶, que segundo o *bàbá* Cleon de *Òsàálá*¹⁷, em seis de setembro de 2019 comemorava 60 anos. No mesmo livro Paulo Tadeu diz que:

[...] em data de 24 de agosto de 1883, quando o mesmo foi escolhido, no ventre pelo ORIXÁ REI XANGÔ KAMUCÁ BARUÁLOFINA, que, conforme todos os demais Deuses do Panteão dos Orixás, já sabia o futuro encargo religioso do seu filho WALDEMAR, porém, quem teria aprontado o Babalorixá Rei Waldemar não é conhecido por ninguém, e, caso alguém arrisque

¹⁶ Conforme declarações do pai Cleon, calculamos a data de fundação no ano de 1959.

¹⁷ Ver nas referências digitais.

palpitar, ou arrumar uma Mãe ou Pai-de-religião para o mesmo, será especulação, mentir, maldade, ou invenção de quem deseja enxovalhar esta grandiosa Nação dos Orixás. [...] p. 33

Cabe salientar que, Paulo Tadeu não apresenta referências quando fala que “o mesmo foi escolhido no ventre”. Não sabemos como ele obteve esta informação.

O *Ìgbàlè* do Batuque não é um culto de *Egúngún*, e, pode ser chamado de *ibokú*. Sobre o *ibokú* a Juana Elbein fala:

"De modo algum o *ilé-ibò-akú (ibokú)*, a casa do culto aos mortos do *lèsè òrìsà* (casa de orixá), deve ser confundida com o *lèsànyìn*, a casa do culto de *egúngún* dos *lèsè egúngún* (terreiro de *eégún*)".

No *ibokú* são cultuados os espíritos dos iniciados, sacerdotes (tisas) iniciados no culto dos *òrìsà*.

"No *lèsànyìn* são cultuados os *ará-òrun* em geral, e os espíritos daqueles que foram iniciados no mistério dos *egúngún*" (Santos, 1981, p. 171).

Nesta citação Juana e seu esposo Mestre Didi, esclarecem que existe uma diferença entre o *ibokú (Ìgbàlè)*, local de culto aos mortos da tradição do terreiro de *òrìsà*, e, o *lèsànyìn*, local de culto de *bàbá Égún*.

Em ioruba, “osso” se escreve “*Egungun*” ou “*Eegun*”; e o “espírito” cultuado através deste osso chama-se “*Egúngún*” ou “*Eégún*”. (Observem os tons das palavras iorubas)

O culto de *bàbá Égún* no *ilèsànyìn* do terreiro de *Egúngún* nada tem a ver com o culto dos ancestrais

religiosos no *ìgbàlè* (*ibóku*) de uma casa de *òrìsà*. O que se faz no *ìgbàlè* (*ibóku*) do Batuque não tem nada a ver com o que se faz no *lèsànyìn* do culto de *bàbá Eégún*, ainda que alguns chamem o *lèsànyìn* de *ìgbàlè*.

Esta diferença ocorre no Brasil porque a família religiosa geralmente não é a mesma consanguínea, e por não enterrarem seus mortos no mesmo terreno como ocorre na matriz ioruba.

No Batuque do R.S., o *ìgbàlè* (*ibókú*) se cultua os espíritos dos mortos, sacerdotes e sacerdotisas fundadores (as) das tradições do Batuque, e ancestrais familiares religiosos, porém não possuímos registros de que exista no Batuque o **osso deste ancestral** ali presente, naquele chão.

O Pai Luiz da *Òsun* (SP), em 1989, relatou que: “alguns sacerdotes têm o costume de pegar ossos, de qualquer túmulo, em cemitérios para montar um *ìgbàlè*”. (Informação pessoal)

Porém, este procedimento além de estar completamente ilícito, é crime previsto em lei, tal prática nada tem a ver com o culto tradicional do ancestral no Batuque e deve ser completamente abolida.

No Batuque, o culto é feito à memória dos nossos ancestrais religiosos, mas os ossos destes ancestrais não estão enterrados ali, por isso, não precisamos de *ojè*¹⁸, porque não estamos fazendo culto de *Bàbá Eégún*. O local de adoração aos mortos no Batuque pode ser feito num buraco no mato, ou no próprio templo, abrindo um buraco provisório, ou definitivo, caso tenha espaço no pátio do templo.

¹⁸ *Ojè* – sacerdote do culto a *Eegun*.

Quando cultuamos a memória do morto, nossos ancestrais religiosos, criamos um elo entre a comunidade e os mortos através do *ìgbàlè* (*ibóku*); desta forma, os descendentes que possuem casa aberta e todos os axés, podem ter um *ìgbàlè* (*ibóku*) em seus templos tão logo seja possível, para que os ancestrais possam abençoar proteger e orientar aquela comunidade.

Todos os segmentos religiosos do Batuque (*Jeje*, *Ijesa*, Kambina e *Ọyó*) possuem rituais e fundamentos para os mortos; no entanto, Kambina é a que mais e destaca pela sua peculiar familiaridade com *Sàngó Kamuka* e os rituais dos mortos da comunidade.

Os rituais fúnebres do Batuque do R.S. são ministrados pelos *bàbàlòrìṣà* e *iyálòrìṣà*, os prontos de todos os axés, que possuem fundamentos destes rituais, não é necessário da presença de um *ojè*, pois os ritos do Batuque não têm absolutamente nada a ver com os ritos no *lèsànyìn* (*léssanin*). Como dissemos, nos terreiros de *òrìṣà* o culto é para a memória dos mortos e não necessita do osso, bastam os fundamentos que os representem.

Por isso, repetimos, *ojè* é desnecessário no segmento religioso do Batuque.

O sacerdote ao falecer, não se torna um “*Bàbá Eégún*”, conforme os moldes do culto de egungun Itaparica é um equívoco ter este pensamento.

O nome do ritual fúnebre do batuque chama-se *orissun* ou, *arissun* ou, *sirrum*. Assim que o indivíduo falece, iniciam os rituais com corpo presente. Prepara-se a pessoa, o caixão,

fazem rituais sobre ele, inclusive dançam em volta e depois levam este caixão embalando ao som de cantigas fúnebres. Após isso, os rituais levam sete dias, no último dia despacham os paramentos, vasilhas, *òkúta* e ferramentas dos orixás, fios de contas e outros materiais religiosos pertencentes ao morto, e guarda o luto que poderá chegar até um ano.

Aos sacerdotes que possuem *ìgbàlè* (*ibóku*), anualmente costumam fazer uma festa para os ancestrais, com muita comida e rituais. Nos anos 80, os mais velhos chamavam de “Missa de *Eégún*”.

Como observamos acima, o culto aos ancestrais do Batuque do R.S. são de exclusividade dos sacerdotes de *òrìsà*, não necessitando do osso do morto, por isso, não faz nenhum sentido pegar em cemitérios ossos de cadáveres desconhecidos, com origem duvidosa, para cultuar a nossa ancestralidade.

Render homenagem aos mortos é muito comum nas religiões de matriz africana. Entretanto, os ancestrais cultuados nestes segmentos, de uma forma geral, diferente da matriz Ioruba, não são os ancestrais de sangue, mas sim, os ancestrais da família afro-religiosa.

Ainda neste tópico conceituaremos o *ìgbàlè* do Batuque como culto aos ancestrais, desconstruindo o conceito de que nele se cultua os “Orixás que viraram *Égún*”.

QUEM SÃO OS ANCESTRAIS? ¹⁹

Um ancestral poderá ser cultuado simultaneamente no *Igbàlé* de uma ou mais famílias, no entanto, precisa-se ter ciência de que: o cultuar não é prendê-lo neste local, pois se espera que este espírito se movimente livremente no mundo espiritual.

Retomando tema sobre quem são os nossos ancestrais, estes são nossos antepassados, conceito geralmente aplicado aos parentes consanguíneos.

Entretanto, no contexto das religiões de matriz africana, são considerados ancestrais aqueles que fundaram as diversas liturgias e nações do Batuque (*Ijesa*, *Jeje*, *Ọ̀yó* e Kambina). Em honra e consideração, são realizados rituais para cultuar a memória do morto, em um local separado e restrito chamado *ìgbàlé*²⁰.

Estes são alguns dos fundadores do Batuque do R.S. que poderiam ser cultuados:

- Waldemar Antonio dos Santos de *Sangó Agodo*, conhecido como Waldemar do *Kamuka*²¹, (1883 a 1935), tradição Kambina, do Batuque R.S.
- Paulinho de *Òsàálá Efan*, *Oòsàálá*, tradição *Ijesa*, do Batuque R.S.

¹⁹ Texto publicado na revista *Ọ̀lórún*, n 18, 2014

²⁰ Balé é uma corruptela de *Igbàlé*.

²¹ Segundo pai Raul Dorneles, o pai Waldemar era de *Sangó Agodo*, e se tornou conhecido por ter o *Sangó Kamuka* no pátio.

- Custódio Joaquim de Almeida de Xapanã (1831 a 1935), tradição *Jeje*, do Batuque R.S.
- Andrezza Ferreira da Silva de *Òsùn*, Mãe Donga (1882 a 1951), tradição *Òyó*, do Batuque RS.

O *ÌGBÀLÈ* NO BATUQUE

O *Ìgbàlè* é um local específico ao qual praticam rituais aos antepassados da família religiosa; consultamos alguns sacerdotes do Batuque, e encontramos dois tipos de *Ìgbàlè*, um deles feito num buraco quadrado e depois coberto com uma laje para proteger o local, e outro situado numa pequena casinha, dentro também havia um buraco quadrado, porém este ficava aberto, apenas a porta da casinha protegia o que continha dentro do *Ìgbàlè*. Vejamos:

“Raiz *Òyó* do Batuque Afro-Gaúcho, os rituais fúnebres são feitos num buraco aberto diretamente na terra, com função específica para rituais fúnebres, e batizados para *Eégún*, após a cerimônia encerra o buraco fechando com terra, a seguir borrifando água o local para afastar os *Eégún*. (Informante - Alexandre *Ṣàngó*).

Raiz *Jeje* do Batuque Afro-Gaúcho possui uma casinha com alguns objetos sagrados, onde costuma dar início aos rituais, porém o *Arissun* finaliza no mato, onde costumam abrir um buraco para *Eégún*, e fecham após do ritual. (Informante - Leonardo de *Aganjú*)

Na raiz *Ijesa* do Batuque do R.S., constroem uma casinha, a meia água de modo que fique um nível abaixo da casinha do *Lode*, nesta

casinha há um pequeno quadrado na terra, com uma tampa semelhante a túmulo, onde realizam determinados rituais para *Eégún*. (Informante - *Bàbá* Tito de *Ṣàngó*)

Na raiz Kambina do Batuque do R.S., na maioria das casas abrem um buraco nos fundos do templo, ao qual se destina os rituais para *Eégún*. "Sabemos que não é muito comum, no entanto sabemos que há famílias que constroem uma casinha." (Informante - *Bàbá* Raul de *Ṣàngó*).

Em momento algum há rituais maléficos ou para maldade com os *Eégún*, eles consideram *Eégún* seus ancestrais, por isso, evitam o dano.

Porém, o professor Norton relata a existência de *Ìgbàlè* construídos para o mal, que neste caso, não é para cultuar os antepassados. Este *Ìgbàlè* do mal existe em algumas casas.

Observamos que em todas as raízes religiosas do Batuque, para aqueles que não possuem um local reservado para *Eégún*, os sacerdotes abrem um buraco provisório no templo ou no mato, e fecham após o término dos rituais fúnebres.

Segundo informações, o *Ìgbàlè* é um local de culto para os ancestrais, fundado pelos descendentes para venerar os seus ancestrais religiosos, entretanto, alguns sacerdotes do Batuque, informam, paradoxalmente, que mais novos também podem ser cultuados, um descendente da comunidade, tornando-se um local para adoração dos mortos pertencem à comunidade religiosa, dando ênfase aos que possuíam

iniciações e cargos pertinentes ao culto religioso, como Sacerdotes (isas), prontos²² ou *alágbè*²³.

Porém, Pai Raul de *Sàngó* informa que:

“Tal procedimento está desalinhado com o culto tradicional dos antepassados. Não há lógica em abrir um balé com o próprio filho de santo.” (Informação pessoal).

Para a construção e sacralização do *Ìgbàlè*, são necessários fragmentos religiosos e pessoais dos ancestrais, no caso daqueles que possuem espaço físico para a sua construção, ou em casos em que abrem o buraco e fecham, não há necessidade de ter objetos do morto.

No entanto, sabemos que é errado violar cadáveres ou túmulos para roubar restos mortais dos parentes, ou em pior caso de desconhecidos, para sacralizar o *ìgbàlè*, pois além de violar cadáveres ainda estaria agregando uma pessoa que não foi iniciada na família religiosa, ou seja, aquele *Eégún* não pertence à família.

Conforme citamos acima, há sacerdotes que aproveitam o *Ìgbàlè* no culto a *Eégún* no Batuque, para a maldade.

Neste caso os *Eégún* são usados para magia, demanda, e disputas entre sacerdotes, criando uma situação de medo e terror para aqueles que o possuem, porém, não tem nada a ver com a Matriz *Yorùbá* e o próprio culto aos mortos.

²² Prontos – iniciados que possuem *àṣẹ* para feitura de santo.

²³ *Alágbè* – aquele que usa cabaça como instrumento musical (Beniste); usado também para aqueles que tocam o tambor nos rituais do Batuque.

ALGUNS RITOS E CONCEITOS DE *ÉGÚN*

Carlos de *Òòsàálá* se identifica como afrodescendente, sua avó teria nascido sob a lei do ventre livre, e sua mãe guarda histórias e registros da família, porém durante a pandemia perdemos o contato do Carlos, e, caso algum leitor conheça e possa contribuir com informações sobre o Carlos.

Carlos comenta sobre o *Ìgbàlè* de um parente religioso, segmento Kambina, e informa que:

[...]. Pelo que vi o último Balé aqui, que o Cleon sentou, não tem okuta, não há okuta, é um buraco vazio onde ele corta de Bara a Oxalá... Ele reverencia a Palmira e pai Waldemar [...] vai osso no Balé do Cleon [...] pegam qualquer osso... Não pegam o osso da pessoa que faleceu [...].

E completa que até os *òrìsà* da casa cumprem rituais neste *Ìgbàlè*:

[...] o orixá do Cleon em determinada reza... Da mãe Palmira, eles deixam o salão saem da roda, vão até o Balé cumprimentar o Balé, em determinados momentos os filhos batem cabeça no Balé [...].

Carlos faz uma reflexão sobre o que pode observar sobre os cultos fúnebres de *Égún* de uma família religiosa do segmento da Kambina:

[...] os okutas são quebrados [...] se o orixá responsável pela pessoa conduzir a pessoa, também tem que ser quebrado, em alguns casos no Rio Grande do Sul, resolveu não quebrar e deixar

o okuta ainda, deixando com vida... Neste caso acredito que o orixá... Teoricamente o orixá não carregou a pessoa ficou vagando pelo que entendi [...] o orixá na verdade a representação dele é o okuta, mas quem conduz no balé a pessoa que faleceu é o orixá... E eu deduzo que segundo uma lógica, eles quebram o okuta justamente para que o orixá deixe de estar ali representado e conduza a pessoa, ou ele pode continuar inteiro... Digamos enquanto eles quiserem e mesmo assim o orixá carrega a pessoa [...].

Segundo Pai Paulo da Obá, Emerson de *Òòsàálá* - filho adotivo e iniciado por pai Cleon de *Òòsàálá*, compartilhava com o pai Cleon o mesmo *okúta* de *òrìsà*, bem como a mesma cremeira²⁴ no *borí*. Isso significa que, sempre que um deles fosse realizar uma obrigação para *orí* ou para *òrìsà*, usariam os mesmos assentamentos (cremeira ou *okúta*).

No entanto, tal ato conflita com os conceitos familiares, visto que, eles entendem que quando um indivíduo falece, fragmentam o *òkúta* do *òrìsà* deste iniciado e colocam no *Ìgbàlè* para ser cultuado como *Eégún*, no lugar do morto.

Porém, devido à prática singular e recente adotada por pai Cleon de compartilhar o *òkúta* e a cremeira, o desfecho foi diferente... após o seu falecimento o *òkúta do pai Òòsàálá* não foi recolhido no *Ìgbàlè*, conforme a tradição da familiar. O assentamento permaneceu sendo cultuado como *òrìsà*, agora sendo um assentamento exclusivo do Emerson *Òòsàálá*, a quem cabe dar continuidade ao culto do *Òòsàálá Elefan*.

²⁴ Recipiente sagrado que representa o *Orí* daquele indivíduo, usado durante os rituais do *Orí*.

Ao longo de quarenta anos de nossa prática religiosa, compreendemos que o costume de utilizar *Égún* para causar o mal ou danos é um fenômeno distintamente afro-brasileiro, desenvolvido durante a formação das religiões em solo nacional. Não sabemos como, nem quando tal prática originou, afirmamos que não está alinhado com a tradição Ioruba, que consideram os ancestrais veneráveis e jamais devem ser usadas para a prática da feitiçaria.

Nos rituais do Batuque, não há *Bàbá Egúngún*, onde o espírito de um morto é vestido e paramentado, onde interage com a comunidade a quem pertence. Diferentemente do ritual do Batuque, onde durante o *Arissun*, apesar de haver uma manifestação em alguns cavalos²⁵ de *Òrìṣà*, estes não são em momento algum os chamados *Bàbá Egúngún*.

No Livro “O Batuque do Rio Grande do Sul”, Norton Correa explica a dificuldade de conceituar os ancestrais, e o grande mito de terror e maldade que gira em torno de *Eégún*:

[...] muito forte e indissociável de perigo que os espíritos dos mortos possuem [...] Basta simplesmente pronunciar a palavra "Egum" o nome que estes recebem para que a pessoa se exponha a ser vítima de seu ataque [...] testemunhei casos em que pessoas praticamente idolatradas, como a Mãe Moça ou a Mãe Ester, boníssimas, bastou ocorrer à morte para gerar pavor coletivo em face de seus egun. [...] (Norton, 2006, p. 132)

²⁵ Cavalos de *Òrìṣà* – termo usado para indivíduos que passam pela possessão do *òrìṣà*.

Observamos os mitos que envolvem esta entidade, que nos fez buscar os conceitos de *Eégún* e *ìgbàlè*.

Para podermos entender melhor como se dá o culto à ancestralidade, seguem conceitos próprios baseados na Matriz Africana *Yorùbá*, estas possuem um culto em memória aos seus mortos, centralizado no *ìgbàlè*, onde concentram rituais para manter viva memória do falecido.

Porém, tanto o ritual quanto o conceito afro-brasileiro podem ser um pouco diferentes da Matriz Africana, pois os nativos possuem o costume de enterrar seus mortos no quintal ou, até mesmo, dentro da casa, assim eles podem cultuar seus ancestrais com *Eégún* presente.

Como no Brasil é crime apossar-se da ossada do morto, entendemos que cabelo, unhas, uma peça de roupa que ele tenha usado na hora da morte ou algum objeto de ritual, como a cremeira ou, algo pessoal que pertença ao morto, possa conter fragmentos da sua energia ou fluidos corporais, para que ative o culto para aquele *Eégún* no *ìgbàlè*, criando um vínculo com este morto e a comunidade.

Outra opção para o culto a *Eégún* seria, com autorização judicial e do Estado poder enterrar seus mortos nas dependências dos templos; como nem todos os templos possuem espaço para isso, o *ìgbàlè* é uma opção.

RITUAIS NO *ÌGBÀLÈ* DO BATUQUE DO R.S.

No Batuque pode haver diferenças entre os cultos aos ancestrais, em alguns casos não estão alinhados com os

conceitos da matriz *Yorùbá*. Detalharemos alguns pontos desarmônicos da matriz.

O *Ìgbàlẹ̀* do Batuque possui dois conceitos sobre ancestralidade: um que corresponde com a Matriz e outro que foge totalmente do propósito, transformando-se em um local para feitiços e maldade. Veja trecho do livro do Norton (2006) que nos fornece uma ideia de como o Batuque convencionou o seu culto:

[...]. De modo geral, os tem papel importantíssimo na feitiçaria. Quando alguém que prejudicar a outrem, chama um egun promete-lhe uma oferenda indicando o que quer pela tarefa e manda-o atrás da vítima [...]. Há muitos casos que se contam ataques de eguns enviados por desafetos e inimigos [...] casas que se dedicam mais feitiçaria sentam um balé completo [...] (Norton, 2006, p. 143, 144).

Segundo o povo *Yorùbá* a feitiçaria pode ser punida com a pena de morte, logo eles abominam a feitiçaria.

[...] “feitiçaria, bruxaria e administrar veneno são puníveis com a morte...”. (As Leis e os Costumes do Povo *Yorùbá*, cap. X, Leis Criminais, & I. Ajisafe Moore, p. 28, 1924.) [Tradução de Luiz L. Marins].

Segundo os *Yorùbá*, os maus sacerdotes e os feiticeiros são banidos da sociedade dos *Eégun* e seus nomes esquecidos, somente os bons sacerdotes serão lembrados e cultuados entre os ancestrais.

Outro conceito desarmônico entre alguns sacerdotes do Batuque do R.S., é que acreditam que assim que o indivíduo falece, é necessário despachar este espírito e começam a cultuar o *Òrìsà* do falecido no *Ìgbàlè* como *Eégún*. Conforme lemos acima que *Eégún* são espíritos dos mortos, eternizados em culto, não se cultua *Òrìsà* no *Ìgbàlè*, porque “*Òrìsà* não morre”.

A seguir Norton registra que *Eégún*, não é *Òrìsà* e, simultaneamente, afirma que o Batuque possui um culto exclusivo que difere das demais culturas:

[...] O culto é dedicado mais especialmente aos espíritos dos parentes de religião do chefe: seu pai ou mãe, irmãos, filhos ou filhas de santo, mas os eguns genéricos de certa forma são homenageados [...] ter bale "sentado" (consagrado) em casa é mais uma questão de comodidade, já que poupa idas ao cemitério [...] (Norton, 2006, p. 145).

E completa:

[...]. As cerimônias do culto a eguns em Porto Alegre quase nada têm a ver com o da Ilha de Itaparica, na Bahia. Um dos únicos pontos em comum, além de estar relacionado aos ancestrais, seria o caráter de perigo que o egun oferece [...] (Norton, 1992, p. 147).

O *Ìgbàlè* é um local para manter viva a memória dos ancestrais religiosos, após a sacralização com um ancestral. Sabendo do que se cultua dentro do *Ìgbàlè*, é possível entender que se deve ter muita cautela ao lidar com eles, pois não seria correto os usar para fins duvidosos.

A existência de itens que demonstram uma tênue semelhança entre o culto a *Eégún* e *Òrìsà*, no entanto, ambos cultos não se misturam, eles se distinguem e se mantêm separados, mesmo sabendo que existem divindades com vínculo direto com *Eégún*, mesmo assim, um *Òrìsà* não é *Eégún*.

Em seu livro Norton registra, que “começa com a expulsão do egun pela presença dos orixás.” (Norton, 2006, p. 141).

Conforme observamos, o *Ìgbàlè* geralmente se localiza nos fundos dos templos; neste local são feitas oferendas de comidas, animais e serviços pertinentes aos *òkú-òrun*²⁶ familiar, desta forma, os ancestrais serão lembrados e cultuados em memória, sem manifestação.

Embora a palavra *Ìgbàlè* esteja generalizada no Batuque, a denominação correta é *Ilé-ibò-okú*, ou sua forma resumida, *ibokú*, conforme veremos neste trecho do livro da Juana Elbein, "Os *Nàgó* e a Morte":

[...] Por enquanto, é importante destacar que, em nenhum caso, se deve confundir o *Ilé-ibò-okú*, a casa de onde os mortos são adorados no "terreiro" *Lésè-òrìsà*, com o *Ilé-ìgbàlè*, casa do culto dos *égún* *Lésè égún*.

No *Ilé-ibò*, são venerados os espíritos *Ilé-ibò-okú* das *Adósù*, sacerdotisas iniciadas no culto dos *òrìsà*.

Ilé-ìgbàlè são adorados os *ara-òrun* em geral e os espíritos daqueles iniciados nos mistérios dos *égún*.

²⁶ *Òkú-òrun* – ancestrais (Beniste)

Da mesma forma, os ritos funerários e os "assentamentos" dos mortos são diferentes nos dois cultos [...] (Juana, 1976, p. 104).

Segundo o dicionário Iorubá de José Beniste:

"*Eégun* é um espírito de ancestral que se manifesta em rituais específicos. Por não mostrar nem uma parte do corpo coberta por tecidos, também é denominado mascarado." (2009, p. 207).

Retornando ao tema, observem que a Juana também esclarece a diferença entre *Ilé-ibò-okú* e *Ilé-ìgbàlè*, sendo que nas casas de Candomblé e Batuque, são assentados os *Ilé-ibò-okú*, onde se cultuam os mortos que pertencem à família religiosa. Sendo que é possível até chamarem o *Ilé-ibò-okú*, de *Ilé-ìgbàlè*, não estaria errado, ficando claro que o que se cultua e o que contêm ali.

Em ambos os casos nenhum deles devem ser usados para a prática do mal.

O NOME E O *EÉGÚN* NO BATUQUE

Conforme registros no site Xangô Sol, havia aqueles que mantinham em segredo o *Orukó-Òrìsà*²⁷, e, se apresentavam com o seu nome de batismo seguido da qualidade do orixá, ou guardavam a qualidade do orixá e anunciavam o primeiro *Orukó-Òrìsà*:

²⁷ *Orukó-Òrìsà* – nome do orixá.

[...] Outros que se iniciaram pelas mãos de Valdemar de Xangô, e alguns, com sua morte passaram para as mãos de Mãe Madalena de Oxum:

Pai Tati de Bará,
Mãe Palmira de Oxum,
Ramão de Ogum,
Moacir de Xangô (tinha o apelido de Guri Bontito),
Pai Mario de Ogum e
Pai Nascimento de *Sakpatá*, oriundo de outra nação.

Depois foram surgindo outros ícones da nação Cabinda, onde podemos citar:

Pai Romário de Oxalá, filho de santo de Mãe Madalena de Oxum;
Mãe Olè de Xangô, mulher de Pai Tati de Bará;
Pai Henrique de Oxum, enteado e filho de santo de Mãe Palmira de Oxum;
Pai Adão de Bará de Exu Biomi;
Pai Cleon de Oxalá;
Antonio Carlos de Xangô, Alabê e Babalorixá,
Mãe Marlene de Oxum, filha de santo de Pai Romário;
Pai Paulo Tadeu de Xangô;
Pai Genercy de Xangô;
Hélio de Xangô,
Pai Adão de Bará;
Didi de Xangô;
João Carlos de Oxalá, de Pelotas;
Juarez de Bará;
Pai Gabriel de Oxum, que foi um grande Babalorixá da Nação Cabinda, filho de santo de Romário de Oxalá;
Lurdes do Ogum;
Enio de Oxum, também da casa de Pai Romário;

Luiz vó da Oxum Docô, foi filho de santo de Pai Romário de Oxalá;
Ydy de Oxum, filho de santo de Pai Henrique de Oxum.

Entre muitos outros que conservam, ainda, os fundamentos desta Nação tão importante nos rituais Africanos do Sul [...]

Observamos que algumas religiões afro-brasileiras de matriz *Yorùbá*, quando falece alguém da comunidade os rituais de iniciação, cessam só retornando após o término dos cerimoniais fúnebres, caso alguém esteja recolhido, suspende os rituais de iniciação, só retornando após o luto.

Apesar de existirem divindades *Yorùbá* que possam estar ligadas diretamente aos rituais Fúnebres, como Oya, Xapanã, *Sàngó*, etc., observamos que no Brasil, os rituais de iniciação na maioria das religiões de Matriz Africana, param de imediato, suspendem seus rituais e esperam acabar o luto para voltarem a iniciação do indivíduo que estava recolhido.

Porém, a Kambina devido sua forte ligação com *Sàngó Kamuka* e os rituais dos *òkú-òrun*, se houver um iniciado recolhido e ocorrer um óbito na família de santo, nada se perderá, desde que antes o sacerdote tenha feito oferendas para *Sàngó Kamuka*. Assim aquela iniciação não seria perdida.

Observamos que os demais lados do Batuque (*Jeje, Ijesa e Òyó*), não comungam deste conceito, pois consideram ser um ritual exclusivo da Kambina, passado pelo seu fundador Waldemar Antonio dos Santos e sua divindade *Sàngó Agodo*, recebendo o salvo-guardo do Rei (Waldemar) e do *Sàngó*,

passado através da descendência, ligando a divindade *Sàngó*. *Kamuka* que protege os descendentes durante os rituais fúnebres, evitando que qualquer malefício.

MANTENDO A ANCESTRALIDADE VIVA

A descendência passada por *Sàngó*, recebida através do Rei Waldemar, é reavivada através da cantiga do *òrìṣà Kamuka*, *Sàngó* o Rei da Kambina, onde todos (iniciados e sacerdotes) que foram iniciados neste lado se ajoelham e colocam a cabeça no chão, durante esta *orin*²⁸:

“Alarunde Xangô Kamuka”

“Baruolofina Xangô Kamuka”

Caso haja *òrìṣà* em terra, se mantêm em pé, porém abaixam a cabeça e esperam terminar a *orin* para voltarem a dançar.

Por isso, consideramos que a *orin* do *Sàngó Kamuka* seja uma possível *àdùrà*²⁹, da Kambina, onde as divindades o reconhecem e respeitam.

Àdùrà é uma súplica ou agradecimento, entoada em ocasiões especiais, mesmo que seja durante uma festa, ou durante um toque para *òrìṣà*. Ao entoar o *àdùrà* de *Kamuka*, louvando ou chamando o rei da Kambina, todos prestam a sua homenagem, até mesmo as divindades presentes de outros

²⁸ *Orin* – cantigas entoadas em rodas de *òrìṣà*. (Beniste)

²⁹ *Àdùrà* – reza, oração, súplica. (Beniste)

segmentos, respeitam e param de dançar, o que faz com que esta *orin* seja considerada uma *àdùrà*.

RITUAIS EQUIVOCADOS

Ainda no tema ancestralidade a divergência aumenta quando cultuam no *Ìgbàlè* os mortos e o *Òrìsà*:

- Cultuam o morto, mas cortam para o *Òrìsà* do morto, colocando o *òkúta* no *Ìgbàlè*.
- Conseguem ilicitamente no cemitério, ossos de mortos desconhecidos e introduzem no *Ìgbàlè* da família religiosa.
- Trazem ossos de mortos desconhecidos, e introduzem no *Ìgbàlè* da família religiosa.
- Afirmam que *Òrìsà* vira *Eégún*.
- Tomam posse também de forma ilícita da faca do *Òrìsà* do morto durante os rituais fúnebres, para transformá-lo em *bàbá Eégún* (?!). Porém não informam o que fazem com a faca dos orixás das mulheres que falecem.
- Entendem que o *òkúta* do *Òrìsà* de um *Bàbàlòrìsà* falecido teria que ficar no *ìgbàlè*.

Porém, entendemos que não existe a necessidade de um *Òrìsà* ficar no *ìgbàlè*, porque não é um local para *Òrìsà*, pois é um local para adoração aos mortos; e *Eégún* é alma do ancestral morto, e não o *Òrìsà* do morto.

Quando um indivíduo iniciado no *Òrìṣà* morre, o *Òrìṣà* dele não se torna *Eégún*.

Algumas famílias informam que enquanto o indivíduo está vivo, o *Òrìṣà* come na cabeça; após o falecimento, o *Òrìṣà* comerá no chão, por isso, segundo entendem, é desta forma que o *Òrìṣà* se tornaria um *Eégún*. Entretanto, este conceito conflita com a prática cotidiana de cortar para as divindades no prato que ficam no chão durante rituais diários no culto aos *Òrìṣà*.

Na maioria das vezes as famílias despacham o *Òrìṣà*, ou, em raros casos, separam algum *Òrìṣà* como herança para algum descendente zelar, porém, ele continua a ser *Òrìṣà*, e continuará sendo representado no *òkúta*.

Professor Denis entende que o *Òrìṣà* de um indivíduo se torna um ancestral, após a morte deste indivíduo. (Veja página 114)

Entretanto, outros entendem que durante o *Arissun*³⁰, ou, chamada missa dos *Eégún*, as oferendas e rituais são feitas para os mortos, ocorrendo o mesmo no *Ìgbàlè* onde fazem oferendas para os mortos, e que ali nunca esteve o *Òrìṣà* de um falecido.

Nos rituais do *Arissun* desligam-se as divindades do *òkúta*, passando a ser nada mais que uma pedra, pois o *Òrìṣà* já abandonou esta pedra nos rituais do *Arissun*, exceto quando este *òkúta* ficará como herança para uma casa e por isso não passará pelos rituais de desligamento.

³⁰ *Arissun* – Ritual fúnebre, vinculado aos ancestrais da casa.

Neuza Maria Júlio, conhecida por Neuza de *Sàngó*, filha de Luiz Carlos da *Òsún*, informou que, conforme ouviu do pai Luiz, ele e o pai Cleon de *Òòsàálá*, nos anos 70/80, visitaram e assistiram o culto de *Egúngún* em Itaparica na Bahia. (Informação pessoal).

Neste ritual alguns *eégún* podem aparecer portando ferramentas de *Òrìsà*, como vemos nesta imagem³¹:



Fonte: Ally Nebarack, Facebook.

É possível ver um espelho e uma pesada nas mãos do *eégún*. Talvez ao assistirem os rituais de *Eégún* em Itaparica, possivelmente tiveram a impressão de que estavam vendo o *Òrìsà vestido de Eégún*, por estarem paramentados e carregando as cores de divindades. Provavelmente ignoravam

³¹ Origem da imagem: Youtube, Canal JJGRTH. Acesso em 03/01/2023 <https://www.youtube.com/watch?v=BIL29iuM6ko>

o conceito de que o *Eégún*, iniciado em vida para determinada divindade, poderá carregar os paramentos dela, quando assim individualizado para culto de *Egúngún*, ou seja, o *Egúngún* em Itaparica é o próprio morto carregando ou não insígnias dos *Òrìṣà* que ele foi iniciado em vida, e não o próprio do *Òrìṣà* que teria se tornado *Egúngún*, conceito equivocado ao novo ver em algumas famílias do Batuque do Rio Grande Sul.

Em uma conversa entre irmãos no nosso grupo fechado de estudos, participavam Alexandre Custódio, Luiz Claudio, Adilson de *Òṣàálá* e Chico Neto, sugerimos o tema culto ancestralidade.

Chico Neto, nação *Jeje*, relatou o conceito de ancestralidade da sua família:

“[nós] cultuamos a memória, com fotos e um buraco dentro da casinha onde é servido [...] Não tem ligação com orixá” (informação pessoal).

Luiz do Bara, nação Kambina, informou que conhecia o conceito de cultivar no *Ìgbàlè* indivíduos [não iniciados], que não são ancestrais:

"na antiga casa (família religiosa) entendiam que o Egun era o espírito dos "mortos", qualquer morto, como netos, filhos ou parentes religiosos, até mesmo de desconhecidos". Apesar de fazerem referências à matriarca da casa, a tratavam como algo perigoso também, pois os espíritos poderiam castigar matar, dominar, possuir as pessoas que não fizessem ou atrapalhassem algum ritual.

Segundo a crença da casa, serviços para a destruição do inimigo (feitiçaria) eram feitos no *Ìgbàlè* ou usando o egun. No conceito deles orixá fazia estes danos, pois era o orixá do morto estava no *Ìgbàlè*.

Durante os rituais matam para o orixá do morto no *Ìgbàlè*. "Inclusive há relatos de conter espíritos zombeteiros durante os rituais."

E completa que:

"Hoje entendo que egun é um ancestral honrado que possui bom caráter e que cultuou orixá com fundamento aprendido com seus antecessores no culto em sua tradição".

"Porém, para cultuá-lo necessita de um fragmento do osso [ou material do corpo] deste morto, mas há possibilidade de ser cultuada apenas sua memória ao invés (disso), no *Ìgbàlè*."

Existe uma diversidade entre os conceitos de ancestralidade no Batuque, onde cada família entende e cultua de uma forma.

Coletamos esta conversa na página do facebook da sacerdotisa Mary Faleiro, nação Kambina, onde debatem o conceito de ancestralidade:

Título do debate:

"Filhos de santo, não são ancestrais, não se abre Balé com filhos, repete comigo"... Não se abre Balé com filhos. Não confunda Balé com feitura de egun. #cabindanaveia

Diálogo:

Fernanda Barbará Filha De Xapanã Sapatá

Bom diaaaaaa Mãe... Meu balé meu ancestral é da perca de uma filha é meu fundamento que foi me passado... E pra mim e pros meus tá dando muito certo se é que entendi a sua postagem... Resolvi comentar, pois se for tenho esse axé... Meu balé e de filho meu ancestral e Filha minha

Mary Faleiro

[Fernanda Barbará Filha De Xapanã Sapatá] bom dia, o seu ancestral é seu pai falecido, os filhos são feitura de egun, Balé quem tem são aqueles que têm pai ou mãe de santo falecido, com todo respeito yá não se trata disso, mas de um todo que não está dando mais, pra aguentar, a diferença está em cultura egun e servir o seu ancestral, ancestral jamais ficará preso ao buraco de egun, esse é um tema extenso, lhe explico no PV, o que quero dizer, a questão egun é muito restrito e perigoso pra quem não entende as diferenças.

Mary Faleiro

[Fernanda Barbará Filha De Xapanã Sapatá mãe a palavra ancestralidade fala por si só, falo sobre a diferença de uma feitura para outra]. Com certeza seu ancestral é o pai Testa. Egun é universal

Fernanda Barbará Filha De Xapanã Sapatá

[Mary Faleiro] protetor. Pai Jorge Ogum Onira Jare só eu sei mãe. Pai criador e até os dias de hoje minha maior de defesa só não chama ele de testa, pois ele odiava de verdade... Um grande pai e sera até o final da minha vida barum sapata me deu destino.

Observamos que Mary Faleiro, sem se aprofundar no tema, comenta, na visão dela, a diferença entre “balé de ancestral” x “feitura de eegun”.

Em outro debate na *live* “Saiba mais com pai Ronei de Oxalá sobre Balé-ancestralidade”, publicado no facebook em 12 de junho de 2024, acessado em 21 de junho de 2024, Carlos informa que:

“Carlos de Xangô

[Rafael Tealdi] querido, sejamos abençoados, tu estás coberto de razão, na nossa Cabinda, não há ligação com espiritismo, umbral, somos matriz africana, o nosso **Balé cultua Orixá de antepassados, jamais pessoas.**” (o grifo é nosso)

Neste depoimento, o sacerdote Carlos de Xangô explicar que no *Igbàlè* da família, não cultuam o morto, ao invés, cultuam o orixá do morto.

Segundo pai Jorge do *Ògún*, os responsáveis pelos rituais fúnebres do pai Antoninho da *Òsun*, do pai Waldemar do *Kamuka*, do pai Custódio de Xapanã e da mãe Emilia Laja, foram: Pai Pedro de Iemanjá, mãe Castorina de Oxalá e mãe Maria das Pombas.

OFERENDAS PARA EEGUN

Comida de *Eégún* são todas as comidas que a boca come, no entanto, há certas oferendas que são de agrado a *Eégún*,

vejamos neste trecho do texto de Jonhson, do livro *a Religião dos Yorùbá*:

[...]. Mas uma nova abertura é feita por ele na Aganju Kobi, através dela que ele entra no recinto interior do palácio. Esta entrada é para o seu uso exclusivo dentro e fora do Kobi durante o seu reinado: em sua morte é fechada. Nesta entrada tem que oferecer em sacrifício um caracol, uma tartaruga, um tatu, um rato de campo (emó) um rato grande (*okete*) um sapo, um girino, um pombo, uma galinha, um carneiro, uma vaca, um cavalo, um homem e uma mulher, os dois últimos sendo enterrado no limiar da abertura; no sangue das vítimas cai sobre o túmulo dos dois últimos, ele tem que caminhar para o átrio interior (...).

Estes sacrifícios para os ancestrais pertencem ao ritual de entronização ao grande *Aláààfin* de *Ọ̀yó*, e por volta do século XIX aboliram o sacrifício humano.

Já no Batuque as comidas para *Eégún* são:

- Galinhada (arroz com galinha) para *Eégún*;
- Arroz com couve para o *Legba*;
- Arroz com linguiça para a *Zina* (considerada a companheira do *Legba*).

No ritual de *Eégún* do Batuque do RS, especificamente na Kambina, tudo gira em torno do *Sàngó Kamuka*, a maioria dos seus rituais vincula a esta divindade, como já dissemos, este vínculo se dá por *Sàngó* ser o Rei da Kambina. Por isso, em algumas famílias religiosas existe uma segurança no chão feita

no meio do salão, para *Sàngó Kamuka*, que não tem nada a ver com *Eégún*, pois *Kamuka* é um *òrìṣà* e não *Eégún*, e por isso também que citamos a existência do *kòbì*, de que Jonhson narra, assim como a concentração dos ancestrais no *Ibókú*, desde que o culto seja voltado apenas para *Òkú-òrun*.

Vale salientar que tanto os homens quanto as mulheres são cultuados no *Ibókú* do Batuque, sem distinção, todos no mesmo culto, exemplo:

Ìgbàlè Pai Cleon: Xangó Kamuka e Mãe Palmira.

Mãe Ester: Pai Manoel (Pai de santo) e Eugenia Ferreira (filha de santo) (Norton, 2006, p. 148).

Já no culto de *Eégún* em Itaparica, cultuam apenas os espíritos masculinos.

ENTERRAR OS MORTOS DENTRO DE CASA

No vídeo *Esclarecimentos sobre o sétimo dia do funeral do Eléégùn Sàngódele*, 2021, a ministra do *Alàààfin* Dra. Paula Gomes, informa sobre o culto de *Eegun*:

Paula Gomes, min 34h00min.

[...] o egun são os ossos, e tem muita importância para a família, por isso eles enterram... Dentro de casa, para guardar os ossos [...] para se cultuar a pessoa que faleceu, ali, para que possa a pessoa proteger [...].

Paula Gomes, min 37h42min.

[...] e vão cultuar uma vez por ano o pai chamando o egungun... Quer dizer, chamando o próprio espírito do pai num canto da casa, junto à parede, numa forma como eles chamam os antepassados, não tem que se se for diretamente a egungun, também não tem que se ir diretamente às sepulturas, se depois dele terem consultado a sepultura, o ô ou, o espírito e concorde eles podem tapar com cimento, ou podem tapar com um tapete, podem colocar os mosaicos (azulejos), e vão cultuar junto a prede num canto, para poder chamar o pai, e para poder cultua-lo [...].

O TEMPO DE LUTO NA NIGÉRIA

A ministra da cultura do *Aláààfin*. Dra. Paula Gomes, esclarece sobre o luto:

"o luto dura sete dias, enquanto estão sendo feitos os rituais para o falecido, após este tempo todos estão liberados, com exceção da família, principalmente esposas que chegam a ficar 40 dias neste luto." (Informação pessoal).

O equívoco conceitual de algumas famílias do Batuque de que orixá vira *eégún* colocando o *òkúta* do morto no *Ìgbàlè*, é muito diferente do conceito do culto em Itaparica, no qual o *egúngún* é o próprio morto ainda que carregue algumas insígnias do *Òrìsà* ao qual ele foi iniciado em vida.

Ainda que algumas famílias “façam *eégún*” com descendentes, outras famílias do Batuque estão alinhadas com a matriz cultuando somente os ancestrais no *Ìgbàlè*.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

CAPÍTULO 5

KAMUKA NA NIGÉRIA

O autor Paulo Tadeu influenciou a geração mais recente a crerem que a Kambini ou Kambina tem origem entre os *Bantus*. Para isso, em seus livros, ele renomeou por conta própria, o nome Kambini ou Kambina, para *Cabinda*, usando como argumento apenas a semelhança do nome, um parônimo.

Sem os atuais dados que hoje temos a geração de sua época, devido ao desconhecimento do “Conceito de Nação”, foi levada a acreditar que a Kambina seria *Bantu*.

Em 2020, publicamos na revista *Qlórún*, número 82, informações sobre *Kamuka* nas atuais terras nigerianas. O trabalho apresentou o CEP da região *Kamuka*, informações sobre a etnia *Kamuka*, além de registros de famílias e, até mesmo, o parque nacional *Kamuka*, devidamente localizado em terras nigerianas.

OS MAPAS KAMUKA

Detalhe do mapa da região próxima do Parque Nacional *Kamuka*. O Parque encontra-se na zona rural de *Kontagora*; notem que ele está muito próximo de *Sofo Birn Gwari*.

Rotas aéreas e localidade em relevo da região próxima do Parque Nacional *Kamuka*.

A Kambina Nagô e o Kamuka na Nigéria



O mapa e o recorte destacando o parque Kamuka.

Fonte: *Nigeria the Bradt Travel Guide*, UK, 3ª edition, 2012. P. 1.
(Lizzie Williams)

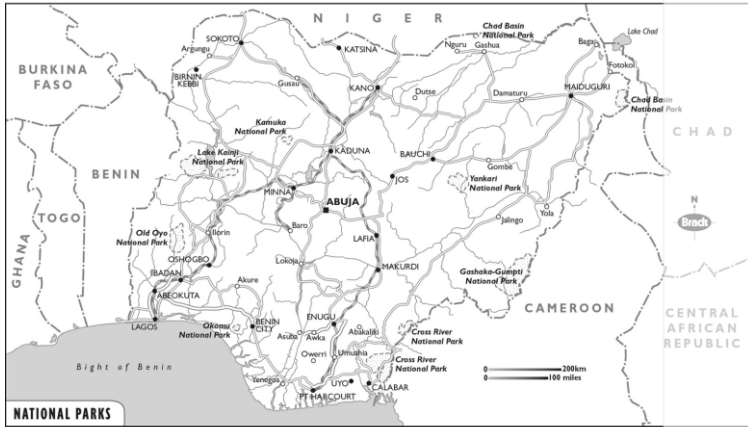
A Kambina Nagô e o Kamuka na Nigéria

Ao seu redor encontraremos *Zuru, Anka, Gusau, Funtua, Zaria, Kaduna, Zungeru, Bin Yauri, Yelwa*.



Fonte: *Nigeria the Bradt Travel Guide*, UK, 3 edition, 2012, pag. 1. (Lizzie Williams)

Neste mapa, consta a localidade do Parque Nacional *Kamuka*, situando-se na atual região da Nigéria, entre *Birnin Keebi*, *Gusau*, *Kaduna*, *Minna*, antigo *Ọ̀yó* e *Benin*.



Fonte: *Nigeria the Bradt Travel Guide*, UK, 3 edition, 2012, p. 6.



Recorte do Mapa destacando o parque kamuka.

Fonte: *Nigeria the Bradt Travel Guide*, UK, 3 edition, 2012, p. 6.

(Lizzie Williams)

KAMUKA EM TERRAS NIGERIANAS

Entre os mapas, documentos e jornais digitalizados contendo tags com *Kamuka*, nos deparamos com escavações e restaurações de alguns parques, entre eles o próprio Parque *Kamuka*, na região rural da *Kontagora*, *Nigéria*. Livro *Nigéria the Bradt Travel Guide*, UK, 3 edition, 2012, de Lizzie, p. 298. Confira:

HISTÓRIA NATURAL E CONSERVAÇÃO

PARQUES NACIONAIS. Apesar do rápido desmatamento na Nigéria, ainda há uma série de reservas espalhadas pelo país e a Nigéria atualmente tem oito parques nacionais. Em 1979, a primeira administração Obasanjo estabeleceu o lago Kaini como o primeiro parque nacional da Nigéria e, desde então, sete outros foram criados, a maioria escavados em antigas florestas ou reservas de caça. Eles cobrem cerca de 3% ou 24.000 km² do país, embora apenas dois deles sejam bem conhecidos, ou mesmo visitados regularmente - são o Parque Nacional Yankari do lago Kainji e o Parque Nacional. Os outros são Cross River, Gashaka-Gumpti, Okomu, **Kamuka**, **Old Oyo** e os Parques Nacionais da Bacia do Chade. (o grifo é nosso)

NIGERIA (BRADT TRAVEL GUIDES)

NATURAL HISTORY AND CONSERVATION

NATIONAL PARKS Despite rapid deforestation in Nigeria, there are still a number of reserves dotted around the country and Nigeria currently has eight national parks. In 1979 the first Obasanjo administration established Lake Kainji as Nigeria's first national park and since then seven others have been created, mostly carved out of former forest or game reserves. They cover about 3% or 24,000km² of the country, though only two of these are well known, or even visited regularly - these are Lake Kainji National Park and Yankari National Park. The others are Cross River, Gashaka-Gumpti, Okomu, **Kamuka**, Old Oyo and Chad Basin national parks.

Ainda no mesmo livro, p. 298, transcreveremos para o português, o trecho que fala sobre turismo e restaurações do Parque *Kamuka*:

PARQUE NACIONAL DE KAMUKA

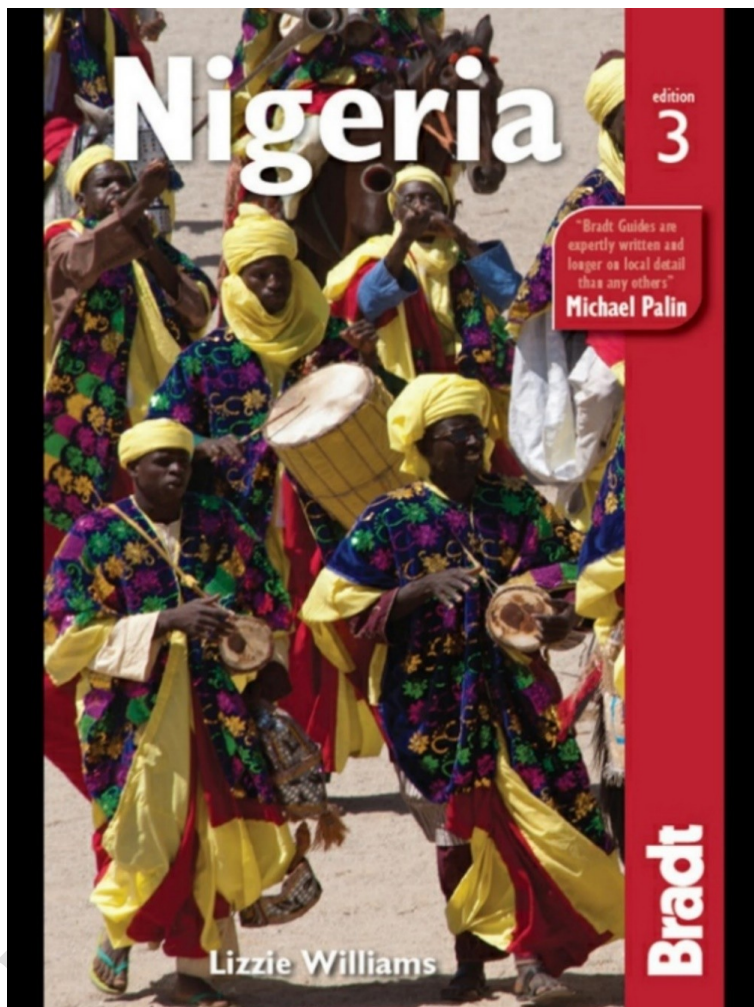
“O Parque Nacional de Kamuka fica a cerca de 125 km a oeste de Kaduna na A125 perto da cidade de Birnin Gwari, e o portão do parque fica a 23 km ao sul da estrada Lagos-Kaduna perto da vila de Dadara. Kamuka cobre 1.121 km² de pântanos da floresta de savana e foi tombado como parque nacional em 1999 por uma reserva florestal mais antiga e recebeu o nome de um grupo étnico local. No entanto, o parque só recebeu um punhado de visitantes e é mal protegido. Ele supostamente tem alguns elefantes, antílopes, hartebeest ocidental, uma série de espécies de patos, javalis, babuínos e chacais, e uma variedade de pássaros incluindo pintadas e calau terrestre. O parque está supostamente aberto de dezembro a junho; se você conseguir acessar e encontrar alguém para pagar, a taxa de entrada deve ser N300. Não há acomodação e você precisará estar em um veículo autossuficiente e estar preparado para acampar. O nome das trilhas dentro do parque foi mantido.”

KAMUKA NATIONAL PARK Kamuka National Park lies some 125km west of Kaduna on the A125 near the town of Birnin Gwari, and the park gate is 23km to the south of here off the Lagos–Kaduna road near the village of Dagara. Kamuka covers 1,121m² of savanna woodland marshes and was gazetted as a national park in 1999 from an older forest reserve and named after a local ethnic group. However, the park has only ever received a handful of visitors and it's poorly protected. It reputedly has some elephants, roan antelopes, western hartebeest, a number of species of duikers, warthogs, baboons and jackals, and a variety of birds including guinea fowl and ground hornbill. The park is supposedly open from December to June; if you manage to gain access and find anyone to pay, the entry fee is supposed to be N300. There's no accommodation and you'll need to be in a self-sufficient vehicle and be prepared for camping. None of the tracks within the park have been maintained.

ZARIA

The ancient walled city of Zaria to the north of Kaduna retains much of its old character and has a fine mosque and Emir's Palace. It is an exceptionally friendly place and one of the most pleasant of the northern cities. First known as Zazzau, it was founded in about AD1000 and became one of the 15th-century Hausa states (see box, [Click Here](#)). It was once an important city on the trans-Sa-





Capa do livro: Nigéria the Bradt Travel Guide, UK, 3 edition, 2012.
(Lizzie Williams)

Antes de falarmos do parque *Kamuku*, necessitamos lembrar que o nome está em inglês, onde a sílaba “ku” recebe um som semelhante ao “ka”, do *Kamuka* ioruba.

Dra. Paula Gomes, assessora cultural do *Aláààfin Òyó*, informa que:

“A palavra *Kamuka*, possivelmente seja de origem *Gwari*, no norte da *Nigéria*, ou de alguma tribo próxima da região”.

E completa que:

“A pronúncia do parque *Kamuku* do inglês se aproxima da palavra *Kamuka*”. [Informação pessoal]

Dentro da reserva do parque Nacional de *Kamuku*, foi citado por Ibrahim (2016, p. 155) a reserva de elefantes e a represa de água, no parque *Kamuka*:

[...]. Este objeto serve como principal fonte de água para os animais que vivem no parque é a principal atração do parque, pois está localizado no centro do parque *Kamuka*. É um lugar ideal para observação animal [...].

A existência de um povo chamado *Kamuka* e *Kamgari*, no século XVI, em plena atividade do tráfico escravagista, somados a problemas religiosos da região no século XVI, é relatada por Martin (2016, p. 82):

[...] *Bauchi* tem uma história complexa em relação aos Estados *Hausa*. A etimologia *Hausa* para *Bauchi*³⁸ significa "escravo" ou "a terra dos escravos". Assim, o termo *Kasanchen Bauchi* de nota as regiões atuais de *Bauchi*, Planalto, *Kaduna* do Sul, Norte do *Níger* e *Sokoto* do Sul (*Zurue Yawuri*). Era notória como o centro de invasores de escravos para a fronteira de *Kastina* e *Kano* linha da rota comercial trans Saara. Foi notório como o centro de invasores de escravos para a fronteira de *Kastina* e *Kano* linha da rota comercial trans *Saara*. Embora houvesse evidências de uma sede estabelecida de governo em *Bauchi* **pelos povos *Kamgari* e *Kamuka* no século XVI**, recentes descobertas arqueológicas sobre a cultura *Nok* mostram as atividades dos povos da região do Planalto de *Jos* que são anteriores ao *Bauchi* e ao califado *Sokoto*. [...] (o grifo é nosso).

No *Nairaland Forum* (15 fev, 2013) a etnia *Kamuka* é citada, entre várias outras:

NOT EVERY NORTHERNER IS
HAUSA AND NOT EVERY
NORTHERNER IS A TROUBLE
MAKER!

For some of us, everyone from the North is a Hausa man or woman. I used to think that the Fulanis were a group of Hausas who rear cattle. Little did I know that they were a tribe. Most of the people from Niger State are either Nupe or Gwari and other minor tribes. I once went to somewhere in this State (Maraba Guni) where I met people who neither spoke nor understood Hausa but only Gbagi (Gwari people's dialect). Even my friend Ogiri Joel from Nasarawa State who would be tagged a 'Hausa man' in the East will always tell me he is not Hausa but Alago.

I later researched, heard and read about more ethnic groups in the north that I never knew. They include; Kadara, Zuru, Koro, Baruba, Gana, Dibo, Kambari, **Kamuka**, Pangu, Dukkkawa, Gaada, Ingwal, Amo, Langtang, Mangu and many others. Also, northerners are not trouble makers as we often think they are. There will always be trouble makers everywhere in the world. Trouble making is not an exclusive preserve of one part of the country.

A Kambina Nagô e o *Kamuka* na Nigéria

Nesta imagem do mapa *Elevation*, registramos a localização exata onde se encontra e detalhes como:

Kamuka, Kontagora (rural), Kontagora, Nigéria.

Latitude: 10.45 Norte

Longitude: 5.51 Altitude Leste

356.00km/1167.98Ft

Fuso horário: África/Lagos UTC +01h00min

https://elevationmap.net/kamuka-kontagora-rural-konta...
Sosni - Administrati... Olorun - Administr... Analytics Dashboard | HostG... Login do cPanel

Países e cidades Busca Menu

Kamuka, Kontagora (rural), Kontagora, Nigéria
Latitude: 10.45 North
Longitude: 5.51 Altitude Leste:
356.00m / 1167.98ft

8,5GB de internet
Ligações e WhatsApp ilimitados
POR: R\$ 49,99 /mês no plano anual
Assine já

Kamuka, Kontagora (rural), Kontagora, Nigéria no Mapa de Elevação. Mapa topográfico de Kamuka, Kontagora (rural), Kontagora, Nigéria.

Localidade: Kamuka	País: Nigéria (NG)	Latitude: 10.448805	Longitude: 5.51267
Nascer do sol: 05:27	Pôr do sol: 17:30	Moonrise: 16:18	Moonset: 03:35
Fuso horário: África/Lagos UTC +01:00	Região 1: Níger	Região 2: Kontagora	Região 3: Kontagora (rural)

Nesta imagem encontramos até o código postal de *Kamuka*, não especificando se é uma vila, ou cidade, constando no mapa ao lado de “*Kam Bain*” e “*Ibini*”, na região de *Kontagora*.

Index » Nigéria » Niger » Kontagora » Kontagora (Iuray)

Localidade, Sub-localidade, Área	Código postal
Kam Bain	923 101
Kamuka	923 101
Kamulu	923 101
Kontagora	923 101
M. Bruda Saidu	923 101
M. Buda Saidu	923 101
M/Adanu	923 101
M/Biallah	923 101
Maji Washington	923 101
Magalla	923 101
Magaji	923 101
Magaruru	923 101
Maje	923 101
Makari Boko	923 101
Malehe Gari	923 101
Mallo	923 101

Nigéria
Inglês

Dataset códigos postais
Dados de amostra

Comparar

Contar \$3 USD

Kam Bain
Kontagora (Iuray)
Niger 923 101 Nigéria

Níveis administrativos

Mais registros de CEP da região *Kamuka*, em *Kontagora* (rural), vejam na imagem:

The screenshot shows the Mapanet website interface. At the top, there is a navigation menu with options like 'Países', 'Recursos', and 'Comprar'. Below the menu, a list of locations and their postal codes is displayed. To the right of the list, there is a map showing the location of the selected area. Below the map, there are summary statistics and a 'Atualizada' (Updated) date.

Localidade	CEP
A. SIKO	923101
Bakikkar	923101
Bakulike	923101
Bakin Gushi	923101
Basililibe	923101
Bawa Rapura	923101
Rio Buda	923101
D/Dawan Tum	923101
D/Edama	923101
Daji Kamuku	923101
Dappa	923101
Filsalibe	923101
Fangur Us	923101
Abdu owerito	923101
Ganawa	923101
Ibiri	923101
Ibidi/Padama	923101
Kalin Maklomo	923101
O Kal, Gabirawa	923101
Kagara Ibanwa	923101

Níveis administrativos

- Território da capital federal: 1
- Estado: 36
- Cidade autônoma: 662
- Cidade: 81
- Distrito: 2.650

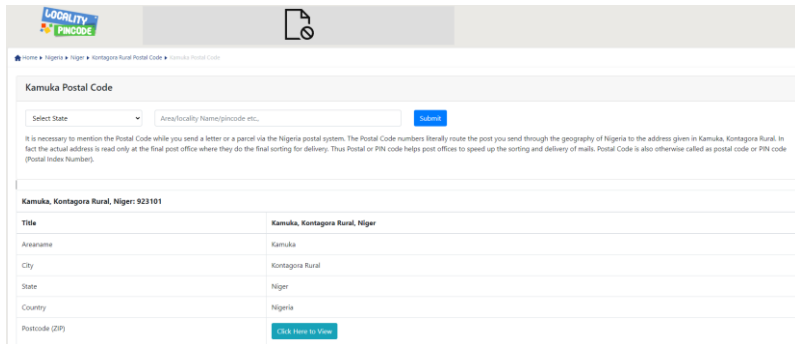
Conteúdo do arquivo

Localidades: 53.562
 Códigos postais: 3.687
 Total de registros: 57.257

Atualizada: 29 de agosto de 2020

Pacotes: US\$ 685
 África

Outra referência da existência de Caixa Portal na região Kamuka:



LOCALITY
PINCODE

Home » Nigeria » Niger » Kontagora Rural Postal Code » Kamuka Postal Code

Kamuka Postal Code

Select State: Area/locality Name/pincode etc.: [Submit](#)

It is necessary to mention the Postal Code while you send a letter or a parcel via the Nigeria postal system. The Postal Code numbers literally route the post you send through the geography of Nigeria to the address given in Kamuka, Kontagora Rural. In fact the actual address is read only at the final post office where they do the final sorting for delivery. Thus Postal or PIN code helps post offices to speed up the sorting and delivery of mails. Postal Code is also otherwise called as postal code or PIN code (Postal Index Number).

Kamuka, Kontagora Rural, Niger: 923101

Title	Kamuka, Kontagora Rural, Niger
Areaname	Kamuka
City	Kontagora Rural
State	Niger
Country	Nigeria
Postcode (ZIP)	Click Here to View

Kontagora (rural) – Kamuka, Kontagora, Niger state Postal Code

August 13, 2018 by admin

Kontagora (rural) – Kamuka Kontagora, Niger Postal Code and Zip Code

923101

District Name:	District: Kontagora (rural) – Kamuka
Town:	Kamuka
Local Government Area:	Kontagora L.G.A
State:	Niger State
Country:	Nigeria
Associated Zip Code:	923101

This is the Postal code and zip code of Kontagora (rural) in Kamuka town of Kamuka L.G.A of Niger state.

A Kambina Nagô e o *Kamuka* na Nigéria

Nigeria Postcode	
Postcode type and position	6 digits to the right of the locality name, separated from the latter by a dash
	<p>MLXXX Kambina Kontogora Rural Niger - 923101 Nigeria</p>
Coding method	<p>923101 923 ->-> Dispatch district/head post office of main regional town 101 ->-> Delivery /secondary post office</p>
Address format	The second line of the address indicates the sub-office, the area, the street or the village name of the address. A sub-district (Niger) might optionally be given on the line before the district name and the postcode.
Examples	<p>MLXXX address Kambina sub-office (village /street /village) Kontogora Rural city Dispatch district/head post office of main regional town Niger - 923101 locality - postcode Delivery /secondary post office Nigeria country</p>
Other area Pincode in Kontogora Rural	
<p>Tan Makari Mado Baki-Gabé Kontogora Kambina F'Kawa Tin-Ga-Alba Dabé Ung-Jin-Boda Nema</p>	

Os roteiros do *Kamuka* Parque do site *National Passport Services*:

[...] Parque Nacional *Kamuka*.

Outro lugar fantástico para visitar é o Parque Nacional *Kamuka* em Bimini Gwari. Este vasto parque nacional tem muito a ver. Certifique-se de ter sua câmera pronta para tirar fotos. Você verá muitas espécies de animais vagando livremente e em rebanhos. Antílopes, elefantes, macacos e babuínos, para citar alguns, recebem os visitantes diariamente.

O parque cobre mais de 1.100 quilômetros quadrados, então você terá muito chão para cobrir. Esteja pronto para se divertir com sua família. Além disso, você encontrará muitos outros indivíduos curiosos como você ansiosos para ver os animais em seu ambiente natural [...].

DISTRIBUIÇÃO

A Kambina Nagô e o *Kamuka* na Nigéria

← → ↻ 🏠 <https://nationalpassportervice.com/interest/place-to-visit-in-nigeria/>
Semi-Administra... 📄 Cham... Administ... 📊 Analytics 🌐 Desbloquear... 📍 Localização... 🌐 Administração... 📄 Fazer login no Cen... 🌐 Meu Diári... Google... 📄 Diários Brasile... 📄 Free Streaming Serv... 📄 Como alisar o SSL...

nguni iu lugayoi ii ierivocari iivo para viciari i i a i Nigeria

1. Reserva de Jogos Yankari

Se você estiver no estado de Bauchi, nordeste da Nigéria, você deve ir para a Reserva de Jogos Yankari. Nesta reserva, você verá animais em seu habitat natural. A reserva tem o maior rebanho de elefantes que se aproximam de poços de água. Você também pode fazer um passeio com guias de safári especializados para ver macaco patas, antílopes e babuínos de elite. Além de toda a vida selvagem que você pode encontrar, aproveite a paisagem e o meio ambiente. Durante o passeio, você pode parar no Wika Warm Springs para ver e sentir seu espírito. A experiência só pode ser real quando você olha para todos os intergêos entre os animais em seu habitat.

2. Parque Nacional Kamuku

Outro lugar fantástico para visitar é o Parque Nacional Kamuku em Birnin Gwari. Este vasto parque nacional tem muito a ver. Certifique-se de ter sua câmera pronta para tirar fotos. Você verá muitas espécies de animais viajando livremente e em rebanhos. Antílopes, elefantes, macacos e babuínos, para citar alguns, recebem os visitantes diariamente.

O parque cobre mais de 1.100 quilômetros quadrados, então você terá muito chão para cobrir. Estaja pronto para se divertir com sua família. Além disso, você encontrará muitos outros indivíduos curiosos como você ansiosos para ver os animais em seu ambiente natural.

3. Rocha Zuma

Você gosta de pedrear? Então ir para Zuma ou Aso rock na capital de Abuja vai explodir sua mente. Zuma é a única rocha no entorno com vista para a cidade de Zuma. As outras montanhas estão a quilômetros de distância. Visite Zuma Rock em abril e outubro anibri um de seus magníficos túneis. Durante essa tempo, a estação das chuvas, e enquanto a chuva cai sobre ele, o ápice da rocha pega fogo e embe um belo brilho.

Então, se você está pronto para ver essa rocha espetacular, pare em Abuja e aproveite a paisagem de tirar o fôlego.

4. Galeria de Arte Nike

Para os aficionados por galerias de arte, a Nike Art Gallery mostrará a história profunda da Nigéria. Você encontrará pinturas e outras imagens fora do prédio antes mesmo de entrar. Com sua fantástica exibição de cultura, a Galeria Nike apresentará a Nigéria em uma luz mais bonita do que a maioria das pessoas acredita. Você também verá esculturas de pedra fantásticas e obras de artesanato perduradas.

Photos de estadu de ilhas visitadas. Se quiser saber mais, consulte "Vida e cultura em diferentes continentes".

BUSCA

Temos toneladas de respostas para você!

BUSCA

digitar palavras-chave e em seguida, clicar enter

POSTS RECENTES

Você sabia a validade de diferentes tipos de vistos?

22 de julho de 2019
Por: Lúcia C



Visto de entrada única e de entrada múltipla

27 de junho de 2019
Por: Lúcia C



Sou passaporte americano e seguiu com o chip FIM? Por: Lúcia C



Instruções de como obter um visto para o Vietnã em 2019

22 de abril de 2019
Por: Lúcia C

Incluso entre os centros incríveis turísticos da *Nigéria* encontramos, citado por Ibrahim (2016, p. 155) o seguinte:

[...] *Kaduna state: Kamuka National Park, Terra cotta Nok village, Zaria town walls* [...]

Suleiman & Ilim & Lawal & YA (2019, p. 379), relatam a presença dos nativos *Kamuka*:

[...]. Outro líder comunitário na aldeia *kamuka* disse, o humano o custo associado ao ataque dos ladrões é imenso; de vários pastores e fazendeiros foram mortos. O roubo de gado tornou-se um desafio de segurança emergente que continuou a ameaçar a segurança humana e a vida econômica da maioria das comunidades *past Doris* na África Subsaariana. (o grifo é nosso)

Informações sobre o Parque *Kamuka*, coletadas por Amalu, Duluora, Omeje e Emeana (2013 vol 78, nº 4):

[...] *Nigéria* testemunhou avaliações massivas e crescimento no desenvolvimento do ecoturismo que têm influenciado diretamente sua economia positivamente (Amalu 2013). Algumas de suas principais atrações de ecoturismo incluem; o parque do milênio em *Abuja*, castelo *Kajuru* em *Kaduna*, parque nacional *Cross River*, montanha *Afi* santuário, resort na montanha *Obudu* em Cross River Estado, reserva de jogos *Yankari*, primavera quente de *Wikki*, Colinas *Idanre*, parque nacional *Gashaka Gumti*, *Kamuka* Parque Nacional [...].

Amalu, Duluora, Omeje e Emeana (2013), citam o Parque *Kamuka* na Nigéria, veja a imagem:

2009).

Nigeria has witnessed massive appraisal and growth in ecotourism development which have directly influenced its economy positively (Amalu 2013). Some of its major ecotourism attractions includes; the millennium park in Abuja, Kajuru castle in kaduna, Cross River national park, Afi mountain sanctuary, Obudu mountain resort in Cross River State, Yankari games reserve, Wikki warm spring, Idanre hills, Gashaka Gumti national park, **Kamuka** national park.

ETNIA KAMUKA

Darling & Son (1905, p. 72), relatam mais uma evidência da etnia dos *Kamukas* na Nigéria:

[...] *Kontagora*

172. A província tem uma área de 14.500 milhas quadradas, e sua população é estimada pelo Assistente Residente em 79.000 (fêmeas, 44.050, machos, 34.350). Uma estimativa alternativa por *Major Sharpe*, C.M.G., o Residente responsável, coloca a população em apenas 40.025. Antes da dominação *Fulani*, o antigo reino pagão de *Yauri* ocupou o Oeste, e os *Kamukas* a parte oriental desta província. No Norte eram os *Dakakari*, e *Nupes* e *Bassas* ocupavam o sul. As ilhas e as cidades ribeirinhas do *Níger* eram habitadas por clãs separados, enquanto muitas pequenas tribos estavam encravadas entre os principais. [...] (p. 72, imagem: veja em anexo dois).

Yahava (2003), registra a ligação do povo *Nupe* com a etnia *Kamuka*³²:

“O reino Nupe foi fundado por Tsoede, aliás Edegi, que nasceu em 1465. O primeiro Nupe que a história reconheceu Tsoede e sua fundamental contribuição para a construção da dinastia Nupe. Tsoede era filho de mãe Nupe e de pai de Igala que foi criado na corte de Igala em Idah, mas depois voltou para sua casa natal em Nupelândia. Ele voltou com magia e simbólicas insígnias que lhe foram legadas por seu pai, o rei Igala. Ao retornar à casa materna, ele ganhou controle sobre a vasta área de Nupelândia e estendeu seu reino conquistando as terras vizinhas. Os povos conquistados foram os Iorubás no Sul, e os Kamberi e Kamuku no Norte. [...]”

“[...] Historicamente sabe-se que Oranmiyan, um descendente de Oduduwa, o fundador da raça Yoruba, casou-se com Elempe, filha do Rei Nupe. O filho deles era o poderoso e trovejante Sango; portanto, ele era meio Nupe, meio Iorubá. Ele mais tarde tornou-se o Alaafin (Rei) do Império de Oyo. Depois, o irmão de Sango invadiu o povo Nupe durante seu reinado como rei de Oyo. Etsu-Nupe, conhecido então pelos Iorubás como Lajomo, lutou fortemente e a evidência desse evento histórico está ligada a Ede e Ilesha e à conquista do Império Oyo. No entanto, os acontecimentos dos anos seguintes mostraram que a relação entre o povo Nupe e os Yoruba tornaram-se cordiais. Isto explica a introdução de Egugu em terras Yorubá pelos Nupe.”

³² O nome *Kamuka* ou *Kamuku*, trata-se da mesma etnia, possivelmente seja uma variação linguística ocasionada pelo idioma estrangeiro.

O *Áárè* Bàbátúndé (2019), referência alguns grupos étnicos da *Nigéria* entre eles os *Kamuka*:

[...] Esta região recebeu 35 grupos étnicos dos 51 grupos étnicos identificados na *Nigéria*. Os grupos étnicos são: /14 1. *Hausa/Fulani*. 2. *Kanuri*. 3. *Tiv*. 4. *Nupe*. 5. *Egedde*. 6. *Gwari*. 7. *Idoma*. 8. *Kutev*. 9. *Babur*. 10. *Beddawa*. 11. *Bura*. 12. *Shuwa Arab*. 13. *Borgawa*. 14. *Bussawa*. 15. *Bassa Komo*. 16. *Igala*. 17. *Igbirra*. 18. *Kamberi*. 19. *Owe*. 20. *Magazawa*. 21. *Dak-Akerri*. 22. *Dukawa*. 23. *Kamuka*. 24. *Angas*. 25. *Biom*. 26. *Eggon*. 27. *Sura*. 28. *Yergum*. 29. *Adarawa*. 30. *Arawa*. 31. *Zabirma*. 32. *Jaba*. 33. *Kadara*. 34. *Kaje*. 35. *Kataba*. [...]

[...] 3. Região do Cinturão Médio Ocidental com *Nupe*; *Bussawa*; *Bassa-Komo*; *Dukawa*; *Kamberi*; Grupos étnicos *Kamuka* e *Angas*. [...]



Áarẹ̀ Bábátúndé · Seguir

1 de agosto de 2019 · 🌐



Why only the Yoruba should produce the President of Nigeria:

In 1952, the population census of Nigeria, conducted by the English colonial government, gives the number and identity of FIFTY-ONE ethnic groups in the country. The country was then divided into three regions, namely:

Northern Region.

Western Region.

Eastern Region.

The 51 ethnic groups were then shared amongst the 3 regions as follows:

A. Northern Region:

This region was allocated 35 ethnic groups out of the 51 identified ethnic groups in Nigeria. The ethnic groups are:

1. Hausa/Fulani. 2. Kanuri. 3. Tiv. 4. Nupe. 5. Egedde. 6. Gwari. 7. Idoma. 8. Kutev. 9. Babur. 10. Beddawa. 11. Bura. 12. Shuwa Arab. 13. Borgawa. 14. Bussawa. 15. Bassa-Komo. 16. Igalá. 17. Igbirra. 18. Kamberi. 19. Owe. 20. Magazawa. 21. Dak-Akerri. 22. Dukawa. 23. **Kamuka**. 24. Angas. 25. Birom. 26. Eggon. 27. Sura. 28. Yergum. 29. Adarawa. 30. Arawa. 31. Zabirma. 32. Jaba. 33. Kadara. 34. Kaje. 35. Kataba.

Of the 35 ethnic groups that made up the Northern Region, the Hausa/Fulani made up 55% of the total population of the region. Ahmadu Bello, a Fulani, was thus elected as the Premier of the Northern Region.

B. Western Region:

This region was allocated 4 ethnic groups out of the 51 identified ethnic groups in Nigeria. The ethnic groups are:

1. Yoruba. 2. Ijaw. 3. Edo. 4. Urhobo.

Of the 4 ethnic groups that made up the Western Region, the Yoruba made up 75% of the total population of the region. Obafemi Awolowo, a Yoruba was thus elected as the Premier of the Western Region.

C. Eastern Region:

This region was allocated 12 ethnic groups out of the 51 identified ethnic groups in Nigeria. The ethnic groups are:

1. Ibo. 2. Efik/Ibibio/Annang. 3. Boki. 4. Ekri-Yakurr. 5. Nbembe. 6. Obanliks. 7. Ukelle. 8. Yala. 9. Abuah. 10. Ngenni. 11. Ogoni. 12. Bassa.

Of the 12 ethnic groups that made up the Eastern Region, the Ibo made up 60% of the total population. Nnamdi Azikiwe, an Ibo was thus elected as the Premier of the Eastern Region.

O *Makodi* (2015) cita os *Kamuka* entre grupos étnicos-religiosas, veja a seguir:

[...] Projeto de pesquisa e questões metodológicas.

Nosso projeto de pesquisa baseia-se amplamente em técnicas analíticas gerais e de estudo de caso no interrogatório do problemático. Ele se concentra na natureza do estudo, bem como nas estruturas, condições e procedimentos relevantes para o estudo. A principal preocupação aqui é a identificação de identidades étnico-religiosas. Existem dois conjuntos de identidades étnicas no *Middlebelt*; o territorial e identidades étnicas quase territoriais. As principais categorias étnicas territoriais são *Tiv*, *Nupe*, *Angas*, *Igala*, *Idoma*, *Igbirra*, *Gwari*, *Berom*, *Busawa*, *Bariba*, *Kambari* e *Kamuka*; enquanto os quase territoriais são *Hausa-Fulani*, *Igbo*, *Yoruba* e outros. [...]

FAMÍLIA *KAMUKA*

O Diário Oficial da União (2018) concedeu a nacionalidade brasileira a uma extensa lista de nigerianos ao País, entre eles encontramos o seguinte processo:

[...] PORTARIAS DE 27 DE NOVEMBRO DE 2018.

O SECRETÁRIO NACIONAL DE JUSTIÇA, DO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, no uso da competência delegada pela Portaria Interministerial nº 11, de 03 de maio de 2018, publicada no Diário Oficial da União, de 04 de maio de 2018: resolve:

Nº 416 CONCEDER a nacionalidade brasileira, por naturalização, à pessoa abaixo relacionada, nos termos do Art. 12, II, "b", da Constituição Federal, e em conformidade com o Art. 67 da Lei nº 13.445/2017, regulamentada pelo Decreto nº 9.199/2017, a fim de que possa gozar dos direitos outorgados pela Constituição e leis do Brasil:

JOEL SAMSON SHAKA - V825334-0, natural da Nigéria, nascido em 28 de agosto de 1981, filho de *Samson Shaka* e de ***Kamuka Mavule***, residente no Estado de São Paulo (Processo n° 08505.035528/2017-87) [...] (o grifo é nosso).

Neste perfil do Facebook possui o nome de família: *Kamuka Kessiena*, estudante na *Nigéria*.



Peter Kamuka Kessiena



Frequentou Prime Global School



Mora em Warri



De Delta



Solteiro

TURISMO A *KAMUKA* NA NIGÉRIA

Segundo Lizzie citar a página no livro de guia de turismo “*Nigéria*”, os povos *Kamuka* estavam em plena atividade no século XVI.

Existe a possibilidade terem vindo povos *Kamuka* para o Brasil. Por *Kamuka* estar localizado próximo do Antigo *Òyó*, e pelos registros atuais das escavações das antigas florestas, o parque *Kamuka*, também está em restauração, havendo uma grande possibilidade de interação entre *Òyó* e o povo *Kamuka*.

Os mapas nigerianos registram a localidade onde existiu uma etnia *Kamuka* ao norte da *Nigéria*, fora do atual mapa ioruba, porém, próximos ao local de *Òyó* antigo. Vale lembrar que as fronteiras e os Estados Federativos da *Nigéria* atual não existiam na época do Império do antigo *Òyó*.

Informações recentes mostram locais chamados de *Kamuka* em terras nigerianas que constam nos livros de turismo, como: Parque Nacional *Kamuka*. No andamento das pesquisas encontramos também nomes de famílias, e até código postal para a área de *Kamuka*, na *Nigéria*.

Informações recentes registram a existência de um povo chamado *Kamuka* da República Democrática do Congo. Nossas pesquisas nos levaram até 1914, com o surgimento do idioma *MBunda/Kamuka*, e informações sobre a recente migração de um povo Bantu. (ver capítulo 9).

Aqueles que defendem que *Kamuka* pode ter origem *Bantu* poderão contestar, dizendo que as informações que apresentamos são ainda insuficientes para provar que *Kamuka* tem origem ioruba.

Porém, da mesma forma, e no mesmo peso, o mesmo argumento pode ser usado por aqueles que defendem o oposto, isto é, que *Kamuka* pode ter uma possível origem na *Nigéria*. Ainda serão necessários mais estudos e pesquisas.

Para finalizar, queremos esclarecer que, seja *Kamuka Bantu* ou *Yorùbá*, não é isto que define a origem da Kambina. O que traz esta definição é o Conceito de Nação. (Ver bibliografia)

Com o devido respeito, sugerimos fortemente àqueles que pretendem estudar sobre a Kambina, que primeiro tomem conhecimento do que é um “Conceito de Nação”, para depois emitirem um parecer aceitável. (Ver bibliografia)

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

CAPÍTULO 6

O ÒRÌSÀ KAMUKA

Em 2008 surge mais um livro do escritor Paulo Tadeu, “QUEM É O ORIXÁ XANGÔ KAMUCÁ, NA NAÇÃO RELIGIOSA DE CABINDA?”, e reafirma, sem provas, a Kambina como sendo uma cultura *Banto*:

[...] religiosos da Nação Cabinda e das demais Nações de origem Africana cultuadas no Estado do Rio Grande do Sul, consideradas como sendo puras (Cabinda, Gêge, Ijexá, Oyó, Nagô...).

O legado de XANGÔ KAMUCÁ

Orixá REI da Nação Religiosa de Cabinda, cultuada no Estado do Rio Grande do Sul, e oriunda da região de Cabinda, perto de Angola e da foz do Rio Congo, no Continente Africano – é um legado grandioso e duradouro. É um povo Banto (Bântu), ou povo de língua Banto (Bântu).

No Brasil, banto era qualquer dos escravos chamados de angolas, benguelas, cabindas, congos, moçambiques (maçambiques). Banto é também o grupo de línguas pertencentes ao benuê-congo, e que é composto de várias centenas de línguas faladas numa área muito extensa da África, desde o paralelo cinco até a antiga Colônia do Cabo (na atual República África do Sul). Banto (Bântu) é o indivíduo de um dos povos que fala qualquer das centenas línguas banto.

Quanto à língua falada pelos escravos negros originalmente em seu berço de nascimento (África) eram estas, repetimos “centenas

de línguas banto”, citando-se apenas algumas destas que são: quimbundo (kimbundu); bundo; ambundo (mbundo); andongo; dongo; Luanda; quindongo; língua de angola congolês; macuaruand; suali (suaile); cosa; zulo; gur; voltaico; [...] (Tadeu, p. 23 e 24).

Notem que o escritor Paulo Tadeu registrou os seguintes lados: *Gêge, Ijexá, Oyó e Nagô*, concordando com Dante, porém, não incluiu a nação “*Obá*”, possivelmente uma corruptela de “Egba”. Ela foi apagada dos registros e da mente dos descendentes do Batuque R.S. e talvez atualmente ninguém mais saiba que existiu esta raiz.

No mesmo texto o autor inclui entre as Nações, a *Cabinda*, referindo-se como uma Nação de origem *Banto* tradicionalista, contendo divindades e idioma, citando diversos idiomas comuns entre os povos *Bantos*, porém não esclarece como são empregados e onde estão dentro do Batuque.

Os Banto cultuam *nKissi*³³, porém, quais *nKissi* seriam cultuados no Batuque e como?

[...] pelo Orixá XANGÔ KAMUCÁ se dá pela Sua gloriosa tradição de REI DA NAÇÃO RELIGIOSA DE *CABINDA* e pelo poder (Axé, Força) que emana deste Orixá Coroado e responsável por esta grandiosa e tão importante Nação de Orixá [...] (Tadeu, p. 26).

³³ *nKissi* – Divindades cultuadas entre os *Bantu*, segue algumas; *lembaraganga*; *kajanjá*; *kanbaranqueje*; *matamba*; *kaitumbá*; *dandalunda*; *bombojira/aluvaiá*; *mucumbe*; *kassumbenca*; *angoromea*; *wunje*; *yombe*; *catendê*; *Kitembu*; *zumbarandá*; *kafundeji*.

[...] No Brasil, os Yorubás, em numerosidade de escravos, dominaram social e religiosamente os outros povos escravizados, com exceção dos *malês*. [...] (Paulo Tadeu, Quem é o Orixá Xangô Kamucá da Nação Religiosa de Cabinda, 2008, p. 30).

Os *Bantos* não cultuam *Òrìṣà*, nem sendo possível que haja o sincretismo, pela diferença entre os cultos e origem das divindades, então, ainda que por hipótese possa ter existido em sua fundação um sangue *Banto*, não encontramos nenhum registro de alguma religião *Banto* no Batuque.

Sàngó possui origem entre os *Yorùbá*. Segundo o texto do livro Quem é o Orixá Xangô Kamucá da Nação Religiosa de Cabinda, Paulo afirma que Waldemar estaria predestinado a ser um sacerdote de *Sàngó*, uma divindade *Yorùbá*, excluindo, a possibilidade de ele estar ligado à ancestralidade religiosa *Banto*:

[...] XANGÔ AGODÔ KAMUCÁ BARUÁLOFINA é o Orixá REI da Nação Religiosa Cabinda, praticada e cultuada no Estado do Rio Grande do Sul. Xangô é o nome do Orixá; AGODÔ é a classe deste Orixá; KAMUCÁ é o nome deste Orixá Rei que foi assentado para o Babalorixá REI, WALDEMAR ANTONIO DOS SANTOS; BARUÁLOFINA é o sobrenome deste Orixá REI da Nação Religiosa de Cabinda [...] (Tadeu, 2008, p. 59).

O relato do escritor Paulo Tadeu, merece muita atenção. Ele é revelador, estamos diante de uma situação riquíssima de informações:

“XANGÔ AGODÔ KAMUCÁ BARUÁLOFINA”

Sàngó é uma divindade que possui grande destaque no Brasil, inclusive no segmento religioso Kambina. Os adeptos deste segmento religioso o veneram em muitos de seus rituais e fundamentos.

Apesar de Tadeu renomear o *Sàngó Agodo* para *Kamuka Baruálofina*, ele não especifica a fonte desta informação.

Entretanto, *Bàbá* Raul de *Sàngó*, iniciado em 1958, faz esclarecimentos sobre a feitura de pai Waldemar:

“Waldemar foi feito para *Agodô*, e [também] foi sento o *Kamuka* na casa dele, o que o fez ser conhecido por Waldemar do *Kamuka*, porém o que as pessoas não sabem é que *Kamuka* é um assentamento, assim como o *Legba* e a *Zina*, que não pega cabeça nem dança no salão.”

E acrescenta que:

“Mãe Ottilia, viúva de pai Waldemar, morou aqui após a morte dele. Ela dançou muito neste salão³⁴. Mãe Ottilia chegou a falecer bem ali, naquele local.” (Informação pessoal).

³⁴ A casa de Pai Henrique da *Òsùn*, que hoje pertence ao Pai Raul de *Sàngó*.

Otília Tavares, esposa de pai Waldemar, nascida em oito de dezembro de 1908, falecida em vinte e nove de outubro de 1976, possivelmente ela seja a chave que revelaria muitos assuntos que ainda esclarecermos.

Pai Nado de Oxalá (2024) informa que:

[...] Dizem que Dona Otília vem do Ijexá e teria sido responsável pela estruturação da Cambinda na inserção do culto dos Orixas nessa nação que seria de origem banta; já outros afirmam que Otília quando casou com Pai Waldemar teria apenas seu Orixá Ossanha e tendo sua obrigação completada pelo própria Pai Waldemar, e também, há quem defenda que Dona Otília teria conhecido a religião dos Orixas quando se junta ao Pai Waldemar e que teria sua obrigação toda feita dentro do culto de Cambinda, várias teses e especulações que devemos aprofundar nossas pesquisas para realmente termos certeza de sua origem familiar e religiosa. [...]



Entretanto pai Nado, não cita seus informantes.

O *bàbálòrìṣà* e professor Denis levanta a questão do motivo de que “nem todas as casas religiosas terem os orixás de rua”. Vejamos a seguir (informação pessoal via WhatsApp em 2020):

“Estava fazendo uma pesquisa que a religião começou mesmo em Porto Alegre... em coisa de 1830 a 1840, que era feito ali no antigo beco do poço, e as casas ali não tinham nem, eram aquelas casas que davam no... sem pátio, davam na calçada, e onde ficam os orixás de rua, por isso que o Oyo e outras linhagens colocavam o Lode dentro do quarto de santo? Que era o Bara Ode [...] Tem Kamuka em algumas linhagens do Ijexa. Seria um orixá guardião. Por isso não pegaria cabeça.”

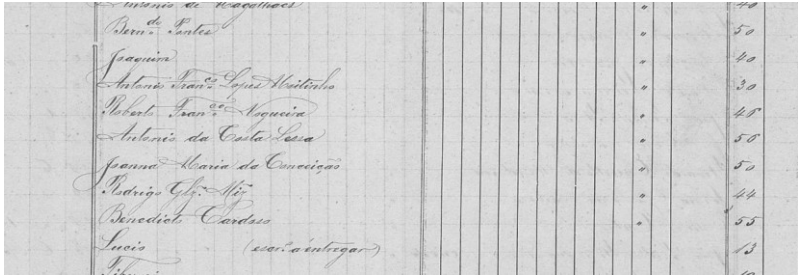
Gustavo do Bara, no dia 24 de junho de 2022, informa que:

“cantei e toquei numa casa de *Òyó*, para corte efetuado dentro do quarto do *òrìṣà* para *Sàngó Kamuka* e *Sàngó Dada*. Havia diversos integrantes da nação *Cabinda*, inclusive renomados” (Informação pessoal).

Entretanto, Luiz Claudio Soares, pesquisador autodidata, através do site *Family Search*, coletou informações que acrescentam novos dados ao nosso trabalho.

Em 07 de junho de 1876, registrou-se em Salvador, Bahia, a migração do Antonio da Costa Lessa, nascimento estimado em 1820, que tudo indica ser o avô de Waldemar Antonio dos Santo, que segundo o documento possuía 56 anos de origem

africana, não especificando o local, nem a situação ao qual ocorreu a sua migração, mesmo assim, não informa a etnia, nem local de origem. (ver anexo)



Antônio dos Santos	50
Joacina	40
Antônio João dos Santos	30
Roberto João da Nogueira	40
Antônio da Costa Lima	50
Joanna Maria da Conceição	50
Luís G. M.	44
Benedicto Cardoso	50
Lucio (ver a entregar)	13

Em 25 de dezembro de 1884, registraram em São Pedro, Rio Grande do Sul, Alfredo dos Santos, pardo, que possivelmente seja irmão de Waldemar, no documento informa que o pai, Pedro Antonio dos Santos, jornaleiro, natural da Bahia e a mãe Maximiana Regina dos Santos, natural de São Pedro.

Em 29 de setembro de 1976, registraram no cartório da 2ª zona de Registro Civil das Pessoas Naturais, aos sessenta e sete anos o óbito de Otília Tavares da Silva, declarante Sergio Antonio de Campos Ribeiro.

Entretanto, conforme declarado no atestado de óbito, pelo informante, Otília não deixou filhos, nem do casamento do Waldemar nem do Silvano. (ver anexo)

Conforme o site *Family Search*, em 20 de julho de 1942, consta o registro do falecimento de Breno Henrique Severez da Silva, aos três meses de idade, filho do segundo casamento

de Otilia, declarante do óbito Miguel Rosa de Moraes. (ver anexo)

Ainda em 08 de dezembro de 1944, registraram no Cartório 2º zona de Registro Civil das Pessoas Naturais, Maria da Conceição Tavares da Silva, filha de Otilia com Silvano Borges da Silva, que neste documento consta falecido. (ver anexo)

Entretanto, ainda no site *Family Search*, encontramos o atestado de óbito do Silvano Borges da Silva, esposo de Otilia Tavares da Silva, informando que faleceu em 19 de setembro de 1953. (ver anexo)

Nair Tavares dos Santos, em 1948, Filha de Waldemar Antonio dos Santo e de Otilia Tavares dos Santos, casou-se com José Carlos de Oliveira, entre as testemunhas, encontramos a Palmira Torres dos Santos. (ver anexo)

Em 20 de janeiro de 1957, foi registrado o óbito de Nair Tavares de Oliveira, filha de Otilia e Waldemar, declarante José Carlos de Oliveira. (ver anexo)

OS DIVERSOS CONCEITOS SOBRE O *ÒRÌSÀ KAMUKA*

Encontramos famílias as quais consideram que *Kamuka* seria um *Egun*, assim nos anos 80/90 o *bàbàlòrìsà* Luiz Carlos da *Òsùn*, informava que:

“Enquanto o indivíduo está vivo, ele carrega o *Òrìsà*, quando este indivíduo falece, o *Òrìsà* carrega este indivíduo, ou seja, o *Òrìsà*

se torna um *Eégún*, pois não tem mais o filho para comer sobre a cabeça e passa a comer no chão.” (Informação pessoal).

O professor Denis durante a Live Orixá Vira Egun?!³⁵, 2021, prestam esclarecimentos sobre o culto aos ancestrais:

Denis, min 02h06min

[...] então no momento que a pessoa faz o passamento e o seu orixá é desligado, ele passa a ser cultuado junto com a pessoa que foi que é o ancestral, ele passa a ser cultuado como orixá ancestral, não um egun ancestral e sim um orixá ancestral. [...]

É importante registrar os comentários no próprio canal do professor Denis, sobre o *Òkúta*:

Luiz Marins pergunta:

“E o que representa este orixá (agora eegun) no balé... já que o okuta continua sendo okuta, e jamais será osso (egungun)”.

Professor Denis responde:

“Como disse a cima pedra vira pedra depois do falecimento, a discussão não gira em cima dos materiais: pedra, madeira e osso. E sim fundamentos e feitura.”

Luiz Marins faz uma nova pergunta:

“Ok, então, por favor, em cima do que gira a discussão, pois como tu disseste: ele sera cultuado como orixá ancestral.”

³⁵ Endereço do vídeo está na bibliografia.

O professor Denis responde a segunda pergunta:

“Será cultuado, mas como será? Aí é segredo de cada família, a Pedra (Okuta não importa mais) Axé”.

Luiz Marins finaliza a conversa com:

“Sabemos que okuta quer dizer pedra, e eegun quer dizer osso... assim, ocorre-me a pergunta: Como um okuta (orisa) pode virar (osso) egun?”

Encerrando o diálogo o professor Denis responde:

“A pedra não é orixá e sim uma representação. Sem o ritual, pedra é apenas pedra, e volta ser pedra depois do desligamento” (ver anexo quatro).

Em seu perfil o professor Denis faz algumas conclusões sobre *Òrìṣà* e *Eegun*:

“As rezas do Batuque são usadas em missa de Egun, junto com os atetes. Então se cultua Orixá e Egun na liturgia fúnebre. Sem mais delongas. Axé a todos.” (ver anexo cinco).

Em entrevista para o programa *Kizomba*³⁶, 2017, Pai Cleon fala sobre os livros do Paulo Tadeu³⁷:

³⁶ *Kizomba* – Divertimento, circunstância festiva; usada para expressar festa de Candomblé. Palavra de origem Quimbundo. (Dicio)

³⁷ Endereço do vídeo está na bibliografia.

Pai Cleon de *Òṣàálá*, min 08h20min.

[...] eu tinha um filho de santo, que vocês conheceram o finado Paulo Tadeu de Xangô que escreveu dizendo ser de Cabinda, ele botou muita coisa que o ensinei, mas muita coisa ele botou que não era nosso [...].

A seguir Pai Cleon, explica o seu conceito sobre o *Kamuka*:

Pai Cleon de Oxalá, min 14h41min.

[...] *Kamuka* é o nosso Rei, sabe que é o nosso rei né, Xango de *Kamuka*, é o nosso Rei, Xangó de *Kamuka* e nosso Waldemar, como ele trouxe a Cabinda para o Rio Grande do Sul, para o Rio Grande, Pelotas, Pelotas a Porto Alegre...

Então ele que é o nosso rei, é **um Egun**, por respeito a ele que é o nosso rei, que é o nosso maior orixá dentro da Cabinda, a gente tem o respeito muito grande, **ele é o dono do balé**... Pode ver que dele temos uma segurança para *Kamuka*, para segurar a casa.

E não se dá cabeça para *Kamuka*...

E quem tem *Kamuka*, é só de Cabinda, existem pessoas que eu sentei Bale para as pessoas, o exu Lode, a pessoa tem que respeitar, canta para *Kamuka*, tem que cantar para o Legba, quando canta para *Kamuka* tem que se ajoelhar, e quando canta para Oxum da mãe Palmira, tem que se ajoelhar também... Têm muitas casas, pessoas que sentei balé, que sentei exu Lode que são de outra nação... Mas me pediram, joguei para Oxalá, deixou [...] (o grifo é nosso).

Em outra entrevista de 2017, para o programa Templo A Cabana, pai Cleon explica sobre *Eégún* e *Kamuka*, vejamos a seguir:

Pai Cleon de *Òòsàálá*, min 26h45min.

[...] a pessoa vai entrar para a religião, a gente vai buscar na sua origem o orixá, e colocar no espírito daquela pessoa, ele só vai sair o dia que a pessoa partir, então o corpo vai para o cemitério, o orixá volta para a sua origem, e o espírito fica com nós, que se chama egun [...] e a gente vai tratar aquele espírito, a partir daquele momento, ele se chama egun depois de um ano ele começar a utilizar e ele, para ele trabalhar, ele vai ser doutrinado durante um ano com aqueles que já estão lá doutrinados, e o chefe de lá é o pai Xangô de *Kamuka* e a mãe Oxum Olobomi, então os chefes que vão doutrinar eles, depois de um ano já pode utilizar eles.

Neste trecho, pai Cleon e o entrevistador João, conversam sobre *Kamuka* e a ancestralidade da Kambina:

Pai Cleon, min 27h29min.

[...] Xangô *Kamuka* é exclusivo, por que ele é um egun, é o nosso Rei né? [...]

Pai João, min 27h40min.

[...] A base da Nação Cabinda [...].

Pai Cleon de Oxalá, min 27h36min.

É a base da Nação Cabinda, porque, porque nós temos a força dos ancestrais, essa é a força de Cabinda [...].

Pai João, min 27h46min.

Então para nós entendermos, Xangô Kamuka é um orixá exclusivo da Nação Cabinda? [...]

Pai Cleon de Oxalá, min 27h49min.

[...] Porque ele foi o primeiro orixá, a chegar aqui [...]

Pai João, min 27h50min.

[...] Foi o primeiro orixá a chegar ao Rio Grande do Sul? [...]

Pai Cleon de Oxalá, min 27h55min.

[...] A chegar ao Rio Grande do Sul! [...]

Pai João, min 27h55min.

[...] Então Xangô Kamuka é um orixá que veio junto com a Nação. Cabinda ao Rio Grande do Sul? [...]

Pai Cleon, min 28h00min.

[...] Rio Grande do Sul. Que era o pai Waldemar que era de Xangô Kamuka [...].

Pai Cleon, min 28h22min.

[...] Xangô Kamuka não se pode dar para ninguém, e quem é de Cabinda não pode ter Kamuka [...].

Pai Cleon, min 28h30min.

[...] Cabinda é a nação que não se mistura com outra, pai eu sou de cabinda com Ijexá, uma mentira, não existe isso [...].

Entretanto, no livro “Quem é o Orixá Xangô Kamucá da Nação Religiosa de Cabinda?”, Paulo Tadeu informa que:

[...] Kamucá não é uma Classe do Orixá Xangô, é um nome apenas. [...] Diferente das demais Nações em que os Religiosos (por receio dos inimigos os enfeitiçarem, ou por desconhecimento) costumam omitir o nome do Orixá de cabeça, os Cadindeiros costumam se apresentar sempre declarando o nome do seu Orixá-de-cabeça; Oxalá *ONIFÁ*; Cleon de *OXALÁ ELEFÁ* [...] (Tadeu p. 59).

É comum no dia a dia de uma casa ouvir “fale com o Oxum” ou “o Xangô quer falar com você”. Na prática, não se refere aos orixás propriamente ditos, e sim às pessoas iniciadas nestes orixás. São expressões idiomáticas que significam “fale com fulana de Oxum” ou “beltrano de Xangô deixou recado para você”.

Precisamos informar que Paulo Tadeu pertencia a uma família que não assentavam o *Kamuka*, mas fazem a segurança de *Kamuka* no meio do salão. Apesar de serem descendentes religiosos do Waldemar, eles possuem assentamentos diferentes do Henrique da *Òsùn*.

Pai Raul afirma que: “*Gululu* foi um africano que iniciou o Waldemar”, e esclarece sobre o *Kamuka* e pai Waldemar:

“Waldemar ficou conhecido por Waldemar do *Kamuka* porque possuía na frente da casa uma casinha com o *Kamuka* sento. Seria impossível que o *Kamuka* deixasse uma mensagem dizendo que ele jamais pegaria cabeças, porque Waldemar era do *Sàngó Agodô*”. (Informação pessoal)

No entanto, Paulo Tadeu diz que:

“[...] *Kamuca* é o nome deste Orixá Rei que foi assentado para o *Bàbàlòrìṣà* Rei, Waldemar Antônio dos Santos; *Barualofina* [...]” (Tadeu, p. 59).

Através de uma conversa de WhatsApp, Carlos de *Òṣàálá* (2022), tentou o contato com a filha da Marisa do *Kamuka*³⁸, feita pelo Henrique da *Òsùn*, porém, não houve sucesso, pois segundo ele a filha desejava preservar a mãe, pelo motivo da idade avançada e pela perseguição que sua mãe, já havia sofrido.

Carlos completou que dona Marisa, morava em Atlântica Sul, e nos forneceu um número para contato, que confirmamos ser da filha dela, no entanto, ao falarmos com a senhora Lopes, não houve interesse da família em seguir com as pesquisas, o que lamentamos, pois, a pesquisa científica foi prejudicada, mas respeitamos o desejo família.

Existem outros detalhes que preservaremos e que poderão ser fornecidos em privado para estudos científicos, caso sejam necessários.

ASSENTAMENTOS DE *KAMUKA*

Vale ainda um registro da existência do assentamento do *Kamuka* na porta dos antigos templos, conforme narra o depoimento do *bàbá* Mauro de *Òsùn*, de Pelotas:

³⁸ Possuímos uma foto da dona Mariza do *Kamuka*, que, poderá ser fornecida, para estudos científicos, caso sejam necessárias.

“No *Ilé* do meu sacerdote, *bàbá* Clovis de *Sàngó ibókú* (falecido), iniciado por Henrique da *Òsùn* (falecido), casa de nação, Batuque do R.S., Kambina, havia duas casinhas na entrada do templo, uma ficava o *Bara Olóòde* e o *Avagan*, e na outra a *Tinbowa* e o *Sàngó Kamuka*, um assentamento comum entre a nossa família. Eu possuo uma faca para cortar para o *Kamuka* dada pelo meu *bàbá*.”



Bábá Clóvis (Em memória)

Ojúbó de *Kamuka*



A casinha que guarda o *ojúbò* *Sàngó Kamuka*, que recebe o nome *Kòbi*.
Templo Ilê Axé Nagô Kóbi,
Porto Alegre, RS, tradição
Kambina, 2024.



A primeira casa guarda o *ojúbò* do *Bara*, e a segunda guarda o *ojúbò* *Sàngó* do *Kamuka*. Templo *Ilé-oba Agodo* Axé Nagô Kóbi,
Campo Grande, MTS, tradição
Kambina, 2019.

A Kambina Nagô e o *Kamuka* na Nigéria



Kôbi: ojúbò Sàngó Kamuka.
Templo *Casa da prosperidade*,
Passo fundo, R.S., tradição
Kambina, 2019.



O Ihò ààbò de *Sàngó* do *Kamuka* do meio do salão.
Templo *Ilé-oba Agodo Axé Nagô Kóbi*, Campo Grande,
MTS, tradição Kambina.



Completando informações sobre a divindade *Kamuka*, de pessoas notáveis do Batuque, o *Bàbá Celso de Xapanã*, descendente do pai Henrique da *Òsùn*, residente em Viamão, informa a que:

“O assentamento do *Kamuka* de mãe Glaci (tradição *Ijesa*), fica no salão do templo, separado dos demais orixás. O *Kamuka* foi sento pelo Pai Romário de Oxalá, casa da *iyá Glaci Òsùn*, 82 anos, Porto Alegre.” (Informação pessoal).

Numa conversa com o *Bàbá* Nado de *Òṣàálá*, sobre uma visita que ele fez ao terreiro da *iyá* Glaci. Perguntamos se ele havia visto o *Kamuka* no salão da *iyá* Glaci, ele disse que não havia percebido. E após fazer uma ligação para ela, nos retornou confirmando a veracidade da informação. (Informação pessoal)

Na primeira edição por motivos técnicos resolvemos resumir o depoimento do Bernardo, coletado em 28 de julho de 2018, com informações sobre o *Kamuka*, na casa da respeitosa e antiga sacerdotisa, *iyá* Neuza do *Ògún Onira*, moradora do bairro Restinga, Porto Alegre, carinhosamente conhecida como *Iyá* Neuza do Castelinho:

"Eu conheci a feitura do *Kamuka*, através da feitura da mãe Neuza do Ogun Onira, fui justamente lavado na casa da Mãe Iya Gabriela de Oya, que é filha carnal e herdeira"... Do Ile da mãe Neuza do Ogun Onira.

O *Kamuka* segundo mãe Neuza do Ogun Onira, foi recebido por Pai Henrique de Oxum, conhecido como Keta, eles eram íntimos... "A mãe Neusa de Ogun Onira era filha do pai Dani de Oxum, que era um dos filhos mais antigos de Pai Henrique".

E completa que:

"Pai Henrique adentrou na casa" de Mae Neuza e terminou os seus orixás, e entregou o que faltava, deu o governo para mãe Neuza de Ogun Onira, pai Henrique entregou a ela o

próprio Xangô Kamuka, segundo a mãe Neuza o pai Henrique fez a segurança no meio do salão.

E o assentamento do Kamuka é dentro do quarto de santo, ela não separa. Não tem o Kamuka fora, na rua, Kamuka tem a segurança no meio do salão e Kamuka é sento como outro Xangô Aganju, como Xangô Agodo dentro do quarto de santo. E pelo que eu lembre não vai uma gamela convencional de Xangô Aganju... "Ficando na prateleira como os outros orixás."

E destaca que:

“O Xangô Kamuka precisa ficar em cima de uma gamela na frente do quarto de santo.”

Em 2024, o *bàbálórìṣà* e tamboreiro Pai Jorge do *Ògún*, que foi casado com mãe Neuza do *Ògún*, afirma que o Xangô Kamuka da mãe Neuza do *Ògún* ficava na prateleira do quarto de orixá. (informação pessoal)

O *bàbá* Gabriel de *Sàngó*, iniciado em 2001, pelo *bàbá* Glauber de *Òsún* (falecido), que residia na cidade Passo Fundo, *bàbá* Glauber foi pronto pela Candinha que residia na mesma cidade.

Gabriel informa que:

“O *bàbá* Glauber possuía um *Kamuka*, que ficava num quarto separado dos demais *òrìṣà*. Glauber de *Òsún* possuía outro assentamento de *Kamuka*, que ficava no buraco

instalado no pátio da casa, que se referiam ao *Kamuka* morto.” (Informação pessoal).

Em entrevista concedida em nosso canal Erick Wolff, na plataforma TikTok, no dia 04/10/2025, conversamos com *Bàbá* Carlos de Oxum. Embora tenhamos abordamos vários assuntos durante a live, o ponto focal desta conversa se destacou no assentamento do *Kamuka*.

Dentre os melhores momentos da live, selecionamos o momento da entrevista a qual o Baba Carlos discorre sobre o assentamento do *Kamuka*, vejamos a seguir:

Baba Carlos, min 1m35s

[...] Eu vi na primeira vez que eu vi, né, esta obrigação foi dentro da casa da Mãe Lisa, tá? Eu vi a obrigação era numa casinha, era nos fundos, tá? Essa casinha era nos fundos. Eu vi esta obrigação, né? Aquele ocultado dentro daquela gamela, tem muitas ferramentações, né? E eu vi esta obrigação. E a minha Mãe de Santo tem esta obrigação também. O *Kamuka* ela tem. Minha mãe tem. Minha Mãe Sonia de Oiá. Ela é... ela foi feita, aí foi, e filha sempre do finado, eh, Nelsinho de Oxum, né? Inclusive até ela relatou que ele morava na, morava na, na Chácara das Pedras ali, né? E que ele foi filho do Henrique, antes do Henrique ir pra Glória [...]

Baba Carlos, min 3m02s

[...] Glória, que o Henrique morava em outro lugar, no Glória, né?... E aí então, inclusive até pegou fogo na casa

dele e tal. E o finado Nelsinho, Nelsinho de Oxum, que era [...] da, Pai da Mãe Sônia, o único pai que ela teve foi dessa época aí. E aí eu conversando e [...] tal, conversando com o Pai Raul, e de fato o Pai Raul disse assim: "Pai Raul não estava na casa [...] ainda", né? O Pai Raul disse que sim, que que tinha acontecido isso na casa do, do Pai Henrique, né? Tudo, e antes da Glória. [...] a Mãe tem essa obrigação. Ela, ela fica no pátio. Ela fica assim, ó, entre meios. Ela fica praticamente, eu digo assim, eh, no terreno. Ela fica no meio, tá? [...]

Erick Wolff, 3m56s

[...] Perfeito. E todos os filhos dela possuem o Kamuca ou só ela possui o Kamuca? [...]

Baba Carlos, 4m3s

[...] Não, não, não, não, não. Inclusive eu não tenho. E ela me deu duas opções de eu querer fazer a segurança no meio do salão, mas com proibições, ah, tipo toma gira, né? Ok. E se eu fosse fazer, então, a segurança no meio do salão, ah, eu não poderia bater para Exu, né? E como é a minha Pombagira, ela usa sapatos, entende? Então não ia, ela disse que não ia ser legal. E então eu poderia fazer, que ela, que ela vai, inclusive, que ela vai fazer para mim no pátio. Ela trata ele, ela trata ele no caso como Orixá, né? É um Orixá. E ela disse que vai sentar esse Orixá para mim no pátio. [...]

Erick Wolff, 5m1s

[...] Então vocês possuem ele assentado, ele é um Orixá, não tem nada, e não, não é um Egum, é um Orixá. [...]

Baba Carlos, 5m12s

É um Orixá.

Erick 9m51s

[...] Tá, perfeito. Eh, qual é a função do, do Kamuca para vocês? [0m9s57ms] Qual que é o conceito? [...]

Baba Carlos, 9m58s

[...] O conceito que ele é o Orixá, o nosso, o rei da nossa nação, o nosso guardião, né? [0m10s5ms] Esse é o conceito, minha mãe tratar ele assim, né? [...]

Conforme vimos, o Baba Carlos relatou o assentamento do Kamuka da mãe Sônia, feito pelo pai Henrique da *Òsun*. *Bàbá* Carlos afirma que o Kamuka dele é um orixá e, em momento algum seria um *Eégún*, sanando qualquer possível equívoco dele estar no *ìgbàlè* da família dele.

Após esta entrevista, *Bàbá* Roberto Six de *Lodé*, numa conversa informal, informou que ele foi neto da mãe Lisa de Oba, mencionada por pai Carlos, na live do dia 04/10/2025.

Roberto confirma que mãe Lisa possuía o Kamuka sento no pátio, e, que ele, Roberto também possui um Kamuka sento, feito pelo pai Paulo, este Kamuka também fica no pátio conforme o costume antigo. Roberto completa que na família dele o Kamuka é um orixá e que não come com *Eégún*, nem no *ìgbàlè*.

Segundo Roberto, após o falecimento de seu sacerdote e ainda de luto, ele foi consultar o jogo com um sacerdote

também do segmento da Kambina, porém, de outra família religiosa. Este sacerdote, disse que na Kambina [dele] não assentam Kamuka. Roberto pondera que tal afirmação talvez reflita os conceitos daquela família específica, ou possivelmente este sacerdote desconheça as famílias que possuem Kamuka sento, e o cultuam como orixá.

Roberto se declara Kabinda. Ele sugere que a palavra Kambina, acabou virando Cabinda para cerca 85% dos praticantes. Embora tenha ciência de que o termo antigo era “Kambina”, no entanto, ele prefere usar a grafia Kabinda: sua explicação é que, como cultua *òrìṣà* (que vem dos *iorubá*), e no idioma *iorubá* não tem a letra “C”, por isso escreve *Kabinda* com “K”, o que não ficou muito claro.

Abriremos este parágrafo para registrar a entrevista do Projeto Okutá, 2012, onde atualizamos detalhando a feitura do *Kamuka*, narrado por *Bàbá César* de *Kamuka*. Retornando o tema, Pai César explica quem é *Kamuka*:

César, min 31h30min

[...] bom vamos falar de Kamucá, o rei de nossa Nação, da Nação Cabinda, e aqui temos que fazer uma separação, Kamucá, é um Baru [...].

Pai César completa como ele prepara o *Òkúta* do *Kamuka*:

César, min 34h53min

[...] a feitura de Baru, a minha feitura, ela é estranha, ela é diferente. Não se faz um Baru com menos de um ano de

tempo, nem um filho do Baru consegue fazer a sua obrigação com menos de um ano, o próprio pai até mesmo antes de comer na cabeça do filho tem um processo muito grande, aí gera muitos mitos que seria o Xangô do buraco... Muitas coisas que não existem, por exemplo, imaginemos que é um orixá que se tem que fazer no ritual de passagem, ou de vida e de morte. Para que ele chegue neste estado, sendo tratado como orixá ele vai ter que passar por este processo. Esse processo consiste de o lugar no chão, que é onde que se acredita que as lendas dizem de onde ele entrou na terra, e aí sim saiu divindade.

Bom, para fazer isso, não podemos pegar qualquer chão, se cava, nós construímos com uma alguidau enorme, com tabatinga, preparamos esta tabatinga, com farinha com mel, com dendê, com açúcar mascavo, para dar liga, cozinhamos e fazemos um alguidau enorme, esse é o mito do buraco.

Esse alguidau enorme, que a gente cozinha na verdade, aí vem também outro mito do Xangô, do fogo, daquela coisa que não tem nada a ver.

Nos só estamos cozinhando o alguidau suficiente, com a madeira necessária, não vamos dar qualquer madeira ao orixá, uma tabatinga preparada, preceituada, para receber num chão comum a feitura de um orixá, neste buraco depois de seco, depois de cozido, se fazem todos os preceitos, para mim, nada demais, a vasilha do pai, o seu okuta, a ferramenta, a sua quartinha, um alguidauzinho separado, um prato separado, por que vamos usar somente para ele, só que,

ao se fazer um orixá como qualquer outro se corta em vasilhas [...] este processo é único e nunca mais repetido, todo o corte de todo animal que for sacralizado, toda a comida que for dedicada a aquele orixá naquele momento dessa feitura, estamos representando a entrada na terra, fica ali até se consumir, terminamos de cortar, se tapa, daqui a um ano, às vezes mais, a gente vai testando, todo este material, aconteceu o que era para acontecer, com ele, ele se consumiu [...] se reabre, se limpa tudo, se refaz novamente um buraco, com tabatinga, madeira nobre, as vasilhas todinhas limpinhas, a partir desse momento começa-se a cortar para como um orixá [...].

Respeitosamente, até o momento não há registros de que outras famílias do Batuque também façam o mesmo procedimento de enterrar o *òrìsà*, e depois desenterrar, conforme relatado pelo Pai César. Caso alguém da própria família, ou, outras famílias pratiquem ou saibam quem façam o ritual relatado por ele, entrem em contato para possível atualização dos dados e pesquisas.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

CAPÍTULO 7

NÃO SE ENTERRA ÒRÌSÀ OU NKISSI

Paula Gomes, ministra do *Aláàfin Qyó*, em 18 de agosto, 2022, informa durante uma live *Esclarecimentos sobre o sétimo dia do funeral do Elèègùn Sàngódele*, em 2021, que “não se enterra òrìsà em terra Yorùbá”:

Paula Gomes, min 24h10min.

[...] depois a pergunta foi, então, mas este igba vai ser enterrado... Depois de comer? No sétimo dia? Ou vai juntamente com o Elegun quando for enterrado, houve várias perguntas, assim, aqui na terra ioruba, não se enterra orixá, aqui na terra ioruba não se despacha orixá, aqui na terra ioruba lava-se o orixá inclusive o ipori, da pessoa que morreu, lava-se se dá de comer, e fica para a família, a família queira, ou não queira, fica para a família, por exemplo, existem pessoas... Que eram sacerdotes, em que não é o caso do Elegun que todos os filhos do elegun toda são de Xangô, mas existiram casos, por exemplo, caso em que a pessoa era de idade e se converteram a outra religião, decidiram ser cristãos ou mulçumanos, ou decidiram absolutamente não fazer parte de religião nenhuma.

Nunca se enterra o igba do orixá aqui, eles lavam, eles fazem todos os ritos, que são necessários, depois deixam o orixá de família em casa, mesmo que eles não vão cultuar ou fazer nada, por que nunca se sabe o dia de amanhã, não é? Então o dia de amanhã podes ser que as famílias descendentes terão que...

Fazer algo, mas nunca enterram aqui o orixá, então para deixar aqui bem claro... Que depois de comer o amalá e o bequiri, voltou novamente para o sítio onde ele estava, por que as famílias têm o seu orixá de família, e a casa do *Eléègùn Sàngódele*, tem um contoquinho, um aonde tem o Xangô da família, onde a família toda cultua o Xangô, independentemente de ser o ipori dele, ou não, ficou agora o ipori dele juntamente com o Xangô de família. [...]

Referente à palavra “sítio” que a Dra. Paula diz, trata-se de um local reservado dentro dos domínios da casa, onde ficam os *òrìṣà*.

No segmento *Bantu*, *Tata*³⁹ *Matâmoride*, sacerdote do culto *Angola*, informa sobre os iniciados na sua tradição:

“Um iniciado nesta religião passa pelo ritual do banho do *Menga*⁴⁰, sem ele não há iniciação de um *muzenza*.”

Os cultos entre um *nkissi* e um *Òrìṣà* são muito diferentes, porém como explicaríamos a diferença sem revelar segredos de iniciação de cada um? Segundo *Tata Matâmoride*⁴¹:

“Este procedimento não tem nada a ver com os *Banto*, pois o que está enterrado não se retira mais da terra. Assim, quando algo é plantado no chão, não deve ser mais retirado”.

³⁹ *Tata* – Pai no idioma *mbundo*.

⁴⁰ *Menga* – Sangue no idioma *mbundo*.

⁴¹ Eduardo Brasil, sacerdote da Nação Angola, Banto, iniciado em 23/7/76.

E completa:

“Apesar de os *Banto* terem assimilado alguma coisa dos rituais *Yorùbá*, como *Obí-Ota*⁴², pedra de fundamento para assentar uma divindade banto, os rituais de preparação e sacralização deste *Obí Ota*, é totalmente diferente do ritual *Yorùbá*”.

Referente aos *nKissi*, serem cultuado como *Òrìṣà*, *Tata Matâmoride* explica:

“*Matamba* não é *Oya*, a origem das duas são totalmente diferentes, que apesar de acharem que ambas são as mesmas, por conter elementos que a liguem (Fogo e Ar quente), estamos falando de divindades diferentes, como *Oya* deusa dos ventos e dos raios, podendo ser cultuada no *Yàrá-Òrìṣà*, enquanto *Matâmba* é cultuada no tempo, por que ela é a divindade dos ventos quentes que queimam, não poderiam manter o culto dela dentro de um *Yàrá-Òrìṣà*, por que ela traria problemas energéticos e eventuais da sua energia para dentro do templo.”

Até o momento, pensávamos que o *Legba*⁴³, *Xapanã*⁴⁴, *Sogbo*⁴⁵, eram Voduns, no entanto, conforme informações recentes nos ofereceu oportunidade de rever os nossos estudos sobre o tema.

Estas divindades são cultuadas no Batuque, em rituais que diferem dos rituais da sua origem, e, possivelmente, foram os

⁴² *Obí-Ota* – Idem a *Òkúta*

⁴³ *Legba* - consultar página 170.

⁴⁴ *Xapanã* – divindade *yorùbá*.

⁴⁵ *Sogbo* – consultar página 129

Yorùbá que os trouxeram, relatado pelo próprio Verger em seu livro “Orixás”. No entanto, não conseguimos encontrar divindades *Bantu* sendo cultuadas no Batuque com os nomes de divindades *Yòrùba*.

Outro dado importante, fornecido pelo *Tata Matâmoride*, vem ao encontro do propósito deste texto, pois, segundo ele:

“a tradição *Bantu* não permite que *nZaze*⁴⁶ o *nKissi* da justiça, o rei que traz abundância ao seu povo, fique na presença da *Fu Kia Fuila*⁴⁷, *nZaze* possui aversão a esta divindade, ele é aquele que desaparece do *Abaçá*⁴⁸ quando *Fu Kia Fuila* o ronda, pois, quando morre algum membro do *Abaçá*, o costume é suspender todos os atos, e, se tiver algum iniciado recolhido, o mesmo permanece, porém, as obrigações são suspensas, parando tudo e prepara-se o *nTambi*⁴⁹, somente ao terminar estes rituais é que se dará a *Muzenza*”.

Tata Matâmoride, explica acima os ritos e costumes do povo *Bantu*, que não misturam rituais fúnebres com as divindades que cultuam. Desta forma encerram os rituais, despacham tudo para só recomeçar quando terminar o luto.

Ainda referente ao culto *bantu*, *Tata Marcelo Kasulembami* (SP), informa que: “não é costume enterrar um

⁴⁶ *nZaze* – divindade que tentam comparar com *Sàngó*, porém a origem de ambos é diferente e não é possível sincronizá-los.

⁴⁷ *Fu Kia Fuila* – Morte

⁴⁸ *Abaçá* – templo para adoração as divindades, conhecido como barracão ou casa.

⁴⁹ *NTambi* – rituais fúnebres.

nKissi". *Kasulembami* explica que existem dois segmentos dentro do próprio candomblé *Angola*:

“o Candomblé tradicional costuma colocar o *nKissi* numa terrina que fica em cima de um porrão⁵⁰, ou no caso do Candomblé aculturado procura sentar o *nKissi* direto na natureza, mesmo assim em nenhum dos dois casos o *nKissi* é enterrado para desenterrar”.

E acrescenta:

“No porrão guardam segredos da própria divindade, por isso, é vestido e algumas vezes coberto com paramentos” (informação pessoal).

O Tamboreiro Antônio Carlos de *Sàngó* nos transmitiu um relato importante sobre os Reis das tradições do Batuque:

"Cada *òrìsà* possui uma função". Existem determinados *òrìsà* que a sua função é proteger toda uma comunidade, assim como *Kamuka*, que protege toda a *Cabinda*. Cada nação tem o seu Rei.

Na *Cabinda*, o seu Rei é *Kamuka*, que foi feito na Cabeça do Waldemar, o fundador. Quando ele morreu não deixou como seria a feitura dele, assim nós só podemos cultuar *Kamuka* no *Igbâlê*, quando matamos para *Égún*. Os ancestrais estão vinculados a ele, e os iniciados mais novos são obrigados a louvar *Kamuka*, para chegar aos ancestrais.

⁵⁰ Porrão - quartilhões de barro ou louça, onde acomodam as divindades, termo usado pelo candomblé de Angola.

O povo de *Ọ̀yọ́* tem o *Ẹ̀sàngó* do Povo que protege toda a comunidade de *Ọ̀yọ́*. Só existe um. Seu assentamento fica no pátio do lado de fora. O nome deste *Ẹ̀sàngó* é *Dadá*. O *Alujá* é a *orin* do *Dadá*.

Para o povo Jeje, é o *Sogbo*⁵¹. Seu assentamento fica dentro do templo, porém separado das demais divindades.

No *Ijesá* é o *Alàààfin*⁵², esta divindade fica dentro do salão, junto com os demais *Ọ̀rìṣà* cultuados, pela comunidade religiosa.” (Informação pessoal).

Entretanto, diferente do que pensávamos que o *Sogbo* do Batuque seria um vodun aculturado, a Dra. Paula Gomes, apresenta uma fotografia de uma restauração em *Ọ̀yọ́*, Nigéria, o templo de *Sogbo Iseke*, o 12º templo entre os 21 santuários de orixás, oficializados para culto.

Com a atualização desta informação, não podemos afirmar a origem do *Sogbo* cultuado no Batuque, se ele é um vodun aculturado ou *òrìṣà*.



Restauração
do templo de
Sogbo Iseke,
Ọ̀yọ́, Nigéria.
Fonte: Dra.
Paula Gomes.

⁵¹ *Sogbo* – Divindade considerado de origem Jeje.

⁵² *Alàààfin* é o nome dado ao governante dos reis, todos os *Ẹ̀sàngó* cultuados foram um *Alàààfin*.

O texto a seguir informa a existência de um servo vinculado a *Kamuka*.

BEM, Daniel Francisco (2012), em sua tese de doutorado “Tecendo o axé”, informa o seguinte:

[...] Particpei de uma palestra do seminário organizado por *iyá* Peggy, em seu templo religioso. *Ìyá* Peggy de *Yemojà*⁵³, uma mãe-de-santo do batuque iniciada em 1977 pelo pai Adão de Oxalá, gaúcho de Viamão, que antes de se tornar batuqueira tinha uma escola de inglês. Antes havia participado alguns anos da comunidade de mãe Nélide de Oxum. *Ìyá* Peggy também é *Ìyáonifá*, sacerdotisa do *Ifá* nigeriano.

Neste evento um importante tamboreiro argentino da raiz cabinda apresentou e explicou, junto com seu filho, toques rituais, descreveu a organização básica do rito Cabinda e, ainda, a árvore genealógica desse “lado” na Argentina (Estima-se que na Argentina a nação cabinda tenha um grande número de praticantes. Importantes pais-de-santos gaúchos dessa nação envolveram-se no processo de trans-nacionalização afro-religiosa para esse país, entre estes o histórico Romário Almeida de Oxalá e o contemporâneo João Cleon de Oxalá.).

Tudo era escrito em um quadro branco, gravado em áudio e em filme. Os alunos, uns trinta pais-de-santo, das mais variadas nações afro-religiosas, alguns vindos até da Terra do Fogo, anotavam tudo avidamente e colocavam várias questões. Em determinado ponto da fala do *bàbá* Hugo de Oxalá, sacerdote e

⁵³ Segundo o informante Daniel, *ìyálòrìsà* Peggy de *Yemojà*, Barrio Florida, Partido de Vicente López, Gran Buenos Aires, Argentina, apresentou em setembro de 2008 ao PPGAS/UFRGS sua tese como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Antropologia, na qual fala sobre *Kamuka*.

tamboreiro, alguém pergunta sobre o Xangô Kamucá, um orixá que só é cultuado na linha de cabinda enquanto um *egúngún* se toca para ele, mas não se entrega a cabeça para ele, não é incorporado. Xangô Kamucá seria o Xangô morto, que é obrigado a cuidar do cemitério, sendo senhor dos eguns, ao lado de Iansã e Xapanã.

Existem algumas versões êmicas da não incorporação do Kamucá. Ouvi de Tiago de Xangô, ogã de Luis Antonio de Xangô, em Porto Alegre, que Xangô Kamucá não é um orixá, mas sim um *éégún* de orixá (*egúngún*), o que justificaria o tabu. Tiago, inclusive, me explicou que em ioruba, Ka-mucá, significaria caído no lodo ou levantado do chão.

Durante a palestra de *bábà* Hugo de Oxalá, *Ìyá* Peggy narra uma versão diferente para o mito de Kamucá.

Segundo a sacerdotisa, a partir de escavações arqueológicas na Nigéria, se encontrou o túmulo de Xangô Kamucá. Pelo seu léxico, mucá, significaria servo e, portanto, o túmulo era de um servo de Xangô. O culto a Kamucá seria a reverência a um escravo fiel, que nunca abandonara Xangô, enquanto homem e rei de Oyó e que, por isso, entrara no panteão de ancestrais cultuáveis publicamente, mas não incorporáveis.

Diferentemente do porto-alegrense Tiago de Xangô, Peggy de Iyemoja não busca na mitologia, e sim na história, sua explicação para Xangô Kamucá. Volta-se para a legitimidade da própria história em si, através da arqueologia, para ratificar seu argumento, centrado sobre a etimologia do termo Kamucá, e sobre o lendário reinado de Xangô. Nessa narrativa, a quantidade de objetos que remetem diretamente a África, sem passar pelos mitos e negros crioulos da América, se explica pelo alto poder

legitimador do termo África sobre qualquer objeto afro-referenciado.

Entendo que no seminário de *Ìyá Peggy*, em um momento em que se resolviam dúvidas quanto ao culto de um ancestral, o Xangô Kamucá, a sacerdotisa acabou prestando reverência aos seus ancestrais modernos, a cultura escolar e o discurso histórico, mostrando o hibridismo “africanista ocidental” existente nos objetos afro-religiosos na Argentina. Note-se que o supracitado pai Alfredo de Ogum também invoca a disciplina histórica como base para o seu argumento. Mas enquanto este dialoga com a história argentina para legitimar a existência de sua religião neste país, *iya Peggy* faz uma conexão direta com a África. [...]

E na época, da primeira edição que ocorreu no ano de 2019, procuramos a Embaixadora da Cultura do *Alàààfin* de *Òyó*, Dra. Paula Gomes, em busca de informações que nos levasse ao “*Mucá*” (servo registrado por Daniel), ela nos respondeu:

“Na hierarquia dos servos de *Alàààfin* até ao dia de hoje, esse nome não existe, a história oral é recontada através dos *oriki*, esse nome não existe, não existem provas de nenhuma escavações feitas. Não existem provas orais, nem físicas. Ninguém conhece. Como lhe disse esta história não pertence a *Òyó*.” (Informação pessoal).

O artigo do Daniel era o único texto que possuíamos que citava o nome *Kamuka*, até então, não tínhamos informações que nos levassem diretamente para a Nigéria. Apesar, de Daniel não ter se preocupado em saber da *Ìyá Peggy* quais foram as fontes ou referência para o artigo.

Porém em 2020, nós encontramos diversos registros da etnia *Kamuka* na Nigéria, o que mudaria totalmente o rumo das nossas pesquisas, direcionando cada vez mais o foco para os povos *Yorùbá*.

E quanto ao nome *kamuka*, não possuíamos referências dele entre o povo de *Òyó*, Nigéria. Ao contrário do que pensávamos que poderia se tratar de um nome de louvor, ou um *oriki*. Seria algo muito maior, pela falta de informações existente na época, enquanto a internet não mapeava as localidades mais remotas da Nigéria, ficamos por um tempo no escuro.

A ORIGEM DA KAMBINA

O professor e pesquisador Ari Oro, citado por Tadeu, fala sobre os Kambina, segundo a sua fonte, apesar dos nomes induzirem ao povo *Banto*, o seu informante narra que não encontrou *nKisse* sendo cultuados no culto da Kambina, revela que *Gululu* foi o responsável pela iniciação do Waldemar, e ainda revela o nome da divindade da Madalena da *Òsún* a sucessora do Waldemar, confira:

[...] *CABINDA*. Trata-se de uma nação Banto, originalmente de fala *Kimbundo*. O cemitério é o início da nação religiosa de Cabinda, diz um pai-de-santo e estudioso do batuque. Segundo ele, o culto aos Eguns nesta Nação é tão forte que dificilmente se encontrará uma casa-de-religião sem que tenha o devido assentamento de Balé (culto aos egunguns), ou *Igbalé* (casa dos mortos) [...] (Ferreira, 1994:59).

[...] Já para o babalorixá Pernambuco Nogueira, nos rituais de Cabinda que frequentou no Rio Grande do Sul “**jamais ouvimos falar de *Inkices***”. “**O que sempre foi cultuado foi o Orixá iorubano**” (Adalberto Pernambuco Nogueira, é presidente do Conselho Estadual da Umbanda e dos Cultos Afro-Brasileiros do Rio Grande do Sul (CEUCAB/RS) [...] (o grifo é nosso).

[...] Segundo consta, este culto foi trazido para o Rio Grande do Sul por um africano conhecido por ***Gululu***, de cujas mãos saíram a figura mais marcante do culto Cabinda no Rio Grande do Sul: Waldemar Antônio dos Santos, do Xangô Kamucá.

Dele descenderam as famosas **Mães Maria Madalena Aurélio da Silva, de Oxum *Epandá Demun***, que iniciou Romário Almeida, do Oxalá, e Henrique Cassemiro Rocha Fraga, de Oxum *Epandá Bomi*, todos falecidos, e Mãe Palmira Torres dos Santos, de Oxum *Epandá Olobomi*, que iniciou João Cleon Melo Fonseca, do Oxalá, que é tido hoje como o mais importante herdeiro da tradição Cabinda do estado, embora, como diz Pernambuco Nogueira, “de sua origem mantém apenas o rótulo: o conteúdo é todo ele Ijexá” [...] (*ibidem*) (Os grifos são nossos).

Ainda em busca de informações sobre *Gululu*, um trecho do escritor Paulo Tadeu, em que menciona o seguinte:

[...] Arrumaram até um fundador da Nação Religiosa de cabinda, em Porto Alegre, denominado de “*Gululu*”, um africano. Depois, não contentes, porque não tendo qualquer lógica, não vingou tal arrumação ou armação, resolveram arranjar um codinome (“*Gululu*”) para o Babalorixá REI da Nação de Cabinda; aí então, segundo eles, o Babalorixá REI WALDEMAR seria o próprio “*Gululu*”?() [...] Declaramos mais, que, é possível que *Gululu*

(codinome dado por inventores e pseudos “entendidos” para o Babalorixá Rei WALDEMAR) seja um desses africanos de origem *bantu* que aprendeu a cultura dos Orixás aqui no Brasil com os sudaneses (leia-se Nagô (Yorubá); Ijexá; Jeje; Oyó; entre outros povos religiosos), mas resolveu fundar uma sociedade religiosa com negros originários da mesma religião (Cabinda), batizando (colocando um nome; uma alcunha, um apelido, denominando) sua Nação, então *Cabinda* [...] (Tadeu, p. 51).

O site Xangô Sol registra outras informações sobre o Sacerdote *Gululu*:

[...] Aqui no Rio Grande do Sul a raiz forte da Cabinda foi o Sr. Valdemar Antonio dos Santos, filho do Orixá Xangô Kamucá Baruálofina: Dizem ter sido iniciado por um escravo conhecido como "Nêgo Gululu". Uma das suas descendentes foi a Sra. Madalena de Oxum, que se destacou grandiosamente dentro desta nação [...].

Apesar de a *Ìyá* Madalena ser citada pelo site Xangô Sol, até o momento não encontramos nenhum retrato desta sacerdotisa, nem mesmo a família religiosa possui qualquer retrato dela, as informações sobre ela são vagas e restritas, não fornecendo nenhum perfil religioso ou da sua personalidade.

Segundo as informações do site Xangô Sol, considera que a *ìyá* Donga, seja a mais antiga sacerdotisa da tradição *Òyó*. Informa que *ìyá* Donga herdou os lados *Òyó* e *Ijèsa*.

Não temos referência alguma de quem foram seus genitores, porém, notamos que os lados emergem de uma mesma ramificação, se fortificando mais tarde por aqueles que

se destacam pelo seu lado, chegando a fundir tradições de uma à outra, sendo que há possibilidade de não serem tão distantes assim.



Bábá Antoninho da Ôsùn Panda Olobomi, conhecido por Gululu. Fonte - Antônio Carlos Pereira

No site Xangô Sol há algumas informações sobre o Pai Antoninho, vejamos a seguir:

[...] O único filho de santo que Dona Donga de Oxum deixou pronto com todos os assentamentos foi o Sr. Antoninho de Oxum, que herdou além das tradições religiosas, também os seus filhos de ventre e de axé (filhos de santo); as informações sobre a vida de mãe Donga me foram passadas pela Yalorixá Nélia de Ossãe, filha carnal de tia Luiza de Ogum.

Dona Donga tinha uma cunhada que também seguia as tradições da nação Oyó, chamada dona Leopoldina de Oxalá, que também passou ser filha de santo e auxiliar de Pai Antoninho, junto com outra senhora chamada carinhosamente de Velha, que também foi uma luz neste antigo terreiro. Antoninho de Oxum trabalhava fora e ainda arrumava tempo para se dedicar a inúmeros filhos de santo e consulentes que o procuravam; teve dois filhos carnaís, e outros tantos de criação, entre elas dona, “dona Maria Garçoneta” que morava nas imediações da Igreja N. Senhora [...].

Dos descendentes religiosos da raiz de Pai Antoninho de Oxum, os que mais se destacaram foram:

A yalorixá Rosália de Xangô, que morreu com 79 anos de idade; moraram alguns anos na Rua Souza Lobo, na vila jardim, onde tive o privilégio de participar de um ritual de Batuque em seu ilê;

Sua irmã de ventre e de axé que foi tia Luiza de Ogum que morreu com 78 anos, morou na Avenida Saturnino de Brito, 408 na vila jardim, deixou dois filhos, uma é Nelia de Ossãe, que é quem mantém vivo o ritual do Xangô Aganjú do Povo em Porto Alegre, e o outro filho já são falecidos.

Outra mãe de santo que se destacou muito, uma das mais importantes, depois de Antoninho, foi a Sra. Lídia Gonçalves da Rocha, popularmente conhecida como mãe “Moça de Oxum”, que entrou para a religião africana aos cuidados de pai Antoninho de Oxum por motivos de doença e se tornou a mais destacada yalorixá da nação Oyó dos últimos tempos [...].

Pai Antoninho de Oxum morou no Mont'serrat, na cidade de Porto Alegre, e segundo consta faleceu no ano de 1932. [...] (Xangô Sol, veja anexo seis).

Bolívar registrou um dado importante em seu artigo: “A Nação *Òyó* em Alegrete, uma Etnografia do Batuque *Òyó*”, sobre um dos primeiros sacerdotes da tradição *Òyó* por nome “*Gululu*”, aproximando-se aos nossos estudos do fundador da Kambina, que até então era considerado sendo um africano de origem Banto. Esta informação nos leva novamente a origem da Kambina e o culto a *Sàngó*.

Percebe-se que a divindade *Sàngó* do Povo, cultuado no lado *Òyó*, e o de *Sàngó Kamuka* no lado Kambina, são semelhantes, e que ambos não eram iniciados na cabeça de ninguém. Isto abre a possibilidade para uma origem única de ambas as divindades, ou talvez sejam a mesma divindade, com dois nomes, algo comum na religiosidade ioruba.

Bolívar, no entanto, informa que Antoninho (*Gululu*) é um sacerdote de *Yemoja*, não fica claro porque ele se refere a duas famílias: a da Emília e a do Antoninho.

Conforme as fontes e informações que nos forneceu, conseguimos fazer a devida correção ao encontrar depoimentos de familiares de Antoninho da *Òsún*. Confirma o trecho que Bolívar cita *Gululu*:

[...]. Segundo informação do *bàbá* Airton da *Yemanjá*, existem cerca de cinco famílias da tradição *Òyó* no estado, das quais ele se recorda apenas de duas famílias. Uma delas entrou no estado chegando primeiro em Santa Catarina, no porto de Laguna, e depois se deslocando para o Rio Grande do Sul em direção a Porto Alegre, tendo como precursor o *Bàbá* chamado **Antoninho *Gululu* de *Yemanjá***.

A segunda família religiosa chegou pelo porto de Rio Grande, deslocando-se depois para Pelotas, local de nascimento de *Ìyá* Emília (Emília Fontes de Araújo) de *Qyá Ladjá* (Emília Fontes de Araújo, nascida no século XIX e falecida na década de 1930), a *Ìyá* de Santa mais antiga que se tem notícia desta família. [...] (o grifo é nosso).

E colaborando com mais informações, o *bàbálòrìṣà* João Felix de *Ògún*, em seu Facebook, nos informa sobre o sacerdote *Gululu*, sem citar as fontes:

"COLÔNIA AFRICANA"

"Em porto Alegre antigamente era chamado o local onde se concentravam descendentes de africanos escravos que predominavam em uma área entre Azenha, Cidade Baixa e Bonfim, entre esses um nigeriano que falava pouco português".
Escravo libertado em sua época ***Gululu morava no Beco do Poço***, uma pequena ruela que ligava Borges de Medeiros a João pessoa, teria ele sido antecessor do *Bàbálòrìṣà* Valdemar do *Kamuka* da Nação Cabinda. [...] (o grifo é nosso, veja anexo sete).

Bábá Marcio, sacerdote da raiz *Òyó* do Batuque do R.S., da cidade de Gravataí, R.S., descendente religioso do Pai Antoninho terceira geração, informa dados importantes que revelam a trajetória deste sacerdote:

"Ainda se comemora todo dia 18 de outubro a feitura da *Òsùn* de Antoninho da *Òsùn* Panda Olobomi [...] *Bábá* Antoninho se instalou no Bairro da antiga Colônia Africana". Iniciado por mãe Donga da *Òsùn*, herdou o *Sàngó* do Povo da sua mãe de santo. As

ferramentas desta divindade eram feitas de pau Brasil. Depois da sua casa, o *Sàngó* do Povo foi para a casa da Chininha de *Sàngó Omi* (Emília Alves Ferreira) na Rua Pedro Ivo, n. 186, indo após para a casa da *iyá* Rosaria de *Sàngó Agodo Toyó*, falecida em 1979.

[...] Este *Sàngó* do povo pertence apenas a família do *Bàbá* Antoninho. Na época era costume na data de 21 de junho promover uma festa de 32 dias quando vestiam e paramentavam os *òrìsà* mais antigos da casa, recolhiam estes *òrìsà* e voltavam vestidos e paramentados [...] Antoninho da *Òsùn* veio de Pernambuco, e teve uma filha chamada Fifita, sem a data e local confirmados [...]. É costume de fazer uma segurança no meio do salão para *Sàngó*, chamado de oriaxé, que mantém a força da casa [...].

[...] Márcio herdou alguns santos (*Sàngó*, que foi feito para a casa), *Odé*, *Otim*, *Ibeji*, *Obá* e os búzios da sua mãe Doralice - Mãe Dora de *Òsàálá biyi efan*, entre eles um *Òrìsà* que está na família por três gerações. Ele era de uma filha de santo do vô Antoninho. Ficou na casa de minha avó e depois de muitos anos foi entregue para minha mãe jogada e orientada por Mãe Vera de *Òsanyìn*, e Pai Antoninho Carlos de *Sàngó* [...].

[...] Inha ou inhã, tambor num formato cônico que era tocado na festividade por alguns tamboreiros mais velhos. "Esse tambor "comia", era nas cores do *òrìsà Sàngó*, tradicionalmente era usado no ritual do *Sàngó* do Povo, e nos lados que o cultuam, sendo no *Òyó* e mais tarde no *Jeje*." [...] (informação pessoal).

Devido à informação que Antoninho veio de Pernambuco, buscamos obter mais informações sobre alguma casa antiga que tivesse alguma ligação com o sul. Encontramos apenas

uma casa recente de raiz Kambina, o Ilê Oxum Ademum Raçanã que existe em Recife apenas a oito anos, dirigida pela *iyálòrìsà* Daniela, iniciada em 1995, pela *iyálòrìsà* Eva de *Timboá* da cidade Alvorada. Porém, não conseguimos contatar alguém do templo.

Outro depoimento importante sobre *Gululu* e Pai Antoninho vem da informação da *Ìyá* Vera de *Òsanyìn* cidade de Viamão, tradição *Òyó*, 71 anos, que vivenciou a religião desde muito pequena, se aprontando aos 18 anos:

"Pai Antoninho era diferente dos demais sacerdotes da época, que se destacavam pela sua etnia africana". Pai Antoninho seria o primeiro sacerdote branco da época, criado por escravos, nasceu em 1899, faleceu em 1932 aos 33 anos, Pai Antoninho foi iniciado para *Òsùn*, comemoravam todo dia 18 de outubro a festa da *Òsùn*, morou no Bairro Montserrat, Rua Lucas de Oliveira.

Sàngó do Povo é um *òrìsà*, existia um único assentamento que protegia toda a comunidade religiosa do *Òyó*. Pai Antoninho herdou de Mãe Donga que, quando morreu, deixou com a mãe Rosário de *Sàngó*, passando após a sua morte para mãe Luiza de *Ògún*. Este *Sàngó* deveria ficar comigo, porém, eu não estava preparada porque trabalhava e não tinha como me dedicar para a religião, por isso, perdeu-se o contato com quem estaria este *Sàngó* do Povo. O *Sàngó* do Povo ficava numa casa igual à do *Bara Lode*, no pátio do templo, meio distante da frente.
"(Informação pessoal)

Durante as nossas pesquisas deste trabalho até 2019, os dados coletados e apresentados por Bolivar, informantes e o

Site Xangô Sol, nos levavam ao entendimento que o *Bàbá Antoninho da Òsùn*, e *Gululu* seria a mesma pessoa.

No entanto, dados publicados em “Histórias de Batuques e Batuqueiros, Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre” (GOMES & SCHERER & OLIVEIRA, 2021) apresentam a possibilidade “ainda não comprovada” que *Gululu* seria Antonio de Xapanã, que os pesquisadores afirmam ter origem no culto *Yorùbá*, sendo um sacerdote de *Òrìsà*.

Neste trecho os pesquisadores informam a ligação do *Gululu* com o pai Antoninho, abrindo portas para estudos que levarão à Kambina:

“Segundo a tradição oral, no Beco do Poço teria vivido Antonio *Gululu*, uma importante referência para o Batuque até os dias de hoje, pois teria sido pai-de-santo de dois ícones do Batuque no século XX: Antoninho da Oxum (Antônio da Cruz Ferrari), da nação Oyó (de quem falaremos no capítulo sobre a Bacia do Mont Serrat) e de Waldemar de Xangô Kamucá (Waldemar Antônio dos Santos), da nação Cabinda (ver capítulo sobre o Areal da Baronesa). Porém, não se sabe maiores detalhes a seu respeito. Acredita-se que tenha nascido no continente africano e que era filho do orixá Xapanã. Já a palavra “*Gululu*” poderia ser tanto uma identificação étnica, como uma referência ao seu orixá pessoal.” (p. 34)

Neste ponto é relevante dizer que “uma tradição oral não é uma folha seca ao vento. O pesquisador precisa dizer de quem ouviu, onde ouviu, e como coletou” (Luiz L. Marins)

Neste trecho, apesar das fontes não serem citadas, os possíveis informantes orais de Gomes & Scherer & Oliveira

sugerem a possível ligação que vincula a Kambina do pai Waldemar ao Ôyó do pai Antoninho.

“Quanto à sua formação religiosa, os relatos orais informam que Pai Waldemar foi filho-de-santo de Antônio Gululu e fora casado com Mãe Otilia do Ossanha, esta, ao que se sabe, da nação Ijexá. Os debates recentes sugerem que a nação Cabinda tenha se originado do tronco Oyó-Ijexá.

É importante ressaltar que Antônio Gululu não é a mesma pessoa que Pai Antoninho da Oxum, como já sugerido em outros estudos, pois Gululu foi, justamente, o pai de santo de Antoninho da Oxum. O documento abaixo, um certificado de apronte emitido por Pai Florentino do Ogum, informa a este respeito” (p. 46)

E neste trecho mencionam, que teriam feito estudos e pesquisas; entretanto, sem informar quais, sugerem que não existiria uma variação do nome. Vejamos:

“O interessante é que essas novas informações colocam uma origem comum do Oyó de Pai Antoninho da Oxum com a Cabinda de Pai Waldemar do Xangô, e que só fortalece a pergunta de quem foi, exatamente, Antônio Gululu?

Pai Waldemar faleceu em setembro de 1935, de coma diabético, aos 48 anos, em sua residência no bairro Santana/Porto Alegre.

Quanto à terminologia cabinda, as fontes analisadas até o momento demonstram que, pelo menos até os anos 1940, não há variação significativa de nomenclatura dessa nação, ou seja, não existe outra forma de denominá-la que não seja cabinda ou cambinda.” (p. 47)

Sobre a denominação original Cambina ou Cambini, relembramos o que o professor Norton afirma (ver p. 39):

[...] “É cambinda, cambini, eu ouvia essas coisas [...]

O centro de nossa pesquisa neste trabalho, sempre foi mostrar a sua origem *Yorùbá*.

Os dados sobre a possibilidade de o *Bàbá* Antoninho da *Òsùn* não ser o *Gululu*, não mudam a direção dos estudos que até o momento apresentamos, pois, os recentes dados publicados confirmam ainda mais nossa pesquisa da origem *Yorùbá* do segmento religioso Kambina do Batuque do R. S.

Os pesquisadores Gomes e Oliveira contribuem com dados sobre o *Gululu*, que contradizem o depoimento da *Ìyá* Vera, mesmo que as informações não sejam conclusivas, a live “Seria Pai Antoninho o Antônio *Gululu*? - ft. Vinícius de *Aganjú*” (2021) informa que o Xangô do Povo tem origem no nordeste do país, mas não esclarecem em qual região nordestina, e de qual casa trouxeram:

Vinicius de *Aganju* min 02h50min

[...] verificar, até por que não se sabe o nome completo dele, por exemplo, não se sabe o termo Gululu, o próprio termo Gululu, nós não sabemos exatamente a que se refere, podemos especular né, podemos buscar referências na África, mas ter certeza mesmo não teremos [...], por exemplo, pai Sarin, um grande tamboreiro, antigo tamboreiro, filho da mãe Chininha do Oxalá, que por sua vez, foi filha de santo do Antoninho da Oxum [...] ele comenta, né, a mãe Chininha e as antigas comentavam que os dois se conheciam andavam juntos, que isso era sabido e notório, pela comunidade batuqueira, né... Iiiii tem mais o pai Sari comenta em que o Gululu trouxe pronto do norte um Xangô do Povo, né, ele fala do Norte, não sabemos exatamente de onde, Norte, Nordeste, possivelmente o Nordeste.

Sobre o Cujoba, né um pouco mais complicado tem ainda, apenas alguns relatos que chegaram até os dias de hoje, né, não, eu como acho que toda a comunidade toda de pesquisa não crê que seja a mesma pessoa [...].

O professor Denis reforça a origem Ioruba do *Gululu*:

Denis de *Odé*, min 04h35min.

Qual era o orixá do *Gululu*?

Vinicius de *Aganjú*, min 04h41min.

[...] Olha... O Gululu, eeeee, temos informação que seria do Xapanã, até alguma memória o pai Sarin comenta talvez tenha a possibilidade de ter sido do Bara, mas ele mesmo informa que não tem certeza, mas o que temos assim de mais efetivo que seria de Xapanã [...].

A seguir Vinicius apresenta um documento do jornal de Porto Alegre, 1920, assinado por Mob, que informa o *Gululu* ser negro e ser do *òrìsà Xapanã*, destacando a cultura *yorùbá*, levantando a possibilidade de ser es-escravo, mas não confirmado pelos pesquisadores:

Vinicius de *Aganjú* min 05h10min

[...] Na década de 70, o Mob Caldas, que é uma figura conhecida principalmente no meio da Umbanda, né, por que ele foi um... Inclusive Deputado, que teve esta questão da pauta, né, relativa da Umbanda, nesse documento, neste artigo publicado na década de 70 no jornal de porto alegre, onde ele faz referência a vários, várias lideranças, antigas já falecidas do Batuque, ele refere aqui por onde o cursor está mostrando, né, há uma referência ao Gululu, né, do Xapanã, preto, morreu com 102 anos a mais de 40 anos, as datas não são precisas, né, então aproximadas, então talvez este falecimento tenha ocorrido ainda anterior a, a projeção feita pelo Mob Caldas [...].

Denis de *Odé*, min 06h00min.

[...] Um exemplo 1920, por aí? [...]

Vinicius de *Aganjú*, min 06h02min.

[...] Por aí, aproximadamente, é! [...]

Denis de *Odé*, min 06h04min.

[...] Então a gente já sabe que era um negro, mais ou menos que habitava o beco do poço, morreu com 102 anos... Possivelmente é óbvio, óbvio não, possivelmente escravo... Ahhh, outro ponto também, qual a relação do Gululu com Waldemar e Antoninho de Oxum? [...]

Neste trecho os pesquisadores apresentam o agente (Pai Fiorentino) do documento que faz o inventário para a sua filha (omitida a informação a pedido da família), mas mesmo sem assinatura e sem mais informações sobre a origem da coleta do documento, registra o parentesco religiosos do *Gululu* com Antoninho da Òsùn:

Vinicius de *Aganjú*, min 06h27min.

[...] Então a questão, né, que... Grande anseio da comunidade batuqueira, né, figura do Waldemar que nós ainda estamos, né, correndo atrás.

Então, aqui nós temos a imagem, né, uma foto conhecida do pai Antoninho da Oxum, morreu muito novo, morreu com 40 e poucos anos, 43 não me recordo bem, na década de 30, né, essa foto um pouco anterior.

Então aqui temos um documento, que já foi apresentado na nossa publicação, tá disponível lá no canal, no perfil da, da face mofofribale alafiá, esse é um certificado de apronte emitido pelo pai Florentino do Ogum, que era filho do pai Antoninho, e nesse certificado em que nós omitimos o nome da filha de santo [...].

A seguir, continua a informação sobre a preservação da fonte, e os pesquisadores exibem outro documento da primeira mãe de santo do Antoninho, no entanto, não apresentam nenhum outro documento que comprove que ela foi a única, mãe de santo, e que após ela, ele teve apenas o *Gululu* como sacerdote. Esta informação ainda pode ser confirmada.

É neste mesmo trecho, o professor Denis solicita ao seu parceiro de trabalho, informações comprovando o vínculo religioso do Waldemar com o *Gululu*, desta forma criando um paralelo maior entre a Kambina e o *Òyó*, que o próprio Vinicius ao confirmar serem irmãos completam que a *Cabinda* e o *Òyó* possuem a mesma origem.

Vinicius de *Aganjú*, min 07h20min.

[...] a pedido da família religiosa, ele pai Florentino informa, né, que essa sua filha de santo, por ser sua filha consequentemente é, ela era herdeira direta, né, neta de Antonio da Cruz Ferrari, e bisneta de Antonio Gululu, ambos já falecidos, documento datado do ano de 1950, do berço do *Òyó*, um dos berços do *Òyó*, em Porto Alegre, que é região do Montserrat, a casa do pai Florentino, ele viveu na Eudoro Benir, que possivelmente ele tinha residência... Na região baixa ali do Petrópolis, Rua Alegretes se não me engano, né...

Temos aqui então já falando de Antoninho da Oxum, a sua primeira mãe de santo, temos uma referência oral, né, qui, o pai Antoninho seria filho da mãe Donga, mas isso, nós conseguimos identificar uma narrativa e nós conseguimos avançar, até eu mostro para vocês um registro feito, isso também na década de 50, no verso desta foto no acervo do prof Carlos Galvão Krebs, onde ele anota Chininha de Xangô primeira mãe de santo de Antonio da Cruz Ferrari, linha de *Òyó*. [...]

Denis de *Odé*, min 10h21min.

[...] Vou te fazer mais uma pergunta, que agora estilo do professor Krebs.

Eu não entendi muito bem pode explicar de novo o Antoninho era irmão de santo do Waldemar? [...]

Vinicius de *Aganjú*, min 10h31min.

[...]. Então... Antonio da Cruz Ferrari, sendo filho de Antonio *Gululu* era irmão de santo do Waldemar, do pai Waldemar, né, então interessante esta relação entre o *Ọ̀yọ́* e a Cabinda, está ainda por desvendar, mas existe que pelo menos uma ancestralidade comum, isso já acho um ponto importante pra, para pensarmos, principalmente para a comunidade, né, da nação *Cabinda*, né, para guiarmos ai um pouco [...].

Entretanto, veremos a seguir que Sarin revela informações que conflitam com as pesquisas de Gomes & Scherer & Oliveira. Contatamos o *Bàbá* Marcio de *Òòsàálá*, sobrinho do pai Sarin de *Sàngó*, para coletar detalhes sobre o *Gululu*, Antoninho da *Ọ̀sùn* e Waldemar. Seguem as informações coletadas:

“O pai Antoninho da Oxum é Antonio Cruz, não se recordo do restante do nome, diz que existem duas vertentes sobre o pai Antoninho, uma ele era filho da mãe Donga e outra que ele era filho de orixá de alguém de Pernambuco, que radicou e, Rio Grande e depois veio para Porto Alegre. Onde nasce o culto de Aganju do povo.

O *Gululu* seria de Batuque vindo de Pernambuco. O nome *Gululu* era dado para filhos de Ogum, no entanto, o feitor de pai Antoninho seria de Oxalá, desconhece quem seja mãe Deolinda. "Inclusive cita o babalorixá Máximo de Odé pai de santo da esposa do Antoninho da Oxum." ([Pai Marcio de *Òòsàálá*, informação pessoal, conforme ouviu de Pai Sarin de *Sàngó*]).

No trabalho “Mãe Moça da Oxum”⁵⁴ (2002), o professor Norton, fornece alguns dados interessantes sobre a filiação do pai Antoninho e origem do *Gululu*, segue:

[...] A memória coletiva muitas vezes vai-se esfumando com o tempo, sabe-se, como ocorreu com a filiação de religião do Pai Antoninho. Houve gente que me afirmou taxativamente ter sido ele filho de santo da Mãe Emilia, enquanto outros, de um legendário personagem, tido como africano legítimo e do qual pouco mais se conhece do que seu nome de religião, *Gululu*, possivelmente o de seu orixá padroeiro. Algumas pessoas antigas me afirmaram que não era do oió – e, portanto, o Antoninho não seria seu filho espiritual. Para estas, o *Gululu* seria praticante da Cambina, outro dos lados.

Mas as opiniões não terminam por aí: o pai de santo da Mãe Moça, disseram-me, era filho de santo, nem mais nem menos, do arqui-famoso Príncipe Custódio (embora este fosse de jêje) [...].

Retornamos com as informações do Carlos de *Òòṣàálá*, onde relata as anotações do caderno da mãe dele. Informamos que os dados ainda não foram checados.

Anotações do caderno da mãe do Carlos:

“O Antoninho da *Òsún*, pai Antoninho, era filho da mãe Donga da *Òsún*, que além de ser um sacerdote famoso, possuía uma grande ligação com pai Waldemar”.

⁵⁴ Norton informa que conservou a pronúncia de certas palavras, conforme informado na página 36.

Sobre o pai Waldemar e o *Gululu*:

"Nas anotações da minha mãe", conta que mãe Donga e pai Waldemar mantinham laços afetivos, e, que em dado momento, eles foram obrigados pela comunidade religiosa familiar, a se separarem, desta forma, na época, a *Òsún* de mãe Donga teria se encarregado de aprontar e entregar os *àse* e fundamentos do pai Waldemar.

Ai que entra o pai Antoninho, para corroborar com o tabu da ocupação, e explicar os atos feitos pela mãe *Òsún* de mãe Donga; o pai Antoninho assumiria o nome *Gululu*, apenas não ficou claro a origem do nome *Gululu*.

Diante estes ocorridos e com o afastamento do pai Waldemar Antonio dos Santos aos 40 anos, entra o casamento da mãe Otília Tavares, 23 anos, observe a diferença entre a idade de ambos.

Segundo Carlos informa, nas anotações da mãe dele, encontrou registros da origem do nome da Kambina:

"O nome da Cambina/ Cambini originalmente seria *Cabiesile*, mas com a dificuldade para a pronúncia criou-se uma corruptela *Cabini*, mais tarde para Caambina, e atualmente chamam de Cabinda."

Sobre o *Kamuka*, Carlos informa que:

"Na época existiam duas qualidades do Xangô do Povo, um deles chamava *Kamuka* "(Comunicação pessoal)"".

Ao observamos o nome do avô do pai Waldemar, Antonio da Costa Lessa, e com a citação dos pesquisadores Denis e Vinicius, que afirmam que seria Antonio Gululu, o sacerdote do pai Waldemar, fomos pesquisar se haveria a possibilidade de encontrarmos a data do falecimento do avô do pai Waldemar, porém, não há registros. Entretanto, até o momento, as informações não são conclusivas.

A VIAGEM DO PAI CLEON EM BUSCA DA ORIGEM

A seguir faremos um tópico sobre o trabalho do professor Ari Pedro Oro (2020), e a viagem do pai Cleon para a Cabinda, província da Angola. Oro informa que:

[...] pai Cleon, nasceu em 1939, iniciado pela Mãe Palmira, falecida em 1968, que era filha de pai Waldemar, falecido em 1930[...] (2020, p. 2).

Entretanto, consta no atestado de óbito a data do falecimento em 15 de setembro, de 1935. Ainda segundo Oro informa que o pai Waldemar seria africano de Cabinda, porém, não informa como chegou a esta conclusão.

Oro registra a partida do pai Cleon para terras *Bantas*:

[...] Partiram de Porto Alegre no dia 8 de junho de 2012, com destino a São Paulo, dali para Lisboa e depois para Luanda, em Angola. [...] (2020, p. 04)

Oro descreve as dificuldades que pai Cleon passou na tentativa de encontrar a religião tradicional:

[...] encontraram resistências para fotografar locais, monumentos e pessoas; tiveram dificuldade em encontrar um sacerdote da religião “tradicional” [...], mas, o que mais surpreendeu o pai-de-santo gaúcho em terra Cabinda foi a invisibilidade, e mesmo a ausência, da religião “tradicional”.

Foi informado que a polícia tem permissão para prender as pessoas que encontrar participando de cultos “tradicionalis”. Por isso mesmo, esses cultos somente podem ocorrer às escondidas, conduzidos, em toda a região, “por uma meia dúzia de velhos”, segundo ouviu dizer, cujo acesso a eles é bastante difícil. Ele somente ocorre através de um agenciador, bem pago. “Tem que pagar para chegar e até para conversar com o pai de santo. Foi o que nós fizemos”. [...] (2020, p. 05)

Seriam importantes mais detalhes para o leitor, especificando que tipo de religião tradicional pai Cleon procurava, considerando a possibilidade de existirem diversos núcleos religiosos, incluindo cristãos ou muçulmanos. Só assim seria possível mapearmos quais segmentos que desejavam buscar e pesquisar. A seguir, veremos a narrativa da viagem:

[...]. De fato, foi por meio de um funcionário de um hotel que Pai Cleon e Eduardo chegaram até uma casa religiosa, localizada num vilarejo próximo da cidade de Cabinda.

Isto ocorreu após uma negociação financeira. Disperderam 300 dólares norte-americanos.

“Nós pagamos para a pessoa que nos levou até lá. Mas claro que ele (o pai-de-santo local) deve ter ganhado alguma coisa. É uma máfia”, disse Pai Cleon. [...] (2020, p. 05)

Novamente seria de grande importância para o desenvolvimento dos estudos, que o professor Oro, fornecesse o nome do vilarejo, localidade geográfica, ou até mesmo alguma imagem, completando assim o trabalho histórico e científico. A seguir, Oro narra a curta experiência do pai Cleon, com o religioso:

[...] A casa era bastante simples. Pai Cleon conversou por cerca de 20 minutos com o sacerdote local. Foi uma conversa com tempo previamente estipulado.

Diz Pai Cleon: “Eu conversei com ele sobre o que nós fazíamos aqui. E ele disse o que fazia lá. Porque não pode fazer mais”.

Ou seja, não podem realizar rituais públicos.

“Só podem cultuar o Orixá da forma deles lá, muito restrito, muito fechado”. [...] (2020, p. 05)

Oro registra, que o pai Cleon informou um culto de *òrìṣà* na região, no entanto, não informa quais seriam os *òrìṣà* que seriam cultuados. Até o momento, não há registros de que possamos encontrar culto de *òrìṣà* nesta região.

No trecho a seguir, um dos mais importantes para o trabalho, entretanto, a inexistência dos dados do sacerdote como o segmento religioso, ou até mesmo a idade do sacerdote, deixa uma laguna aberta. Confira:

[...]. Além disso, Pai Cleon informa que durante a conversa que mantiveram notou o sacerdote local bastante ansioso, apreensivo e temeroso, porque, afirma: “a polícia batia toda hora. Eles são muito vigiados. A polícia estava ali toda hora. Exploram-nos.”.

Após a conversa mantida com o sacerdote local e tendo dele recebido a anuência, Pai Cleon retirou uma porção de terra do assentamento de Exu, localizado junto à casa do sacerdote.

Este ato foi dotado de intensa simbologia, pois representou o coroamento da viagem do sacerdote gaúcho, uma vez que ele estava alcançando o seu principal objetivo da viagem para Cabinda: coletar a terra sagrada dos seus ancestrais. [...] (2020, p. 06)

Não ficou claro como foi que chegaram à conclusão de que o assentamento se tratava de um *Èsù*, considerando o pouco tempo de diálogo.

Porém, na nota de rodapé, número 18, Oro informa que:

[...]. Embora, como se sabe, esta expressão detém um viés evolucionista, ela é aqui utilizada porque Pai Cleon a utiliza referindo-se a uma possível forma religiosa que deita raízes no passado, a um período anterior à colonização, e que mesmo sincretizada com as religiões dos colonizadores – com suas consequentes interpenetrações, ambivalências e ambiguidades –

mantém traços e elementos de uma suposta longínqua “matriz cultural” africana. A expressão tradicional também não alimenta a ideia de uma “pureza” religiosa. Por isso mesmo, a relativização da expressão fica expressa neste texto com a grafia entre aspas da palavra tradicional. [...]

Supõe-se, que, o religioso seria de uma religião tradicional indígena, no entanto, anteriormente pai Cleon já informa que teve dificuldade de encontrar alguém da religião tradicional, mesmo não especificando o segmento religioso ao qual ele desejava.

Em contradição, Oro registra conforme ouviu do Pai Cleon que a religião tradicional na *Cabinda* não existe mais. Veja a seguir:

[...] É, portanto, neste contexto de intolerância religiosa e de perseguição aos cultos “tradicionais” que o sacerdote de Cabinda encontrado por Pai Cleon lhe afirmou: “o que tinha aqui em Cabinda (da religião ‘tradicional’) não existe mais”. Esta observação é reverberada por Pai Cleon, para quem, “na região de Cabinda, onde nós fomos de onde veio a nossa nação, não existe, está extinta. A religião está escassa, não existe mais. Não tem terreiro, não tem nada”.

Assim sendo, ambos os sacerdotes coincidem na constatação de que não existindo mais a religião “tradicional” em Cabinda, ela se encontra viva no Brasil, e também no Rio Grande do Sul. Nas palavras de Pai Cleon, "da religião Cabinda o que tem está aqui".

Da nação Cabinda o que tem está aqui. As raízes estão aqui. Os fundamentos estão aqui mesmo (...). Queira ou não queira, a nossa

religião é aqui. "Já está aqui há mais de um século". Esta afirmação do pai-de-santo gaúcho reforça uma ideia recorrente na comunidade afro-religiosa do Rio Grande do Sul, segundo a qual a origem do Batuque é africana, mas a sua legitimidade foi adquirida e conquistada no próprio estado.

De fato, o mito de origem do Batuque narra que teriam sido os negros africanos, ou seus filhos, vindos do continente africano e/ou de outras cidades brasileiras, que iniciaram e desenvolveram o Batuque neste estado, inicialmente na região portuária da cidade de Rio Grande, na primeira metade do século XIX (Mello, 1994) - "talvez pelos anos 1840" (Correa, 1998: 54) - daí se espalhando para as demais cidades do estado, inclusive para a capital. Isto significa que de forma diferente de muitas outras regiões brasileiras – como Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo – onde a religião de matriz africana se implantou a partir da expansão da Bahia, no Rio Grande do Sul o Batuque firma sua origem e sua legitimidade no próprio território gaúcho. Aqui radica a "força das raízes", segundo a expressão do africanista J. M. Gibbal (1994: 107). [...] (2020, p. 11)

Na nota de rodapé, número 28, Oro faz considerações sobre a *Cabinda* do pai Cleon cultuando *òrìṣà* divindades de origem *Yorùbá*, com os *nKissi*, divindades *Banto*:

[...]. Do ponto de vista antropológico pode-se aqui introduzir uma relativização. Considerando, de um lado, que o Batuque da "nação Cabinda", proclamado por Pai Cleon, constitui uma religiosidade historicamente desenvolvida no Rio Grande do Sul - o qual, inclusive, cultua orixás – e, de outro lado, que a religião "tradicional" cultuada em Cabinda se inscreve na tradição Banto, e venera Inkices, não é destituído de sentido se aventar a hipótese

de ter existido alguma forma de curto-circuito cognitivo no diálogo entabulado entre os dois agentes sacerdotais. [...] (2020, p. 18)

Queremos destacar esta frase de Oro:

“Não é destituído de sentido se aventar a hipótese de ter existido alguma forma de curto-circuito cognitivo no diálogo entabulado entre os dois agentes sacerdotal”

Ou seja: Oro diz que os sacerdotes não entenderam o que um queria dizer ao outro.

KAMUKA DA TRADIÇÃO KAMBINA E O SÀNGÓ DO POVO DA TRADIÇÃO ÒYÓ DO BATUQUE DO R.S.

Coletamos no site Xangô Sol, informações sobre *Sàngó* *Aganju* do povo, que provavelmente tem alguma semelhança à tradição do pátio *Aganju* no Palácio do *Alàààfin*, em Òyó, Nigéria. Referente ao *Irúnmolè* que acompanha o *Sàngó* do povo na tradição Òyó e *Jeje* do Batuque, poderão ser as divindades (*Bara*, *Ògún* e *Oya*) de *Ojúbó* que ficam na frente dos templos.

[...] Nas aldeias africanas os assentamentos de Orixás eram feitos para servir uma comunidade inteira, até mesmo uma cidade, e toda população se dedicavam aquele Orixá cultuado na região, os assentamentos, os rituais, as obrigações ficavam de uma geração para outra, têm lugares que ainda hoje, conservam assentamentos

de Orixás com quatrocentos anos ou mais, [...] foi esta tradição que deu origem ao *Sàngó Aganjú* do Povo.

As tradições deste ritual foram passadas à *Ìyá Donga*, e não é apenas um *Okutá* de *Sàngó*, é sim um conjunto de Orixás (*Irúnmolé*), que foram preparados para servir a comunidade inteira daquela família religiosa de tradição *Ọ̀yó* da bacia de *Ìyá Donga* de *Ọ̀sún*, e ser passado pelas gerações vindouras. E assim aconteceram, os assentamentos após passar por vários terreiros de *Ọ̀yó*, hoje estão nas mãos de uma descendente direta da *Ìyá Donga*, a *Ìyá Néliá* de *Ossãe*, que humildemente tem a guarda destes assentamentos em seu terreiro.

Antigamente era escolhido um Axogum (*Aṣògún*), ou seja, um homem que teria a função de fazer o sacrifício dos animais para este ritual, um deles foi o senhor Mário Lopes, que após um derrame passou o cargo ao Sr. Rolim de *Oxalá*, que morou na Rua Lucas de Oliveira, e antes de falecer passou a responsabilidade para o Sr. Jorge de *Xapanã*, após sua morte não se teve uma pessoa exclusivamente para fazer os sacrifícios para *Sàngó Aganjú* do Povo, hoje a responsabilidade da matança é da pessoa que tem a guarda dos assentamentos em seu terreiro, e a data da festa é sempre o dia vinte e dois de julho, que antigamente movimentava todo o povo de santo de Porto Alegre e arredor. [...]

ÀMÀLÀ DO BATUQUE

A comida de *Sàngó*, chamada *Àmàlà*, deve ser a mais popular entre todas as religiões, refogado com carne de peito ou espinhela de carneiro com folhas de mostarda, deste cozido retira um pouco da água para preparar um pirão, servido em uma Gamela de madeira.



Imagem do guizado que compõe o *àmàlà* do Batuque: acervo Ilê Axé nagô Kóbi.

Segundo Correa (O Batuque do Rio Grande do Sul, Antropologia de uma Religião Afro-rio-grandense, 1992, p. 50).

"[...] o Batuque manteve-se graças à estrutura sólida do modelo Jeje-nagô, e aí se supõe o ingresso de não sudaneses [...], entretanto, este ingresso não resultou, ao que tudo indica, em grandes influências "banto no ritual"".



Enviamos esta imagem do pirão de um *àmàlà* sendo preparado para *Şàngó* para a Dra. Paula Gomes, ela respondeu que:

"O amala é parecido com o amala aqui k se chama lafun, o amala feito de mandioca [...] *Şàngó* come carne, sim, carne de porco, bode, carneiro, galo e até vaca e carne de animal selvagem e essa carne é sempre guizada" (Informação pessoal).

E completa:

"Pode acompanhar uma folha chamada *ewedu*." (Informação pessoal).

Perguntamos para a Dra. Paula Gomes, se Sàngó sobre o *amalá* de quiabo, ela respondeu que:

“Não fazemos amala de quiabo, Sàngó não tem tabu com quiabo, apenas não come” (Informação pessoal).



Àmàlà tradicional de Òyó.
Imagem gentilmente
fornecida pela Dra.
Paula Gomes.

OJÚBỌ SÀNGÓ QTA ÒDE

Notem que tanto *Kamuka* quanto o Sàngó do Povo possuem alguma semelhança em seus rituais e local de adoração.

Sàngó Kamuka é um *òrìsà òde*, isto é, um *òrìsà* do lado de fora, no jardim ou lado externo. A casinha do *Kamuka* fica no pátio. (Lembrando que a palavra *Òde* não deve ser confundida com o *Bara Olóòde*).

Na sequência veremos que o assentamento de um *Sàngó* *Òde* também existe nas terras iorubas, em África.



Um *ojúbò Sàngó* para a comunidade,
fica exposto ao tempo num local público do vilarejo.

Ojúbò é um local de adoração coletiva. Nesta imagem vemos a sacerdotisa Ejire, que postou algumas fotos em seu Facebook cultuando um *ojúbò* de *Sàngó* no pátio, que achamos muito conveniente registrar para este trabalho.

ELÉGBAA, ÈSÙ E ALÁGBÁRA

Neste tópico faremos um breve esclarecimento para o leitor, traduzindo este pequeno texto da Chief Fama, a tradução da Palavra Elégbà do dic Beniste.

A *Iyanifá* Chief Fama (1993, p. 140) fala sobre Èsù e Elégbaa conforme ouviu de seus mais velhos e que transcreveremos alguns extratos de sua fala. Segue:

"Uma coisa fascinante sobre oríkì é o fato que nomes atributivos que estão contidos em um oríkì são algumas vezes substituídos por nomes reais". Tal é caso de um poderoso Òrìsà cujo nome atributivo é Alágbára, mas que é conhecido e chamado na Iorubalândia, como Èsù.

De alguma forma, este nome atributivo chamado Elégbaa na diáspora, é confundido pelos devotos da diáspora como sendo um Òrìsà diferente de Èsù.

Em toda a Iorubalândia, Èsù raramente é chamado de Alágbára, [mas quando é], é Alágbára e não Elégbaa, como ocorre quando um oríkì de Èsù é recitado [...].

Elégbaa é uma pronúncia corrompida de Alágbára, que significa: "uma pessoa poderosa" referindo-se a Èsù como sendo um Òrìsà muito poderoso, título dado a ele por seus devotos.

Assim, a diáspora precisa ter em mente que a palavra Elégbaa deveria ser propriamente falada e pronunciada Alágbára, que é um título que identifica Èsù, e não outro Òrìsà. ”

Beniste (2011, p. 238), corrobora com o conceito apresentado pela *Chief Fama*: “*Elégbà (élégba)* - Pessoa com qualidades excelentes.”.



Restauração do santuário de *Èṣù Akesan (Elegbaa)*, em *Òyó Aláàfin*.
Imagem cedida pela Dra. Paula Gomes

É comum vermos considerações sobre o *Elégbaa* ser uma divindade diferente de *Èṣù*, no entanto, observamos que se trata da mesma divindade, chamamos a atenção que com o passar dos anos a palavra *Elégbaa* foi se desconstruindo e transformando na corruptela *Légba*, assim como ocorreu com palavras ou nomes de outras divindades.

O LEGBA E A ZINA NA KAMBINA

Entre os mitos e lendas que constantemente encontramos no Batuque, principalmente na tradição Kambina, o *Legba* e a *Zina*, talvez seja dos que mais criaram polemicas, que por muito tempo foi considerado um demônio, cultuado na Kambina, para defesa e maldades, no entanto, fomos buscar depoimentos sobre esta divindade e chegamos a um belo depoimento coletado pelo sacerdote Celso de Xapanã:



Ondina de *Xapanã*,
imagem gentilmente
fornecida por Antonio
C. Pereira

"As divindades *Legba* e da *Zina* foram dados para a Palmira, no momento ao qual o povo da Kambina estava sofrendo com muitos feitiços, e vieram pelas mãos da *Íyá* Ondina do Xapanã (tradição Jeje), que recebeu do próprio Custódio de Xapanã".

Ainda sabemos que o *Lode* foi dado para a Palmira, através dos Manezinho do Xapanã; o Romário foi quem ajudou financeiramente a Palmira para que recebesse pudesse sentar o *Legba*, *Zina* e *Lode*. "Os anjos foram introduzidos através do Nascimento de Xapanã."

[Comunicação pessoal de Glaci de *Òsún*, filha do Zé da saia, 82 anos de idade, 65 anos de pronta, vive em Porto Alegre, *apudi*, Celso de Xapanã].

Entretanto, na publicação: *O LEGBA, A ZINA E OS ANJOS CULTUADOS NA KAMBINA*, publicado no perfil Erick Wolff, do Tiktok, Sérgio do *Ògún*, filho de mãe Santinha, descendentes da mãe Ondina, informa que:

[...] Sergio de *Ògún*
con ago Pai. eu so d esa raíz junto con pai Jorge da Oxum. baba Salako. compartimos feitura d misma mao, d mae Santinha y Nao Temos esos asentamiento de Legba y Zina.

Erick Wolff8
[@Sergio de *Ògún*] saberia infirmar pr que deixaram de cultuar

Sergio de *Ògún*
esa afirmación vc tendría que sostener com fuente.
baba amigo como asegura q Pai Manuelzinho tinha y a mae Ondina?
aún tein en vida descendentes

Erick Wolff8 · Criador
Sim, a fonte está viva, e foi devidamente citada no livro *A Kambina Nago e o Kamuka na Nigéria*. [...]

Com isso, refletimos que não ficou claro, se mãe Ondina e pai Manoelzinho de Xapanã tinham, e os descendentes não preservaram, ou se Ondina e pai Manoelzinho de Xapanã, sentaram o Legba e a Zina, mesmo não possuindo ele.

Mãe Ondina do Xapanã era *Ijesa*, segundo informações no site Xangô Sol; no entanto, *bàbá* Sergio de *Ògún*, descendente de mãe Ondina, informa que os filhos de mãe Santinha do

Ògún se denominam Jeje com Ijesa, e acrescentam que o Jeje foi acrescentado por afinidade.

Sobre a divindade Dirã, Caio de Oxalá, informa que⁵⁵:

“Ainda tem pessoas mulheres que com casa aberta, só tem a Dirã, não tem Lode, não tem Legba, ahhhh, não tem Bara de rua, só tem os bara de dentro de casa... e daí a rua delas é a Dirã” [Comunicação pessoal].

A CAPA DA MÃE OXUM

Em outubro de 2024, o blog *Ilê Axé Nagô Kóbi* publicou o artigo “O mistério capa da Oxum da mãe Palmira”.

O artigo traz uma imagem da internet que parece ser um tecido acetinado dourado, bordado com pedrarias, que supostamente teria sido da Oxum da mãe Palmira;

Entretanto, outro informante de peso, em uma conversa informal, em Porto Alegre, 2023, diz que capa da mãe Oxum da mãe Palmira era confeccionada com organza amarela, e ainda segundo este informante⁵⁶, a capa era muito simples.

⁵⁵ *Dirã* – Divindade cultuada entre as *Oya*, na tradição do Batuque do RS.

⁵⁶ A pedido, a identidade do informante foi preservada, porém, para pesquisas e trabalhos científicos poderá ser revelada.



Importante dizer que de 1982 a 2000 não havia registros da existência desta capa, nem mesmo, havia exposição em nenhum templo religioso.

EXU DO VENTO OU EXU DO TEMPO

Os nossos estudos nos levaram a registrar outro assentamento que vem tomando destaque em algumas famílias do Batuque: O Exu do Vento ou Exu do Tempo.

Conforme algumas famílias se referem, não ficando claro se este Exu é uma entidade, um orixá ou um Egun.

Bàbá Silvio de Xapanã, esposo do *bàbá* Aguinaldo de Xapanã, e ambos não possuíam o Exu do Vento, nem o Exu do Tempo.

Bàbá Leoni de *Ògún*, informa que não tem nem Exu do Tempo, nem Exu do Vento, e afirma que nunca ouviu falar deles na Nação Cabinda (Kambina, como os antigos falavam). (informação coletada através do WhatsApp, em 28/08/2024 às 09h36min)

Luciano Zulu, filho de mãe Nara de *Bara*, informa que no templo que foi iniciado⁵⁷, nunca ouviu falar sobre o Exu do Tempo ou Exu do Vento, e que pai Romário não cultuava Exu, porém, respeitava muito, completando que mãe Nara, segue a mesma linha do pai Romário, possuindo Exu, apenas para amparar aqueles filhos que chegam na casa com Quimbanda. (informação coletada através do WhatsApp, em 28/08/2024 às 12h18min)

Ao perguntar ao tamboreiro pai Jorge do *Ògún*, sobre o Exu do vento, ele informa que:

Tamboreiro pai Jorge do *Ògún*, 3:44 min

[...] não ouvi falar, nem vi, exu do vento não [...] vejo o exu do vento hoje, antigamente não [...] eu vejo comentar eu não vi nem este exu do vento chegar na terra em alguém [...]

E quando perguntamos sobre o Exu do vento, ele informa que:

Tamboreiro pai Jorge do *Ògún*, 4:16 min

[...] Só se vier de um tempo para cá, de uns quinze anos para cá [...]

⁵⁷ Primeiro de Maio, fundado por pai Romario, e atualmente está sobre a coorituaisrdenação da mãe Nara de Bara.

Pai Cristiano de *Yemoja*, residente na Argentina, informa que na família dele não cultuam o Exu do Tempo ou Exu do Vento. (informação pessoal)

No entanto, existem registros de famílias que cultuam o Exu do Tempo, ou, o Exu do Vento.

Pai Cristiano cita pai Alinenito, filho de Maria Elena Oya Kolade, de neto de pai Cleon de *Òòsàálá*, que possui este assentamento, e inclui que ele é afiliado da mãe Mary da *Òsún*. (informação coletada através do WhatsApp, em 28/08/2024 às 11h15min) vemos a forma do assentamento desta família:



Apesar de encontrarmos algumas casas cultuando estes Exu, não ficava claro a origem dele e muitos equívocos se criaram, pois alguns consideravam um *nKissi*, outros um Exu, há que até chamava de catiços, entretanto, como não era comum entre todas as famílias, não havia elementos para pesquisas que fossem necessários.

OS YORÙBÁ

A origem da Nação *Yorùbá* está envolvida em mistérios e segredos, como a maioria das culturas ágrafas. Não trataremos neste trabalho sobre a pré-civilização de *Ifè*.

Na realidade, uma etnia chamada *Yorùbá* só veio a existir historicamente a partir do século 17 e 18, com a criação do Dicionário de Samuel Crowther. Sobre o uso da palavra *Yorùbá*, Juana (Os *Nàgô* e a Morte, 1976, p. 29, nt. 7) esclarece a seguir que:

[...] "O termo *Yorùbá* é de uso relativamente recente, no Brasil, sendo os eruditos que os descobriram nos textos estrangeiros e o fizeram conhecido". "Não é utilizado pela população" [...] parece que mesmo na África Ocidental o termo *Yorùbá*, em sua conotação coletiva, não é muito antigo. N. A. Fadipe (1970: 30) concluiu que "a etiqueta *Yorùbá*, designando um grupo étnico, não deve ter estado há muito tempo em voga antes de 1856".

"Até hoje, as pessoas têm tendência a distinguir seus próprios grupos locais daqueles que eles chamam coletivamente de *Yorùbá*". [...] parece que, em sua origem, o nome *Yorùbá* era aplicado unicamente aos *Yorùbá* de *Ọ̀yọ́*, que ainda são chamados,

hoje em dia, de *Yorùbá* propriamente ditos. Para uma discussão mais completa desta questão ver *Claperton* (1829), Rev. *Koelle* (1963: 5), Dos Santos (1967: 14 e nota 38), *Fadipe* (1970, cap. 2)".

Os *Yorùbá* têm em *Obàtálá* seu principal e maior *Òrìṣà*. Foi encarregado da criação do mundo por *Olódùmare* (Marins, 2021). É cultuado no Batuque como *Òòṣàálá* (Oxalá). Sugerimos também como leitura complementar o texto de Barcelos & Marins, “Antes de Oduduwa”, Revista *Olorun* n. 55, 2017.

Verger informa ser ele a primeira divindade criada por *Olórun*:

[...] *Òrìṣà-Nlá* ou *Qbàtálá*, “O Grande *Òrìṣà*” ou “O Rei do Pano Branco” ocupa uma posição única e incontestável como o mais importante orixá e o mais elevado dos deuses iorubas. Foi o primeiro ser criado por *Olódùmarè*, o Deus Supremo. É também chamado *Òrìṣà*, ou *Qbá-Igbò* ou *Òrìṣà-Igbò*.

A coroa de *Òrìṣànlá-Qbá-Igbò* teria sido conservada até hoje no palácio de *Óóni*, Rei de *Ifè*. Esta coroa, chamada *aré*, é elemento essencial na cerimônia de entronização de um novo *Óóni*. Este, antes da sua coroação, deve dirigir ao templo de *Òrìṣànlá*.

Os sacerdotes de *Òrìṣànlá* desempenham um papel importante nessas ocasiões [pois] participam de certos ritos durante os quais eles próprios colocam a coroa na cabeça do novo soberano de *Ifè*. Além disso, *Óóni* deve enviar todos os anos seu representante a *Ideta-Okò*, onde residiu *Òrìṣànlá*. O representante deve levar oferendas, recebendo as instruções e as bênçãos de *Òrìṣànlá*. [...] (Verger, apud Marins, 2021, p. 14).

Este texto mostra a importância de *Obàtálá* na cultura *Yorùbá*. Da mesma forma e com o mesmo poder, ele é cultuado em quase todas as nações afro-brasileiras, incluindo a Kambina.

Cabe lembrar que, entretanto, que *Obàtálá* não é cultuado nas nações banto, pois estas nações cultuam o *nKisse Lemba*⁵⁸, que apesar de carregar o branco, a origem desta divindade é totalmente diferente de *Obàtálá*. Só isto já é o primeiro indício que a nação Kambina é uma raiz nagô, e não banto.

Importante falar também sobre *Odùduwà*, o Patriarca *Yorùbá*, escreve Johnson (1973, p. 03-14):

[...] O príncipe herdeiro *Odùduwà*, recaíra em idolatria durante o reinado do seu pai, e como ele possuía grande influência, muitos foram influenciados depois dele. Seu propósito era transformar a religião do Estado no paganismo, e, portanto, ele converteu a grande mesquita da cidade em um templo de ídolos, e isso *Asara*, o seu sacerdote, que o servia, era um produtor de imagens, repleto de ídolos.

⁵⁸ *Lembá/Nlemba/Nlemba dia Nganga* - Divindade da ancestralidade, da procriação, da clareza, inteligência humana e patrono dos casamentos. É cultuado tanto entre os *Tchokwe*, Cabindas, Maiacas, entre outros, variando a sua sexualidade, mas atuando nos mesmos campos. (Erick Munhoz)

Com a morte do rei *Lamurudu*, todos os seus filhos com aqueles que simpatizavam com eles foram expulsos da cidade. Dos Príncipes que se tornaram Reis de *Gogobiri* e do *Kukawa* foram para o oeste e *Odùduwà*, para o leste. Este último viajou 90 dias a partir de Meca, e depois viajar muito, finalmente estabeleceu-se em *Ilê-Ifê* onde se reuniu com *Agbò-niregun* (ou *Setilu*⁵⁹) o fundador da adoração à *Ifá*.

Odùduwà, e seus filhos haviam escapado com dois ídolos para *Ilê-Ifê*. *Sahibu* foi enviado com um exército para destruir ou reduzi-los, e subjugando-os foi derrotado, e entre o espólio garantido pelos vencedores havia uma cópia do Alcorão. Este foi depois preservado em um templo e não foi apenas venerado por sucessivas gerações como uma relíquia sagrada, mas é ainda adorado até hoje sob o nome de *Idi*, significando possuir algo preso.

Odùduwà, e seus filhos criaram um ódio mortal dos muçulmanos do seu país, e estavam determinados a vingar-se deles, mas ele morreu em *Ilê-Ifê* antes que ele fosse poderoso o suficiente para marchar e contra-atacá-los. ***Okàmbi*, seu filho mais velho**, comumente chamado *Idekoseeroake*, também morreu lá, deixando atrás de si sete príncipes e princesas que mais tarde se tornaram famosos.

A partir deles surgiram as diversas tribos da nação *Yorùbá* Seu primogênito era uma princesa que era casada com um sacerdote, e se tornou a mãe do famoso *Olowu*, o ancestral do *Owus*. A segunda filha foi também uma princesa que se tornou a mãe do *Alaketo*, o progenitor do povo *Ketu*. O terceiro, um príncipe,

⁵⁹ *Setilu* - foi um grande sacerdote da época *Odùduwà* quem iniciou e ensinou os segredos dos *odù*, iniciando grandes sacerdotes na cultura de *Ifá*, dando a origem ao cargo de *Bàbáláwo* (pai, senhor dos mistérios). (Blog *Ilê Axé Nagô Kóbi*)

tornou-se rei do povo de *Benin*. A quarta, a *Orangun*, se tornou rei de *Ila*, o quinto, o *Onisabe*, ou o rei do Sabes, o sexto, *Olupòpo*, ou rei dos *Popos*, o sétimo nascido e último, *Oranyan*, que era o progenitor dos *Yorùbá* propriamente dito, como são mais conhecidos os *Ọ̀yú*. [...]

Como vimos, *Okànbì* é historicamente citado, ainda que sem mensuração, como o filho primogênito de *Odùduwà*, sendo que a palavra *Yorùbá* para primogênito é, *àkóbí*, um adjetivo que significa “primeiro filho”. Foi dito acima, que *Oranyan* era o neto caçula de *Odùduwà*, e que houve grande destaque de sua pessoa, tornando-se o mais rico e de renome de todos os outros. *Oranyan* herdaria terras, segundo a tradição oral, daí o ditado "*Alâfin I'oni ilè*" (o *Alâfin* é o senhor da terra).

Como isso aconteceu, é assim narrado por Jonhson (1973. p. 41-46):

[...] com a morte do Rei, seu avô, sua propriedade foi desigualmente dividida entre seus filhos. O Rei de Benin herdou seu dinheiro (que consistia em búzios), o *Orangun* de *Ila* suas esposas, o Rei do *Sabe* seu gado, o *Olupòpo* as contas do *Olowu* e as vestes, e o *Alaketu* as coroas, e nada foi deixado para *Oranyan*, apenas a terra.

Alguns afirmam que ele estava ausente em uma expedição de guerra quando a partilha foi feita, e assim ele foi excluído de todos os bens móveis. *Oranyan* foi, no entanto, satisfeito com a sua parte, que ele procedeu imediatamente a tomar melhor conta com a habilidade máxima.

Ele segurou seus irmãos como inquilinos que viviam na terra que era sua, das rendas que recebeu dinheiro, mulheres, gado, pérolas, vestidos, e coroas, que eram as partes dos seus irmãos, como todos estes eram mais ou menos dependentes do solo, e foi decorrente a sustentá-lo.

E ele foi o escolhido para suceder o pai como Rei, em linha direta de sucessão. Para seus irmãos foram atribuídos a várias províncias sobre as quais eles governavam mais ou menos independente, desta forma *Oranyan* se viu sendo entronado [...].

O CULTO DO ÒRÌSÀ SE MANTÉM VIVO EM ÒYÓ, NIGÉRIA.

Por volta dos anos 90, alguns batuqueiros pensavam que o culto ao òrìsà em terras *Yorùbá* estava extinto, que somente o que praticavam na diáspora preservava o legado que os antepassados religiosos ensinaram.

Entretanto nesta comunicação o site *Alaafin-Oyo.org* (2017), publica um comunicado importantíssimo:

"DIA DO ÒRÌSÀ NO ESTADO DE ÒYÓ, NIGÉRIA".

Alayeluwa Oba (Dr.) Olayiwola Adeyemi III, O *Aláààfìn Òyó*, reuniu os Governantes Tradicionais no Estado de *Òyó* para apoiar a Sagrada Religião Yoruba Antiga de *Òrìsà*.

“O Alaafin de *Òyó* juntou-se a Olubadan, Ona Onibode de Igboho, Oni Ilua de Ilua, Eleruwa, Aseyin de Iseyin, Aare of Ago Are, Asawo de Ayete, Olu de Igbo-Ora, Onisemi de Iseme-Ile, Akibio de Ilora, Ibakisi Oloje de Oje-Owode, Onigbope de Ibope,

Sepeteri, Saki, Ogbomoso, entre outros, para comemorar este dia em cada cidade.

Na quinta-feira, nove de fevereiro de 2017, os membros honoráveis da Casa de Assembleia do Estado de *Ọ̀yó* levantaram uma moção e resolução da Câmara para solicitar ao corpo executivo do governo que reservasse um dia de feriado para os adeptos da Religião dos *Ọ̀rìṣà*.

Com o reconhecimento concedido às duas religiões existentes pelo governo do Estado de *Ọ̀yó*, ou seja, o cristianismo e o islamismo são pertinentes observar que o reconhecimento dado ao cristianismo e ao islamismo é fisicamente pronunciado com a declaração de um determinado dia ou data para a observância de um dia festival para os adeptos dessas duas religiões, que por turnos são observados por todos como um feriado público e a lei aprovada é perante o Governador Executivo do Estado de *Ọ̀yó*, para aprovação final."

Citando o *Alàààfin* de *Ọ̀yó*:

"A civilização iorubá", ao contrário de outros, tem seu sistema de conhecimento e uma religião hoje amplamente aceita e praticada em outras partes do mundo, especialmente na diáspora africana, apesar do fato de que, ao contrário de outras religiões, não proselitismo.

Há muito tempo descobri que o Patrimônio Cultural Yoruba e o sistema de valores são ferramentas fortes em nossos esforços para promover e utilizar a diplomacia cultural para o desenvolvimento em África.

A Nigéria deve beneficiar-se da boa vontade e dos interesses de uma população em expansão de praticantes da religião iorubas que hoje estão rejeitando outras religiões e estão em extrema necessidade de uma religião com a qual possam se conectar na busca de identidade e desenvolvimento espiritual."

Em contradição ao que afirmavam alguns adeptos do Batuque que "o culto do orixá está vivo", em *Òyó*, Nigéria. Conforme vimos alguns exemplos do trabalho do *Àṣà Òrìṣà Aláàfìn Òyó*, *Preserve The Yorùbá Culture and Religion*, fundado em 2014.

Conforme observamos o *DIA DO ÒRÌṢÀ NO ESTADO DE ÒYÓ, NIGÉRIA* é o reflexo do trabalho da Dra. Paula Gomes Aduke, Ministra da cultura do Palácio do *Aláàfìn*, iniciada em *Òsùn* e *Egbe orun*, vive na Nigéria há 35 anos.

Dra. Paula, possui um papel admirabilíssimo, resgatando e reconstruindo templos, pesquisando, mantendo viva a tradição e a cultura.

CAPÍTULO 8

A ENTRONIZAÇÃO DO *ALÁÀFIN*



IKU BABA YEYE
Oba Lamidi Olayiwola
Adeyemi III

Sua Majestade o *Aláààfin* de
Òyó

Coleção do Palácio Real no
Palácio Real de *Òyó*, Nigéria.

Tela SM. O *Aláààfin* de *Òyó*,
maio de 1978

Artista: John Howard Sanden

Imagem gentilmente fornecida
por Dra. Paula Gomes

Paula Gomes Cultural
Foundation

Devido à riqueza de detalhes, optamos por fazer a seguir uma longa transcrição de Jonhson (1973, p. 41-46), sobre o *Aláààfin* e o ritual de Entronização:

O Aláààfin de Òyó

[...] O *Aláààfin* é o líder supremo de todos os reis e príncipes da nação *Yorùbá*, pois ele é o descendente de linhagem direto, e sucessor do fundador da renomada nação. A sucessão referida acima é feita por eleições entre os membros da família real, por um lado é considerado como o mais digno, sendo levado em consideração ser o mais próximo ao trono. Pode ser mencionado também através dos sentimentos e aceitação dos habitantes do harém para o rei eleito, que são muitas vezes apurados em segredo.

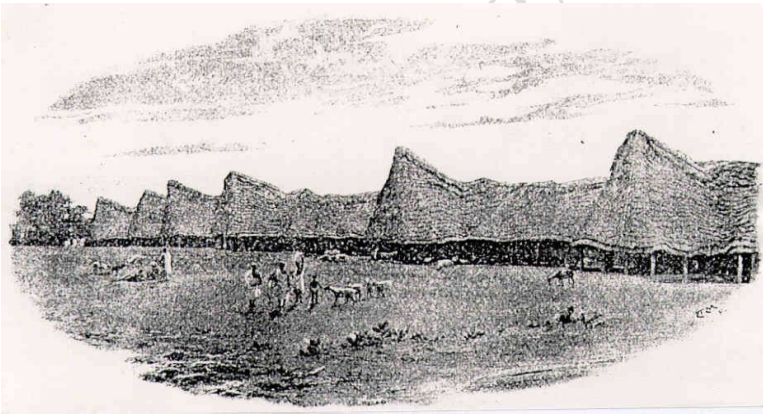


Imagem do palácio do *Aláààfin* em 1900,
Fonte – Dra. Paula Gomes - Idem

Nos primeiros dias, o filho mais velho, naturalmente, sucede ao pai, e, a fim de ser orientada em todas as tarefas da realeza que deverá um dia lhe incumbir, ela foi frequentemente associada, mais ou menos com as realizações de deveres extraordinários do seu pai, e, então, muitas vezes aprimorando as suas funções, assim, gradualmente, ele praticamente reinará como o seu pai sob

o título de *Aremô* (o apropriado herdeiro) tendo sua própria residência oficial perto do Palácio; no entanto como ele poderia se tornar um corrupto, sendo que o *Aremô* muitas vezes exercia influência tão grande como ou mais do que o próprio rei, especialmente no decorrer de um longo reinado, chegando à velhice influenciar na saúde do monarca.

Eles tinham iguais poderes de vida ou morte sobre os súditos do rei, e há alguns casos registrados do *Aremô* sendo fortemente suspeito de assassinato do próprio pai, para assumir o trono de uma vez.

Foi, portanto, feita uma lei na Constituição que, como o *Aremô* reinava ao lado do seu pai ele deveria também morrer com o rei. Essa lei surtiu efeito, ao menos para amenizar as possibilidades de homicídios, que vigorou até o século passado, quando (em 1858) foi revogada pelo *Atiba* um dos reis que antecedeu a favor do seu *Aremô Adelu*. O *Aremô* poderá agora ter êxito se considerado digno, mas deve ser eleito da maneira tradicional, porém, se for rejeitado pelo regente deve sair da cidade, ou ir para reclusão numa residência privada nas províncias. Isto, entretanto, não é realmente obrigatório, mas como ele deve ser substituído no seu cargo, esse caminho é inevitável, a menos que ele escolha por vontade própria morrer com o pai.

A escolha pode, por vezes, recair sobre um dos primeiros príncipes mais pobres, em busca de tranquilidade para o seu reinado, sem qualquer vocação para o trono, tal escolha supressa é feita para inutilizar um possível candidato. Ele pode não estar ciente das intenções do *Mesi Ôyó* até que seja advertido por eles como para as funções e responsabilidades da alta posição, que ele em breve preencherá.

Os nomeadores são três membros titulares da família real, a *Qna-Isokùn*, a *Qna-Aka*, e o *Qmq-Qla*, tios ou primos do rei, mas, geralmente, intitulados "parentes do Rei". Estes têm de apresentar ou sugerir os nomes para os nobres para eleição, mas a voz do *Basorun* é primordial para aceitar ou rejeitar.

Cerimônias curiosas e elaboradas precedem adesão propriamente dita ao trono. Após todos os preparativos tenham sido efetuados, as cerimônias começam por um sacrifício interposto da casa da *Qna-Isokun* por um conjunto de homens chamados *Qmq-ni-nari*, estes pertencem a uma família de especial importância na realização de todos os deveres e serviços relacionados com as oferendas dos sacrifícios, e de esperar o Rei e os sacerdotes. Assim que entram na casa em que o rei será eleito, ele é chamado para fora, e ele tem que se levantar com um assistente ao seu lado. Ele é tocado no peito, e no ombro direito e esquerdo com a bacia do sacrifício, o auxiliar nesse meio tempo profere algumas palavras. Esse é o sinal que ele foi chamado ao trono.

Na noite do mesmo dia, ele é conduzido silenciosamente para a casa do *Qna-Isokùn* onde passará a primeira noite, a fim de evitar a multidão, e a atenção do público, que geralmente é desviado por uma procissão dos escravos do rei e outros com muito barulho e festa, como uma escolta, enquanto o rei eleito é acompanhado pelo *Aregbe'Idi*, um intitulado eunuco, e alguns dos *Qmq-ni-nari* chegam calmamente ao longo de um caminho.

Na casa da *Qna-Isokùn*, ele é recepcionado exclusivamente pelo *Qmqni-nari*. Ele é advertido e assessorado por aqueles que o receberão no lugar de seu pai, neste momento, algumas cerimônias de purificação já foram executadas, sacrifícios propiciatórios são novamente oferecidos, desta vez, são realizadas em vários lugares da cidade pela *Qmq-ni-nari*.

Na noite seguinte, ele passa na casa⁶⁰ do *Otun-Iwefa* (o próximo na Posição para o chefe dos eunucos). Este oficial é um sacerdote de *Sàngó*, é provável de que o rei eleito passe a noite com ele a fim de ser iniciado na arte sacerdotal do seu ofício, o *Alàààfin* terá o máximo de iniciações, assim como o secular trabalho a executar, sendo ao Rei e Sacerdote o mesmo para o seu povo, e, provavelmente, “aprenderá ali também usos e feitos da imensa população no recinto do interno do palácio com a qual os eunucos são bastante familiarizados”. Depois disso, ele é conduzido a uma das câmaras no pátio externo do palácio (*Qmo ile*) onde reside durante três meses, o período de luto, até a sua coroação.

A passagem principal ao palácio será fechada com o falecimento do Rei, uma nova abertura privada é feita para ele na parede externa através da qual ele entra e sai da sua residência temporária. Durante esse tempo ele permanece rigorosamente no aprendizado, secreto e praticando o estilo e comportamento de um Rei, e os detalhes dos deveres e funções importantes de seu reinado. Durante este período ele se vestirá de preto, e tem o direito de usar uma "touca de chef" chamado "*Orí-kò-Gbe-ofò*".

(A cabeça não pode ficar a descoberto). Os assuntos de Estado neste momento são conduzidos pelo *Başorun*.

⁶⁰ A tradição diz que nos primeiros dias, enquanto o rei eleito está na casa do *Otun'efa* é servido entre os pratos para que ele partilhe, um será preparado a partir do coração do falecido rei que foi extraído e secretamente. Após participar disso é dito, que ele "comeu o Rei". Daí a origem da palavra *Je Oba*, para se tornar um rei (ht. para comer um Rei). (Jonhson, 1973, p. 41-43).

A Coroação de um *Alàààfin*

A coroação acontece no final de três meses, geralmente na terceira aparição da lua nova após a morte do falecido Rei. A data é geralmente fixada de forma a tê-la se possível antes do próximo grande festival. É entendido como um grande festival público. É um dia de gala na qual toda a cidade aparece vestida com roupas de festa. Visitantes das províncias e representantes de Estados vizinhos, também se dirigem para a cidade em grande número. Este dia é geralmente conhecido como “A visita do rei à *Barà*”.⁶¹ É o primeiro ato, e a mais importante das cerimônias.

O *Barà*, ou mausoléu real é um edifício consagrado nos arredores da cidade, sob os cuidados de uma sacerdotisa de nome *Ìyámode*, onde os reis que foram coroados formalmente, e não sepultado. O Rei entra, apenas uma vez na sua vida, e que é na coroação com a pompa da cerimônia marcada.

A coroação real não acontecerá no *Barà* como parece que irá acontecer, mas no *Koso* santuário de *Sàngó*, porém a visita ao *Barà* é tão importante quanto indispensável, uma preliminar que se tornou mais estreitamente identificado com a coroação do que para os outros santuários visitados na ocasião.

Deixando a *Ipadi* - suas câmaras temporárias - são duas estações em que os Reis eleitos terão que parar antes de atingir o edifício sagrado, o primeiro é o *Abálá* ou área em frente ao palácio onde uma barraca de lindas roupas foi erguida para ele. Aqui ele tem que mudar sua roupa de luto por um manto principesco. Ele, então, procede à segunda estação em meio a *Alapini* sobre sua rota onde uma grande tenda e um gabinete foram erguidos para sua

⁶¹ Nota nossa. Não confundir com *Barà*, a divindade *Èsù*.

recepção. Aqui, ele é aguardado por uma grande multidão que o saúda com aplausos. Neste local ele recebe os cumprimentos e homenagem dos príncipes, os nobres, os chefes e o povo, e é aclamado como o rei. Algumas cerimônias que se passam também incluem distribuição de nozes de cola, etc..., para os príncipes e chefes.

Depois disso, ele prossegue para o *Barà* acompanhado por toda a multidão de pessoas que terão de ficar do lado de fora. Ele entra nos recintos sagrados com a presença do *Magaji lyajin* (seu irmão mais velho) as princesas, a *Ona-Onse-awo* (um funcionário), o *Otun-wefa* (ao lado do chefe dos eunucos), que é um sacerdote e o *Omo-ni-nari*, um conjunto de servos. Estes últimos são para o abate e a pele dos animais a serem oferecidos em sacrifício. "

No *Barà* ele faz preces diante dos túmulos de seus antepassados, um cavalo, uma vaca e um carneiro serão oferecidos para cada túmulo, porções são enviados fora a cada um dos nobres, príncipes e chefes que estão esperando lá fora, o *Basorun* recebe primeiro a melhor das partes. Ele invoca as bênçãos e proteção de seus antepassados mortos e é instituído confirmando para receber autoridade para usar a coroa. A visita ao *Barà* então, é, com a finalidade de receber autoridade ou a permissão dos seus antepassados falecidos para usar a coroa, pelo que é dito como coroação. Existe uma regra fixa que toda a carne é para ser totalmente consumida no *Barà*, sob nenhuma circunstância nenhuma deve ser levada para casa. Sobre isso, o Rei retornará, portanto, com grande pompa para os seus aposentos temporários, em meio ao disparo de *feu de joie*, sob o balir da trombeta *Kakaki*, tambores, etc.

No quinto dia após isso, ele passa a *Koso*, o santuário de *Sàngó*, para a coroação real. Aqui ele é recebido pela *Otun-wefa* que tem a seu cargo o santuário, o *Bale* (prefeito) de *Koso* uma vila suburbana, o *Omo-ni-naris*, e os *Isonas* [O *Isonas* são um corpo de homens cujo único emprego é fazer todas as agulhas e trabalho bordado para a realeza. Eles também são os confeccionadores de guarda-chuva. A coroa, pessoal, roupas, e todos ornamentais trabalhos manuais e funcionamento em algodão, seda ou couro são executados por eles]. Rodeado pelos principais eunucos e os príncipes a grande coroa é colocada em sua cabeça com muita cerimônia pela *lyàkere*, quem é *lyàkere*, para quem está reservada a mais importante função será visto abaixo.

As vestes reais são colocadas sobre ele, o *Ejigba* em volta do pescoço, o pessoal e a espada da misericórdia são colocados em suas mãos. [O *Ejigba* é um colar de contas caras descendo até os joelhos. Grânulos são usados para pedras preciosas. Isto representa celas, cadeias que dizem serem para os prisioneiros, por isso, eles usam várias contas.].

"No quinto dia após isso, ele passa para o santuário de Oranyan, aqui a grande espada ou "Espada da Justiça" são trazidas de Ilè Ife sendo colocada em suas mãos, sem o qual ele não pode nenhuma autoridade para uma ordem de execução".

Depois de outro intervalo de cinco dias, ele passa ao santuário de *Ògún*, o deus da guerra, então oferece um sacrifício propiciatório de um reinado pacífico. As ofertas consistem em uma vaca, um carneiro, e um cão, este último sendo indispensável em qualquer sacrifício ao deus da guerra.

Do santuário de *Ògún*, a procissão vai direto para o palácio, entrando agora pela primeira vez o portão principal é aberto para ele, abrindo passagem através da parede exterior, enquanto às temporárias câmaras vão sendo rapidamente emparedado. Assim, ele entra no palácio apropriado como o rei.

Mas uma nova abertura é feita por ele na *Aganju Kqbi*, através dela que ele entra no recinto interior do palácio. Esta entrada é para o seu uso exclusivo dentro e fora do *Kobi* durante o seu reinado: em sua morte é fechada. Nesta entrada tem que oferecer em sacrifício um caracol, uma tartaruga, um tatu, um rato de campo (*emó*) um rato grande (*okete*) um sapo, um girino, um pombo, uma galinha, um carneiro, uma vaca, um cavalo, **um homem e uma mulher, os dois últimos sendo enterrados no limiar da abertura**; no sangue das vítimas cai sobre o túmulo dos dois últimos, ele tem que caminhar para o átrio interior. (o grifo é nosso).

Sacrifícios humanos (agora totalmente abolidos), porém, não foram práticas comuns entre os *Òyó*, mas tais imolações sempre foram realizadas na coroação e no enterro do soberano. Por esses sacrifícios que ele não é apenas coroado Rei, com poder sobre todos, homens e animais, mas ele também é consagrado sacerdote para a nação. Sua pessoa, portanto, se torna sagrada. Após tudo isso ser realizado, agora é anunciado formalmente ao público em geral, que o rei "A" está morto (ou melhor, ele entrou na abóbada do céu- *O wo Àja*) e o Rei "B" agora reina em seu lugar.

Durante o intervalo da doença do falecido Rei, até o momento da sua morte, o negócio de Estado é exercido normalmente pelo palácio, o *Osi-wéfa* personificando o Rei, mesmo ao ponto de colocando em seu manto e coroa, e sentado no trono quando tal for necessário, mas, logo que se saiba que ele está morto o

Baṣorun assume a autoridade de chefe, ao menos uma vez, e nada pode ser feito sem ele.

Após o Rei ter sido coroado, ele passa a estar proibido de aparecer em vias públicas por vários dias, exceto nas muito especiais e extraordinárias ocasiões, ele é, no entanto, permitido passeios à noite de lua cheia, quando ele pode andar incógnito. Este isolamento não só aumenta a admiração e majestade devido a um soberano, mas também empresta poder e autoridade aos seus comandos, e é melhor o guarda seguro para a ordem pública em seu presente estágio de civilização. Além disso, seria muito inconveniente aos cidadãos que o rei esteja sempre saindo, pois de acordo o costume universal do país, sempre que um chefe está fora, todos os seus subordinados devem sair com ele. São invioláveis as leis e costumes do país, e é aplicável a todos, seja qual for sua posição: assim, se o *Baṣorun* está fora, todos os *Mesi Q̄yó* deve sair fora também. Se o *Bale* de qualquer cidade está fora, todos os chefes da cidade devem estar fora também, e se o Rei estiver fora, toda a cidade deve estar agitada e em movimento, todos os negócios suspensos, até que ele retorna para o palácio. [...]

Samuel Johnson (1921), informa que era costume entre as tribos *Yorùbá* o sacrifício humano, em destaque, os *Ife*, que se excediam neste ritual, mesmo antes do reinado de *Sàngó*, sendo muito comum naqueles dias, e para ter à mão, comprarem escravos num distrito de *Ibokun*, porque possuíam o feitio mirrado e pequeno, considerados ideais para o sacrifício. Isto teria dado origem ao termo *Ijesa* (*Ije* + *Òrìṣà*, o alimento para os Deuses).

Estes sacrifícios humanos tinham a finalidade de pedir proteção aos antepassados e, ao mesmo tempo, garantir que *Eégún*⁶² estaria protegendo o novo e eleito *Alàààfin*. O sacrifício humano foi extinto em meados do século XIX.

São estas fortes ligações do *Alàààfin* com os Ancestrais (*Eégún*), que determinam a segurança do seu reinado. Em nosso caso, é o ancestral Waldemar Antônio dos Santos, fundador do culto da Kambina no R.S. que nos liga a sua divindade *Sàngó*.

Esta será a base para o nosso estudo comparativo dos rituais de iniciação da raiz religiosa Kambina, no Batuque do Rio Grande do Sul, e a iniciação e entronização do *Alàààfin*, que passa pelos rituais dos ancestrais, antes da coroação.



A parede da entrada do lado direito do palácio, este é local chamado *Kôbì*, por onde o *Alàààfin* passou na sua entronização.

Fonte – Dra. Paula Gomes - Idem

⁶² *Eégún* – Espírito do ancestral. (Beniste)



O lado direito do Palácio.

Fonte – Dra. Paula Gomes - Idem



Foto detalhada do *Kôbî*.

Fonte – Dra. Paula Gomes - Idem



A entrada principal do palácio, perto do portão principal, esta é a passagem para a arena do pátio.
Fonte – Dra. Paula Gomes - Idem



A entrada lateral do palácio, perto das passagens do *Kòbì*
Fonte – Dra. Paula Gomes - Idem



Entrada principal do atual palácio do *Aláàfin*. Fonte – Dra. Paula Gomes - Idem

“NAGÔ KÓBI”: UMA HOMENAGEM À KAMBINA

Sobre a “casinha de *Kamuka*”, como é carinhosamente chamado no Batuque, o *bàbálòrìsà* Raul Dornelles, relata que herdou⁶³ o assentamento do *bàbálòrìsà* Henrique da Òsún informou-nos que:

⁶³ Um sacerdote que possua casa aberta, pode herdar apenas os assentamentos ou fundamentos de seu *Bàbá*, ou *lyá*, para preservar o *àse*.

"... sua finada avó Palmira da *Òsùn* preparou o assentamento do *Kamuka* para o *Bàbálòrìsà* Henrique da *Òsùn*, uma pequena casa situada na frente do templo, que fica ao lado do *Bara Lode*, destinada apenas para esta divindade [...] na época poucos tinham o *Kamuka* sento, pois, a maioria possuía apenas a segurança do *Kamuka* no centro do salão onde cultuavam *Òrìsà*, pois era costume dos sacerdotes (isas) daquela época montar assentamentos e seguranças diferentes para os filhos com o propósito de evitar que um derrubasse o outro em feitiços quando houvesse desavenças."

Luciano Zullú confirma ter visto o *Kamuka* do pai Henrique. Vejamos:

"Erick tenho 49 anos eu vi isso creio que eu tinha 16 para 17 fui com minha tinha Isaura de Xango, conversavam sobre *Kamuka* ele disse "vou mostrar uma coisa pra ti" se referindo a ela, lógico fui junto sinceramente não vou lembrar lá se vão mais de 30 anos. Mas era na rua sim, pois ele disse "Isaura este é o assentamento do Xango"."

Você

Se importa em descrever já que n existe mais

Erick tenho 49 anos eu vi isso creio que eu tinha 16 para 17 fui com minha tinha Isaura do Xango, conversavam sobre *Kamuka* ele disse vou mostrar uma coisa pra ti se referindo a ela, lógico fui junto sinceramente não vou lembrar lá se vão mais de 30 anos. Mas era na rua sim, pois em disse Isaura esse é o assentamento do Xango.

Editada 17:40

Devido ao *Alàààfin* descender diretamente de *Okanbi*, é perfeitamente justo atribuímos-lhe o *oriki* (nome de louvor) *Àkòbì Odùduwà*, conforme demonstramos. Mas este dado não é o mais importante para justificar a aplicação do título Nagô Kóbi, à raiz Kambina.

O fato de a Kambina possuir uma construção nos templos que cultuam esta divindade, localizada no pátio dos templos, ao lado do *Bara Lode*, vai de encontro, com a África, onde a arquitetura do Palácio do *Alàààfin*, que possui um quarto exterior, uma extensão da construção principal, chamado *kòbì*. Para relembrar, citaremos novamente, *Johnson*:

[...] uma nova abertura é feita por ele na *Aganju Kòbi*, através dela que ele entra no recinto interior do palácio. Esta entrada é para o seu uso exclusivo dentro e fora do *Kòbi* durante o seu reinado: em sua morte é fechada.

Nesta entrada tem que oferecer em sacrifício um caracol, uma tartaruga, um tatu, um rato de campo (*emó*) um rato grande (*okete*) um sapo, um girino, um pombo, uma galinha, um carneiro, uma vaca, um cavalo, um homem e uma mulher, os dois últimos sendo enterrado no limiar da abertura; no sangue das vítimas e sobre o túmulo dos dois últimos, ele tem que caminhar para o átrio interior [...].

Assim, Nagô Kóbi não é uma nova raiz dentro do Batuque. Trata-se de um título em homenagem à raiz religiosa Kambina evidenciando a sobrevivência da construção estendida que existe no palácio do *Alàààfin*, o *kòbì*, simbolizada na construção da “casinha de *Kamuka*”, sendo muito comum

encontrar nas casas do culto vinculado à Kambina, que destina ao rei da Kambina, *Sàngó Kamuka*, uma construção também estendida ao quarto-de-santo do Batuque do Rio Grande do Sul.

Para melhor evidenciar e justificar, transcrevemos o verbete *kòbì* do dicionário Abraham, R.C. *Dictionary of the Modern Yorùbá*, 1962, p. 45:

Kòbì – (1) [a]. Uma extensão construída fora do palácio, para servir como quarto. [b] v. *Ààfin* 4 L. (2) ~ *agonjú*. [a] trono-quarto onde o *Aláààfin* aparece. [b] v. *Ààfin* 4 h. [c] o terceiro ou quarto *kòbì*, é para os músicos.

No mesmo dicionário, à página 18:

Ààfin 4 h - [...] Ele agora é um rei. Uma nova abertura é feita no *kòbì-agonjú* para ele entrar no recinto. Animais, um homem e uma mulher, foram sacrificados ali e enterrados na abertura. Sacrifício humano também será feito durante o enterro do *Aláààfin*.

Ààfin 4 L – Funeral do *Aláààfin* - [...] existem tantos *kòbì* dentro do *Bàrà*, tantos quantos forem os reis enterrados ali. [...]

Chamamos a atenção que, a palavra *Bàrà*, acima, não tem nenhuma relação com *Òrìṣà Èṣù* ou *Bará*. Idem, idem:

Ààfin quatro D - A coroação acontece três meses após a morte do último rei. Este dia é chamado “o dia da visita ao *Bàrà*”. O *Bàrà* é um mausoléu real, e está sob a custódia da sacerdotisa *Ìyámondè*.

No ritual da Kambina, quando um sacerdote de uma casa falece, após 32 dias, joga-se para ver qual procedimento deverá ser tomado em relação à casa-de-santo e aos iniciados por ele. Somente após três meses é que deverá ser feito qualquer ritual para retirada da mão do antigo sacerdote.

Conforme demonstrado, é clara a evidência de que a raiz Kambina tenha sua origem no *Alafinato Yorùbá*, ao invés de ser, uma sobrevivência *Banto*, como se acredita. Assim, em homenagem a esta raiz, nós a reverenciamos como Nagô Kóbi, por ter, conforme observamos seus rituais, diretamente ligados primordialmente ao *Alafinato*, através do *òriṣà Kamuka*.

BUSCANDO A KAMBINA NA GEOGRAFIA YORÙBÁ

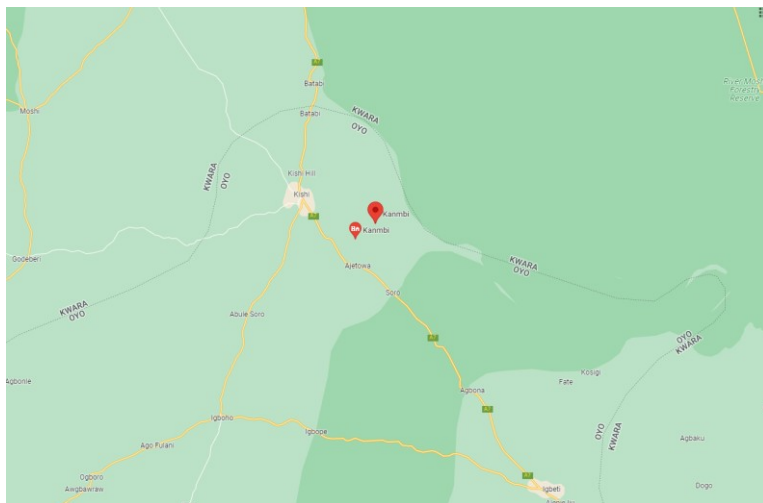
Apresentamos *Kanmbi* está próximo do antigo Parque Nacional de *Òyó*, que também fica próximo do Parque Nacional *Kamuka*.

A Kambina Nagô e o Kamuka na Nigéria

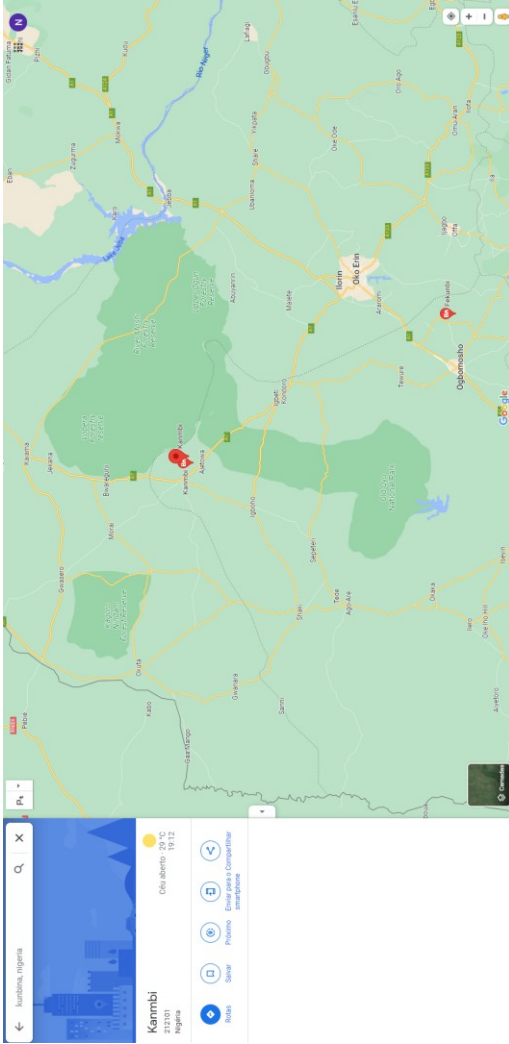
Kanmbi, Nigéria

Código postal 212101.

Coordenadas 9.055854, 3.933932

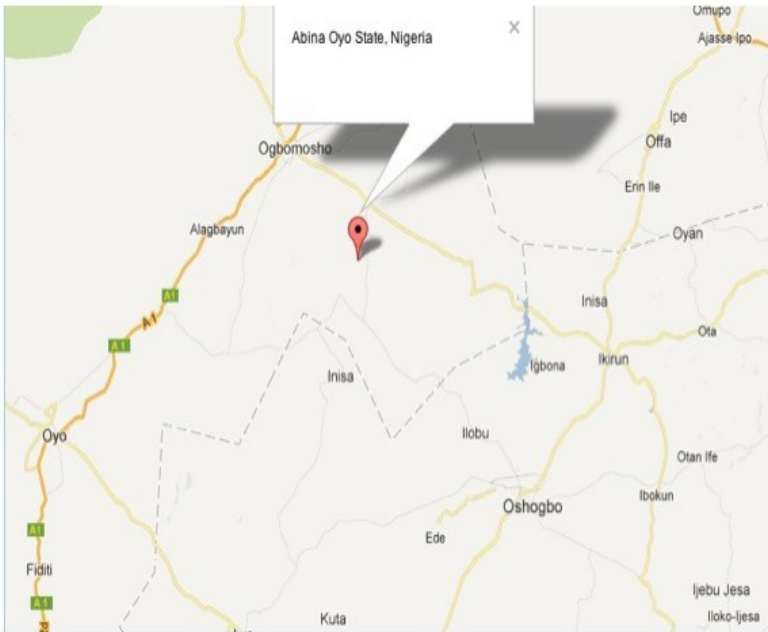


A Kambina Nagô e o Kamuka na Nigéria



A CIDADE *YORÙBÁ ÀBÍNA*.

Desejamos apresentar uma cidade *Yorùbá Àbina* e um mapa do palácio de *Òyó*. A cidade Abina está localizada em *Òyó*, na Nigéria e suas coordenadas geográficas são latitudes: 8,0167°N e longitude: 4,3333°E. A moeda local de Abina é Naira (NGN).



A Kambina Nagô e o *Kamuka* na Nigéria



Higher level places	Name variants	Place type	Place time period	Standard text	Culture Iso code	Geo code	Identification number
What You Searched For Abina Oyo Nigeria World	abina	Type: Populated Code PPL FC: P		Abina	Africa	NC-OY 4.33333333333333	8.0166667 N 7.727292 E
Other places found in Abina: 0							

IAA

Não é possível afirmar que este ou aquele é o caminho certo e único. Existe ainda a possibilidade de o nome Kambina ser a aglutinação das palavras *Káà+Ábina* = *Káàabina*. São apenas sugestões, porém, diante de tantas informações que nos levam ao *Alafinato*, esta possibilidade mostra-se um caminho.

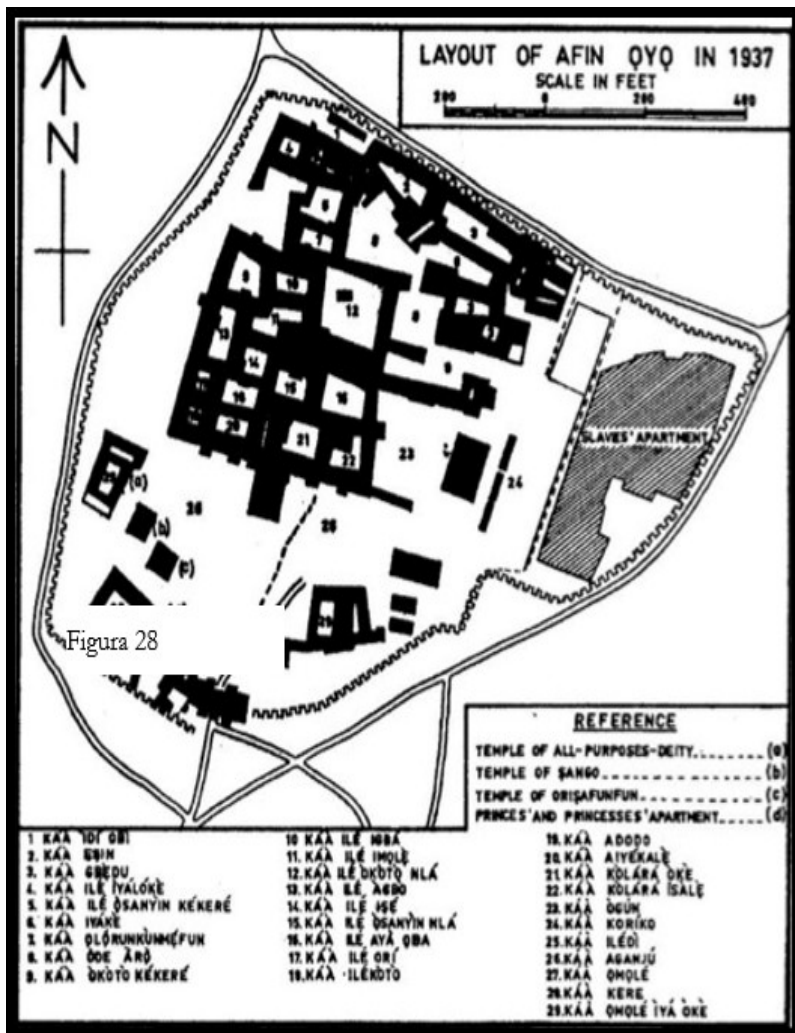
Esta palavra levantou outra possibilidade, pois a sua pronúncia pelos nativos gerou uma dualidade na palavra, como “Cambain” que facilmente seria confundida com Cambin, semelhante ao que ocorreu com a duplicidade do segmento religiosa do Batuque a Kambina e Kambini.

Entretanto, informações recentes nos levam a mais uma possibilidade. As palavras de “*Kam Bain*” e “*Ibini*” chamaram a atenção, pois a sua localização próxima a *Kontagora*, região do povo *Kamuka*, abre novas possibilidades, principalmente a palavra “*Kam Bain*”. Procuramos a Dra. Paula Gomes em busca de alguma informação sobre a palavra “***Kam Bain***”, que disse ser desconhecida em Òyó.

Ojo (1966, p. 48) registra uma das possibilidades de origem do nome Kambina, quando usa a palavra *káà* repetidas vezes para os diversos assentamentos religiosos:

[...] O portão principal do palácio dá acesso ao mais largo dos pátios conhecido como *Aganjú*. Usado principalmente para assembleias com todo o povo da cidade, o *Aganjú* espalha-se aproximadamente sobre 3.5 acres. Nele há os templos de três *Òrìsà*: *Sàngó*, *Òrìsàfunfun* e a divindade para todas as coisas [...].

(Ojo, p. 48)



PARQUE NACIONAL *KAMUKU*

Um dado geográfico que vai ao encontro ao propósito deste texto, é o Parque Nacional *Kamuka* (também chamado de *Kamuku*) ao norte de *Old Òyó*, como podemos ver nas imagens a seguir.

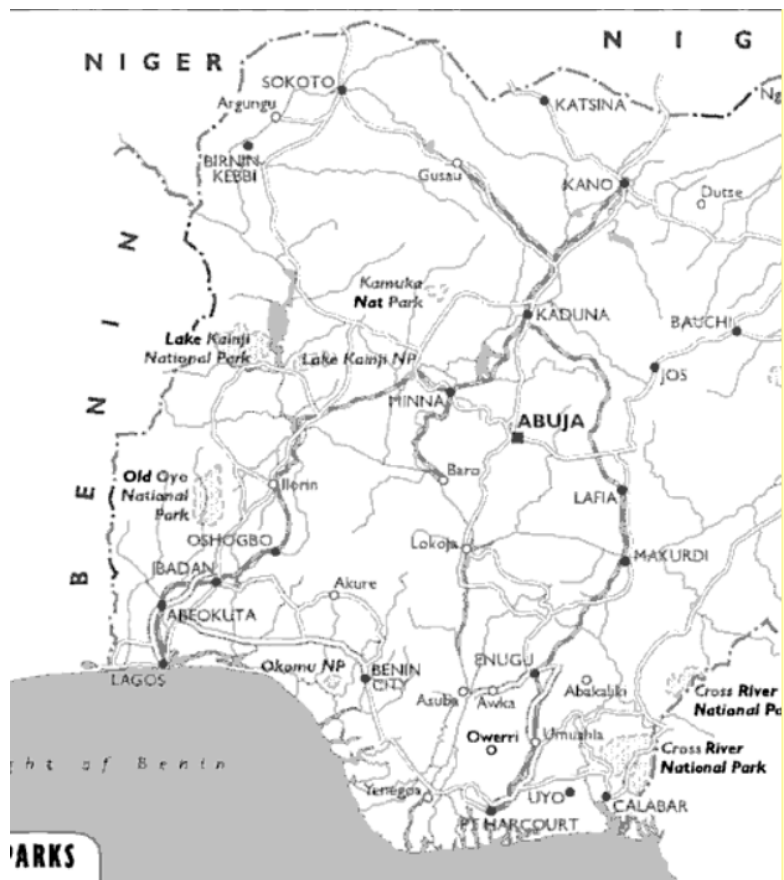
Alguns alegam que o parque *Kamuku* está fora da área geográfica dos *Yorùbá*.

Refutamos, pois não tem em mãos um mapa antigo, pois tomar por base mapas contemporâneos certamente não refletem uma situação histórica de trezentos anos passados.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



Williams (1998, p. 292) assim o descreve:



[...] Parque Nacional Kamuka, 125 km a oeste de Kaduna, próximo da cidade Birnin Gwari. O portão do parque é 23 km ao sul saindo da rodovia Lagos-Kaduna, próximo de Dagara. Kamuka cobre uma área de 1.121m² de bosque e pântanos, e foi noticiada como um parque nacional em 1999, a partir de uma área florestal, recebendo o nome de um grupo étnico local. [...]



Yakan (1999, p. 396) informa que:

[...] Os *Kamuku* são povos do Oeste Africano. "Eles estão concentrados, na área central oeste da Nigéria, particularmente no estado de Kwara". Também Bascom (1991, p. 3) escrevendo sobre a Divinação de *Ifá*, acrescenta que "Os *Kamuku* são povos vizinhos, na província Niger, norte da Nigéria". Entre os *Kamuku*, para se prever o futuro, ervilhas são chacoalhadas dentro de uma carapaça de tartaruga, e colhidas com a mão direita ou esquerda. Elas são contadas, e de acordo com a quantidade colhida, marcas são feitas no solo. Este processo é repetido oito vezes.

Um hotel nigeriano próximo à região do Parque Nacional *Kamuka*, mantém um portal na internet, onde se vê clara citação a este parque nigeriano, como um dos pontos turísticos. Vejamos:

We Pamper Our Guests

HAMDALA HOTEL




- Home
- About Us
- Services
- Facilities
- Accommodation
- Reservaion
- Management
- Contact

[Click Here To View](#)


Tourist Guide

Welcome to Kaduna State, the prime capital city the Northern region, epi - center of learning and pot pourri of classic Nok culture, two religions, Islam and Christianity. Drive through to the historic land of Aminatu, legendary Queen of Zazzau, land of Katagwan, land of Baranzan and of a thousand and one myths and mirths.


Tourist Attractions




Matsirga Falls




Lions@Kamuka Park



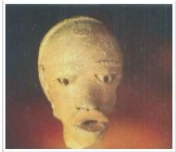
Kada River



Dance Troope



Ostrich@Kamuka Park



Nok Terra Cotta Head

Tourist Attraction in Nigeria

[Places to Visit in Nigeria](#)

[Tourist Destination in Nigeria](#)

[NTDC](#)

[70 Exciting Destination](#)

[Book Flights Domestic Airlines - Links](#)

[ADC Airlines Plc](#)

Imagem do site do Hamdala Hotel, www.hamdalahotelkad.com/kad-%20tourist%20guide.html

Este é o local do Òyó antigo, o qual deve considerar o verdadeiro Òyó dos mitos, que é próximo do rio Níger, e da região do parque *Kamuku*. Para ilustrar a riqueza do antigo Òyó, transcrevemos a viagem de estudo ao Antigo Òyó, publicado em 1 de julho de 2013



Imagem Internet: http://nigeriaworld.com/columnist/offoaro/images/IMG_2839.JPG



Placa da entrada do Antigo Òyó

Por Toja Okoh

24 de março de 2007 (Ibadan)

[...] Old *Ọ̀yó*, foi a antiga sede do Império *Ọ̀yó*, que remonta ao século 14. Eu vi as ruínas de paredes e motes que cercam a cidade antiga, nós entramos em cavernas, num velho e antigo reservatório seco, e subimos grandes pedregulhos. As ruínas não eram tão espetacular quanto eu imaginava que eles seriam. Prof. explicou o grau de deterioração os sitios arqueologicos, têm se deteriorado ao longo de várias centenas de anos. Foi, em parte devido ao ambiente tropical, mas foi também devido à falta de apoio do governo para conservar o local. É um problema atual na Nigéria. Muitos dos nossos patrimônios culturais estão sofrendo perigo de se perderem para sempre, devido a uma falta de compromisso, e vai por parte do governo para investir em conservação. O público nigeriano é em grande parte desconhece essa herança [...]



Uma das paredes da ruína de *Old Ọ̀yó*.

Imagens Internet:

<https://elohorfindsmore.wordpress.com/2013/07/01/field-trip-to-old-oyo>

UMA BREVE HISTÓRIA DO ANTIGO IMPÉRIO ÒYÓ

“O antigo Império Òyó, foi um dos primeiros e, provavelmente, a maior corrida independente na África ocidental, ao sul do equador. No auge de sua existência, o antigo Império Òyó dominando todos os reinos *Yorùbá*, ou seja, *Ife, Ijesha, Egba, Ijebu, Sabe e Owu*. A área ocupada pelo reino *Yorùbá* no Sudoeste da Nigéria, está mais ou menos fechado por latitude 5 e 8 graus ao norte do equador e Longitude 5 e 21/2 grau leste. Existem duas versões para a origem da migração corrida Yoruba e aboriginalidade. Estas duas teorias podem não ser necessariamente contraditórias no sentido de que a nossa tradição oral foi transmitida a nós por puramente não-nativos.

Mas este é um fenômeno universal, porque se você perceber que de uma só vez na história, você tem os brancos na África do Sul, o Oriente e Rodésia do Sul, todos vivendo juntos com base na coexistência longa. A mesma experiência também é gravada no caso de migração, uma vez que existem evidências históricas e empíricas documentadas na famosa série de palestras Lugard, assim como nas pesquisas de Saburi Biobaku, (o aclamado historiador mundo) que a raça *Yorùbá* é grande e de largura, que é hoje permanece como o maior e mais forte império nunca, no continente africano.

O reinado de *Oranyan* marcou uma nova fase na história *Yorùbá* como ele testemunhou a transferência do poder político executivo de *Ilè-Ifè* de Òyó, e, posteriormente, Òyó se tornou a sede política da raça *Yorùbá*, e é a *Alàààfin* daí que o *Alàààfin* preside.

De acordo com estudos históricos, o palácio *Ọ̀yó* está estimado em cerca de 640 hectares. E ainda possuem escavações do antigo império de *Ọ̀yó*, e séculos depois, algumas das paredes da Capital do antigo império de *Ọ̀yó*, ainda estão de pé na sua forma original. Isso é um grande testemunho da engenhosidade arquitetônica da raça *Yorùbá*.

O antigo Império ioruba se destacou no mundo, com três modelos muito distintas e únicas.

Primeiro, ele evoluiu de uma constituição maravilhosamente desenvolvido, embora não escrita. O homem médio *Yorùbá* é regido por uma forte convenção.

Em segundo lugar, os *Yorùbá* desenvolveram um sistema militar que permitiu, em seguida, para desenvolver armamento. Os *Yorùbá* são os primeiros a smith de ferro e, portanto, eles construíram fundições, eles também produziram alfaias agrícolas para aumentar a produção de alimentos.

Em terceiro lugar, a corrida *Yorùbá*, desenvolveram um método muito prático da administração, através da adoção do sistema de gabinete da governança, você deve ter estudado a evolução da Constituição britânica, então você saberá que o sistema de gabinete surgiu na Grã-Bretanha apenas como uma questão de conveniência temporais, não foi por design, então, tanto para trás como o século 16, o antigo Império *Ọ̀yó* desenvolveu o sistema de gabinete do governo.

E do Primeiro-Ministro, ao *Aláààfin*, e os vários chefes de divisão, todos os níveis têm vários daqueles papéis e responsabilidades claramente enunciados e adere a com separação de poderes, e insumos para freios e contrapesos.

A estrutura de comando militar é tão único que o Aare Ona Kankanfo como o generalíssimo do exército levou os senhores da guerra Ọ̀yọ́ com sucesso para muitas batalhas entre o século 13 e 16, que preservou a integridade territorial da raça *Yorùbá*, e durante este tempo, Ọ̀yọ́ estendeu seu limites territoriais para Nupe, Dahomey, Abome, Weme, e outras partes do Togo terra, e hoje, essas pessoas são off-shots do grande reino iorubá.” (Site Ọ̀yọ́ Empire)

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

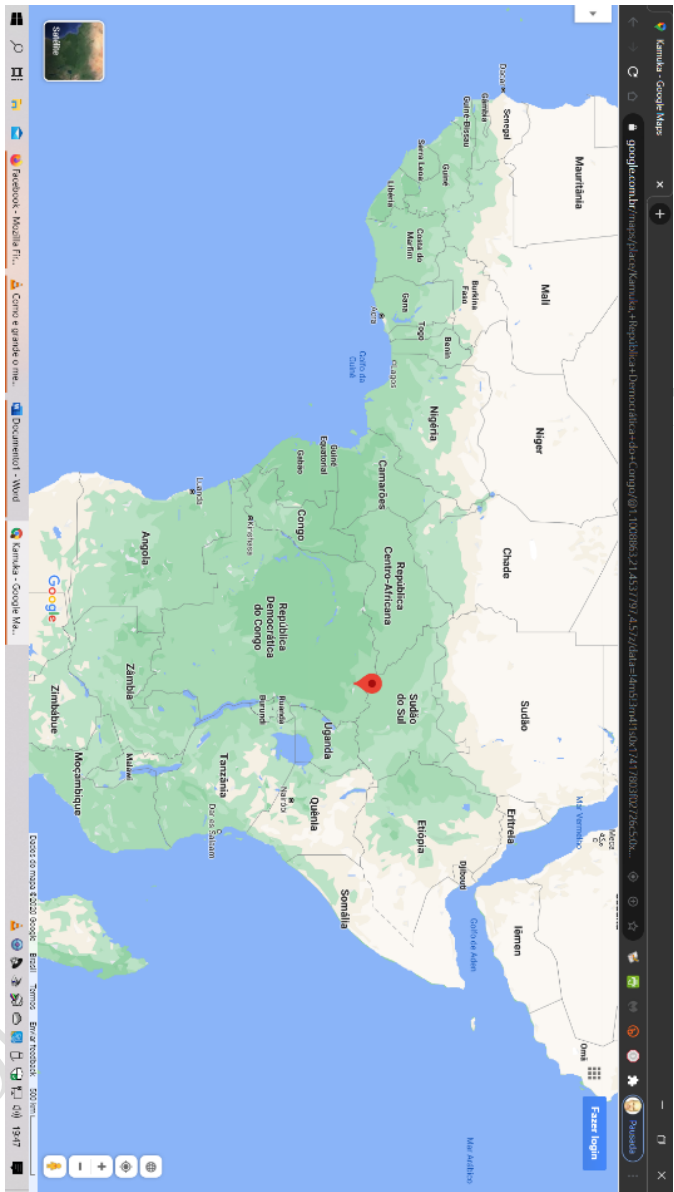
CAPÍTULO 9

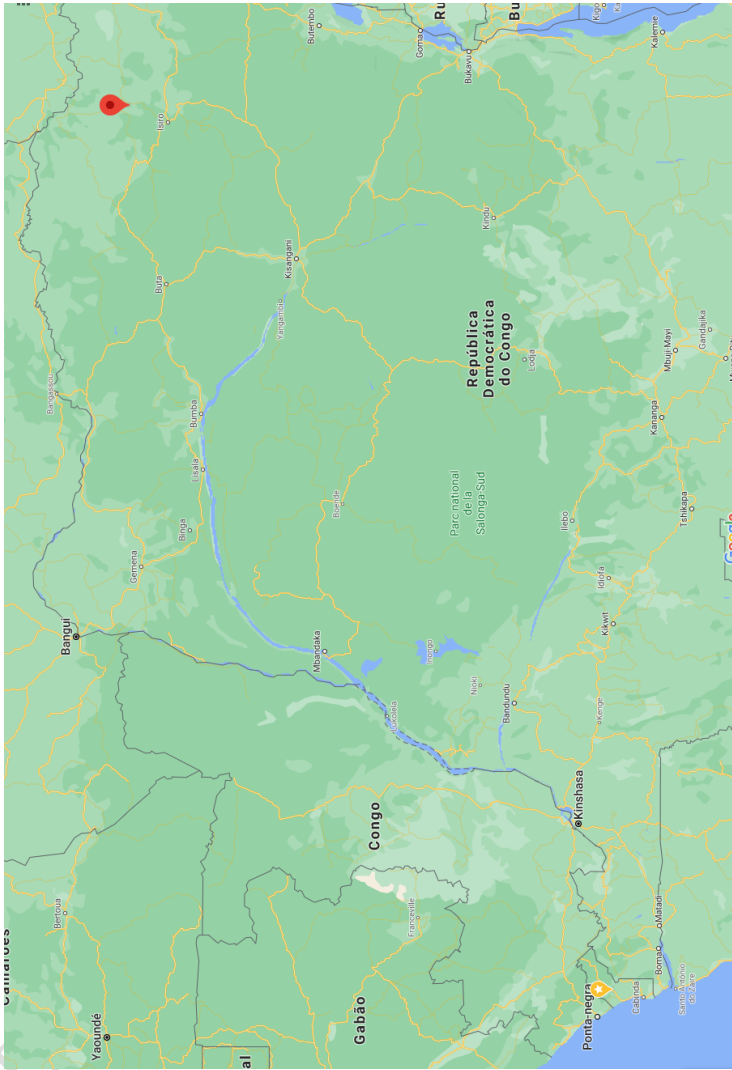
ETNIA *KAMUKA* FORA DA NIGÉRIA

Para que os pesquisadores que pensam diferente da tese que apresentamos, que pretendem provar que a Kambina seria bantu, e a fim que tenham uma direção de estudo, oferecemos algumas informações que existem na internet para que possam produzir um embasamento que venha refutar nossa tese.

Respeitaremos os trabalhos que venham ser produzidos nessa intenção, e desde que apresentem os devidos embasamentos e referencias, terão a nossa consideração e apreciação.

No mapa virtual do Google, existe um local chamado *Kamuka* que está situado na República Democrática do *Congo*:





Neste outro mapa, outro local chamado *Kamuka* está próximo a Zâmbia, ambos os mapas informam que existe um local chamado *Kamuka* ao lado da *Angola*.

A Kambina Nagô e o *Kamuka* na Nigéria



Assim, sem qualquer informação de *Kamuka* na região dos iorubás, os pesquisadores direcionaram os estudos para a região Banto. Baseado nos mapas encontrou no site da Embaixada da *Angola* as seguintes informações:

[...] presentemente a sua área em Angola restringiu-se com: “As migrações no séc. XIX, tendo-se a referida população fixado na *Zâmbia*, província do *Mongu*, e passado a denominar-se *MBunda/Kamuka*, após modificações de alguns usos e costumes.”
[...].

[...] A área linguística do *MBUNDA* tem-se modificado: inicialmente ficava compreendida entre a margem direita do rio *Lungue-Bungo* no seu percurso da R.P.A. até à fronteira com a República da *Zâmbia*, e ao longo dos rios *Luconha*, *Cuvanguí* até *Cuando*, nomeadamente o município de *Cuando*, a comuna do *Cangombe*, percurso do rio *Cuando* até à fronteira com a actual República da *Zâmbia*. Presentemente a sua área em *Angola* restringiu-se com:

- as migrações no séc. XIX, tendo-se a referida população fixado na *Zâmbia*, província do *Mongu*, e passado a denominar-se *Mbunda/Kamuka*, após modificações de alguns usos e costumes.

Língua Nacional Mbunda

Descritivo

A área linguística do *MBUNDA* tem-se modificado: inicialmente ficava compreendida entre a margem direita do rio *Lungue-Bungo* no seu percurso da R.P.A. até à fronteira com a República da *Zâmbia*, e ao longo dos rios *Luconha*, *Cuvanguí* até *Cuando*, nomeadamente o município de *Cuando*, a comuna do *Cangombe*, percurso do rio *Cuando* até à fronteira com a actual República da *Zâmbia*.

Presentemente a sua área em *Angola* restringiu-se com:

- as migrações no séc. XIX, tendo-se a referida população fixado na *Zâmbia*, província do *Mongu*, e passado a denominar-se *MBunda/Kamuka*, após modificações de alguns usos e costumes.
- migrações em 1914, com a prisão do *Mvene MBandu*, tendo-se os deslocados fixado no interior da *Zâmbia*, distrito de *Kaoma*, e conservado os seus usos e costumes.
- as migrações provocadas pelas *Guerras de Libertação Nacional*. Os actuais *MBundas* em *Angola* estão presentemente circunscritos no Município dos *MBundas*, em *Lumbala Ngumbo*, que compreende as comunas de *Luvuei*, *Lutembo*, *Mussuma*, *Ninda* e *Cumi*.



Textos extraídos do livro: "Histórico sobre a criação dos alfabetos em línguas". Pelo Instituto Nacional de Línguas Idá, INALD - 1980.

(o grifo é nosso)

Neste texto *Tuyenikumwe* informa a existência de uma etnia em conflito de guerra na questão Angolana, sem detalhes:

[...] Para além dessa cooperação nas duas frentes, nos anos 77, 78, 79 e 80, quando os sul-africanos operavam naquela faixa de *Caprivi* juntamente com os portugueses contra a *SWAPO* e outros movimentos de libertação era a UNITA quem facilitava as operações no terreno a favor da *SWAPO* eram criada neste lado porque a UNITA já tinha se implantado, já tinha território e bases seguras nesses territórios e população – *Tchaze*, os *Kamuka*, *Cokwe*, *Nganguela*, etc. – que pudesse permitir que o outro – a *SWAPO* – operasse com facilidade. Em contrapartida a UNITA recebia material de guerra, medicamento e outros bens logísticos em nome da *SWAPO*. Nesta época a UNITA ainda era inimiga dos sul-africanos. [...]

Neste trecho, *Tuyenikumwe* informa novamente a presença política e ativa da etnia *Kamuka*:

[...] nos anos em que os sul-africanos operavam na *Caprivi*, juntamente com os portugueses, contra a *SWAPO* e outros movimentos de libertação, a UNITA facilitava as operações no terreno a favor da *SWAPO*. Eram criadas condições em Angola, uma vez que a UNITA já tinha um vasto território, onde implantara bases seguras, e uma considerável população – os *Tchaze*, os *Kamuka*, os *Cokwe*, os *Nganguela*, entre outros, que pudesse permitir que o aliado, a *SWAPO*, operasse com facilidade. Em contrapartida a UNITA recebia material de guerra, medicamento e outros bens logísticos em nome da *SWAPO*. Nesta época a UNITA ainda era inimiga dos sul-africanos⁵³⁸. [...]

Temos ainda a cidade *Kabinda*, situada na República Democrática do *Congo*. É a capital da província *Lomani*. Tem 126.723 habitantes. A cidade possui um aeroporto, chamado *Tunto*.

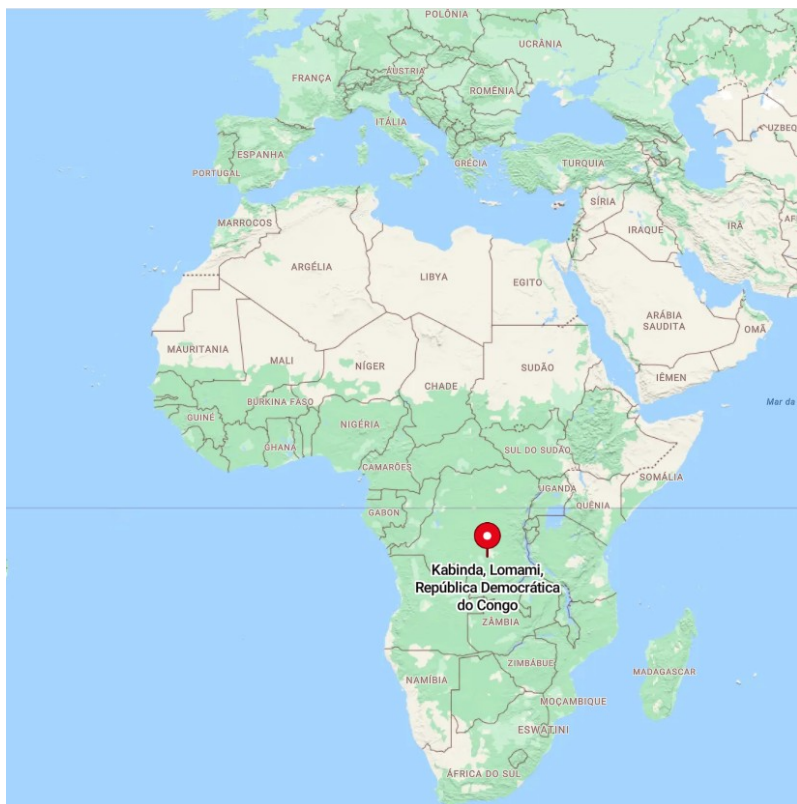


Imagem da localidade da cidade Kabinda, fonte Googlemaps.



Kabinda

República Democrática do Congo

Parcialmente nublado ·
31 °C
17:31



Rotas



Salvar



Próximo



Enviar para o
smartphone



Fatos rápidos

Kabinda é uma cidade da República Democrática do Congo. É a capital da província de Lomami. Tem 126.723 habitantes. A cidade possui um aeroporto, chamado Aeroporto Tunto. [Wikipédia](#)

Fonte Imagem Wikipédia

Kabinda está localizado em: República do Congo,
coordenadas N: 6.0° N S: -14.0° N W: 11.0° E E: 32.0°.



(Fonte - commons. wikimedia).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o objetivo de demonstrar que raiz Kambina, por seus rituais, está muito mais relacionada com os *Yorùbá*, do que com os *Bantús*. Vimos na construção do *Ilé Kamuka* uma possível sobrevivência do *kòbì* do Palácio do *Aláààfin*.

Ao citarmos *Òyó*, Nigéria, o berço dos *Aláààfin* não está afirmando que a raiz afro-brasileira *Òyó* praticada no Batuque seja uma representante fiel daquele Estado da Nigéria, não.

Devido ao foco direcionado deste texto, pode o leitor ser induzido a pensar que a Kambina é um culto de *Eégún*... Não, não é. A tradição religiosa Kambina é voltada ao culto de *Òrìṣà* assim como as outras nações afro-brasileiras, mas tem um ritual de *Eégún* diferenciado, que a caracteriza das demais, cujos ritos demonstram uma sobrevivência do *Alafinato Yorùbá*.

Vimos que, ao estudar os ritos da raiz Kambina, fizemos um paralelo entre os costumes *Yorùbá* para entronização do *Aláààfin*, e o culto de *Kamuka*, rei desta raiz, no Batuque do Rio Grande do Sul.

Apresentamos a definição de *Aláààfin*, e como ele é escolhido, mostrando os costumes *Yorùbá* com relação aos sacrifícios humanos, e a proteção a *Eégún*, na sua coroação.

Observamos na cultura *Yorùbá*, os pontos que a ligam à raiz Kambina, encontraram informações que vão além de coincidências, existindo muitas evidências que nos levam a crer que as origens desta raiz, estão ligadas ao *Alafinato*.

Mostramos que a palavra ioruba *kòbì* refere-se a uma entrada particular do *Aláààfin*, com ilustração de várias imagens do palácio, *kòbì* e o próprio *Aláààfin*. O *kòbì* é uma extensão do próprio palácio real de *Òyó*, cujo costume pode ter sobrevivido nos rituais da raiz Kambina, no R.S., que possui um assentamento exterior, em separado, de *Sàngó Kamuka*, conforme citado pelo nosso informante *bàbá* Raul Dornelles, provando a sua existência passada por uma das matriarcas da Kambina.

Ainda, tivemos oportunidade de encontrar mais descendentes que testemunharam a existência do *Kamuka* em sua família, apesar de não terem permitido fotografar estes fundamentos, com intuito de preservar os segredos de feitura deste orixá. Destacamos que sacerdotes de outros segmentos também possuem o *Kamuka* sento em seus templos, como a mãe Glace que possui o *Kamuka* no salão, e a existência de uma sacerdotisa da raiz *Jeje* (Batuque), que possui o *Kamuka* sento na frente do seu templo. Sendo que em momento algum tentamos plantar qualquer informação para justificar qualquer fundamento que possamos ter encontrado ou que seja praticado por nós.

O nome aportuguesado “Nagô Kóbi” é um nome de louvor, uma forma carinhosa para se referir à raiz Kambina como uma extensão do *Kòbì* do palácio do *Aláààfin*.

Neste terceiro livro sobre a Kambina trouxemos mais informações sobre *Gululu* e o vínculo com a tradição *Òyó* do Batuque do R.S., as semelhanças e possível origem de *Kamuka* e o *Sàngó* do Povo em seus rituais e costume, onde do pátio

(lado de fora do templo) observa a comunidade. Trouxemos ainda um pequeno texto sobre o *Legba* e a sua origem.

E finalmente o texto esclarece que no *Ìgbàlè* não vai *òkúta*, pois segue o costume da matriz *Yorùbá*, por isso, precisamos conceituar e esclarecer também que não se cultua *òrìsà* no *Ìgbàlè*, nem mesmo há possibilidade de *òrìsà* virar *Eégún*.

Entendemos que no *Ìgbàlè*, se encontra a memória (*iranti*) do Pai Waldemar, sendo cultuado como ancestral, ao contrário do que se pensava que seria o *Sàngó Kamuka*, que estaria no *Ìgbàlè*.

Antepassados, embora possam ser lembrados, não são cultuados como ancestrais.

Encontramos a etnia *Kamuka* na Nigéria, conseguimos mapas, CEP e apresentamos até mesmo registros da população e pessoas com nome *Kamuka*. Referente ao *Kamuka* na República dominicana do Congo vem que é uma migração recente.

Sobre a Kambina ou Kambini, ainda não concluímos sobre a origem do nome, no entanto, o professor Norton esclarece que era assim que há chamavam nos anos 70, e não se tratava de uma corruptela.

Sobre a *Cabinda* província de *Angola*, embora historicamente o porto já fosse mencionado, a província recebeu este nome oficialmente em 1956, 21 anos após a morte do Waldemar.

Sobre a *Cabinda* ressignificada pelo escritor Paulo Tadeu, segundo os nossos estudos, até o momento não houve qualquer elemento que comprovasse, que a Cambina ou Cambini como

os antigos falavam, seja bantu, ou tivesse qualquer vínculo com a Cabinda (província de Angola).

Recentemente levanta-se a questão que, se o escritor Paulo tivesse acesso atualmente também à *Kabinda* (cidade da República Democrática do Congo), qual seria a direção que ele tomaria? Qual delas adotaria para seu novo padrão?

Caso nos anos 80 os sacerdotes e escritores tivessem focado suas buscas na *Nigéria*, origem do culto ao *Òrìṣà*, seria possível que encontrasse elementos do culto de *Ṣàngó*, *Èṣù*, *Òòṣàálá* entre outras divindades *Yorùbá*, que sabe até o *Kamuka* na *Nigéria*.

Com tudo que nos fora apresentado, diante das novas informações e registros, a tradição religiosa Kambina (atualmente conhecida por Cabinda), do Batuque do Rio Grande do Sul não possui elementos *Bantu*, antes, trazem em seus rituais, reminiscências do *Alafinato*, e sobrevivências de antigos rituais, nagô, dos *Yorùbá*.

Observamos que o movimento para renomeação da Kambina/Kambini para Cabinda, ganhou força pelos anos 80; nesta época, mãe Otilia já havia falecido, e isso possivelmente seja o motivo que facilitou a mudança do nome da Nação Kambina fundada por pai Waldemar, para Cabinda.

BIBLIOGRAFIA

ABRAHAM, R.C. *Dictionary of Modern Yoruba*, Hodder and Stoughton, London, 1962 [1946].

AHIABA, Martin. *Christian Supersessionism and the Dilemma of Dialogue in Jos Nigeria* Duquesne University, Duquesne Scholarship Collection, 2016.

BARROS & NAPOLEÃO. *Ewé Òrìsà Uso Litúrgico e Terapêutico dos Vegetais nas Casas de candomblé Jêje-Nagô*, Bertran Brasil, 2013.

BASCOM, William. *Ifa Divination, communication between gods and men in West Africa*, Indiana University Press, Indiana, 1991 [1669].

BEM, Daniel Francisco. *Tecendo o axé: uma abordagem antropológica da atual transnacionalização afro-religiosa nos países do Cone Sul*. UFRS 2012.

BEMBE, Miguel César Domingos. *Partilha do Poder no Enclave Angolano de Cabinda: Modelo e Processo*. Tese. Universidade de Lisboa, 2014.

BENISTE, José. *Dicionário Yorubá Português*, Bertrand Brasil, 2009.

_____, *Òrun Àiyè: o Encontro de dois Mundos*, Bertrand Brasil, 2000.

BIEREENU-NNABUGWU, Makodi. *Leadership Influence on Ethno-Religious Conflicts in the Middlebelt Region of Nigeria*, 2015.

BOREL, Walter Calixto Ferreira. *Agô-iê, vamos falar de Orishas?* Renascença, Porto Alegre, 1997.

CHIEF FAMA. *Fundamentals of the Yoruba Religion, Ilé Òrúnmilà Communications*, California, USA, 1993.

DARLING & SON. "Colonial Report Annual", nº 437, *Majesty's Stationery Office*. London, *Kamuka*, 1905.

IBRAHIM, Lawal Yazid. "Access to Tourism Information among University Academic Staff". *European Journal of Education Studies*, vol. 2, part. 3, 2016.

CORRÊA, Norton F., *O Batuque do Rio Grande do Sul, Antropologia de uma Religião fro-rio-grandense*, Porto Alegre: Editora Cultura e Arte, 1992.

_____. "Mãe Moça da Oxum: cotidiano e sociabilidade no batuque gaúcho", *Caminhos da alma: memória afro-brasileira*. São Paulo, Summus, pp. 236-265, 2002.

COSSARD, Gisele Omindarewá. *Awô, o Mistério dos Orixás*, Pallas, RJ, 2008.

GOMES, Denis Pereira & SHERER, Jovani de Souza & OLIVEIRA Vinicius Pereira. *Histórias de Batuques e Batuqueiros: Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre*. Edição dos autores, Pelotas, 2021.

JOHNSON, Samuel. *The History of de Yoruba*, Routledge & Kegan Paul Ltda, London, 1973 [1921].

LAYTANO, Dante de. *A Igreja e os Orixás*, Comissão Gaúcha de Folclore, Porto Alegre, 1958.

LEISTNER, Rodrigo Marques. *Os Outsiders do Além: Um Estudo Sobre a Quimbanda e Outras “Feitiçarias” Afro-Gaúchas*. Unisinos, São Leopoldo, 2014.

LIMA, Vivaldo Costa. *Conceito de Nação*, Revista Afro-Asia n. 12, BA, 1976.

MARINI, Bolívar Schlottfeldt. *A Nação Oyó em Alegrete, uma Etnografia do Batuque Oyó*, Urcamp, Bagé, RS, 2012.

MARINS, Luiz L. *Obátálá e a Criação do Mundo Iorubá*, Edição do Autor, Uiclap, São Paulo, 4ª ed., 2021.

_____. *As folhas afro-brasileiras de Pierre Verger*, Edição do Autor, Uiclap, São Paulo, 2023.

OJO, Afolabi. *Yoruba Palaces, a Study of Afins of Yorubaland*. London, University of London Press, 1966.

ORO, Ari Pedro. “O Sonho e o Desencanto: a viagem de um pai-de-santo de porto alegre para a província africana de Cabinda”. *Revista de Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Unicamp, v. 22, e 020018, Campinas, 2020.

PEDRO, Leonardo Tuyenikumwe. *Angola no Contexto da Sadc – Cooperação no Quadro da Defesa Angola – Namíbia (1990-2015)*. Instituto Universitário de Lisboa, 2019.

PRANDI, Jose Reginaldo. “De Africano a Afro-brasileiro”. *Revista USP*, nº 46, p. 52-65, São Paulo, Julho-agosto 2000.

AMALI & MSUGHTER & LAWAL & YA. Suleiman, Ilim, Moses, O. “A Survey of the Proleferation of Small Arms and Cattle Rusttling in Birnin Gwari Local Government Area of Kaduna State and Its Implication to National Security”, *International Journal of Research and Innovation in Social Science*, 2019.

SANTOS, Juana Elbein. *Os Nàgó e a Morte*, Petrópolis, Editora Vozes, RJ, 1976.

TADEU, Paulo F. *Os Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás*, 1994, 2ª edição, Editora Toqui, R.S.

_____. *Quem é o Orixá Xangô Kamucá da Nação Religiosa de Cabinda?* Editora Tokí, 2008.

WILLIAMS, Lizzie. *Nigeria*. The Globe Pequot Press, New York, 2008 [2005].

WOLFF, Erick. “A Entronização do Aláààfin e sua conservação: a raiz religiosa Kambina, na religião Batuque do Rio Grande do Sul”, *Revista Olórun*, nº 5, Internet, ago. 2011.

_____. “Kamuka Na Nigéria”, em *Revista Olórun* nº 82, Internet, Especial – set/out. 2020.

_____. “Nações Afro-Brasileiras não são Nações Políticas Africanas”, *Revista Olórun* nº 46, Internet, Jan. 2017. Acesso em 26/11/2022.

YAKAN, Muhammad Zuhdi. *Almanac of African Peoples & Nations*, Transaction Publisher, New Jersey, 1999.

YAHAYA, Mohammed Kuta. "The Nupe People of Nigeria". *Journal of Studies of Tribes and Tribals*, 1(2:) 95-110, Kamla-Raj, Gurugram, India, 2003.

INFORMANTES

- ANTÔNIO CARLOS.

Alágbè Antonio Carlos de *Sàngó* nasceu em 1947, iniciado por *bàbá* Tati do *Bara*, Batuque do R.S., raiz Kambina, reside em Viamão R.S.

- ALEXANDRE CUSTÓDIO

Iniciado no Batuque do RS, tradição *Òyó*, reside em Morro da Fumaça, SC.

- BERNARDO HASQUEL DE OXALÁ

Nasceu em 22 de março 1996, foi filho de mãe Gabriela de Oya, Batuque do R.S., tradição Kambina. Reside em Passo Fundo. Segundo dirigente espiritual do templo Casa da Prosperidade.

- CHICO NETO

Chico Neto do *Ògún*, iniciado em 21/04/2005, por Cleusa do *Ògún*, tradição *Jeje-Ijesa*, Batuque do RS, reside em Inspetor Goulart, Divina Providência, Santa Maria, RS.

- CARLOS DE XANGÔ

Carlos de Xangô, filho do pai Cleon de *Òòsàálá*, segmento Kambina, reside em São Leopoldo, RS, dirigente do Ilê Agbara Aganjú.

- CRISTIANO DE *YEMOJA*

Bàbá Cristiano de *Yemojá*, iniciado em 2002, por Hugo de Xapanã, atualmente é filho de *Bàbá* Beto de *Òòsàálá*, neto de *Bàbá* Cleon de *Òòsàálá*, dirigente do templo *Asociación Religiosa Nación Cabinda Iemanja Lomire*, na cidade de Es Merlo, Buenos Aires, Argentina.

- CARLOS MAURICIO

Carlos de *Òòsàálá*, iniciado em 1978, pelo *Bàbá* Romário de *Òòsàálá*, tradição Kambina, neto de negra de ventre livre.

- CARLOS D'OXUM

Bàbá Carlos de *Òsun*, filho de mãe Sonia de Oyá, e filha do Nelsinho de Oxum, filho do Henrique. Sacerdote do Templo Ilê Axé Alafia d'Oxum e Ojú-Obá Reino de Ibéji, tradição Kambina, Rio pardo, Santa Cruz do Sul.

Extrato da live do TikTok, *O Assentamento do Kamuka*, arquivado no canal do Youtube, em 06/10/2025: <https://www.youtube.com/watch?v=t5IqBMdyz7k>

- CELSO DE XAPANÃ

Bàbàlòrìsà Celso de *Xapanã*, iniciado por Henrique da *Òsún* em 1989, *Batuque do R.S.*, raiz Kambina, reside em Viamão R.S.

- DENIS DE ODÉ

Bàbàlòrìsà Denis Odé, Iniciado em junho de 1996 pela *Ìyálòrìsà* Isabel de Oxalá, apronte feito em 23 de abril de 1999 pelo *bàbàlòrìsà* Clovis de *Aganju*.

Filho de Antônio Carlos de *Șàngó*, *Batuque do R.S.*, nação Cabinda, reside em Porto Alegre. Nome da Casa de Santo - Ylê de *Odé* e *Òsún*.

Graduado em História pela ULBRA Canoas (2006), pós-graduado em História Do Rio Grande do Sul, pela Unisinos, 2008.

Recentemente informou em seu perfil pessoal no Facebook ter migrado da nação Kambina para *Ijesa*.

- DEVLYN

Devlyn de oxum Demum, nascida em porto Alegre, iniciada em 25/05/2022 pelo Pai Jorge de Ogum, Família do pai Didi de *Aganju Omi*, descendente de Pai Adão do Bara Biomi.

- EDUARDO BRASIL

Tata Matâmoride, iniciado quando 23 de julho de 1976, por *Kaobakessy*, *Ilé Alaketu Ijoba àse Ayra*. Candomblé Angola, Nação *Bantu*, reside em São Paulo.

Conselheiro do CONPAZ - Conselho de Cultura de Paz da Assembleia Legislativa de São Paulo.

Secretário do CONER/SP - Conselho de Educação Religiosa do Estado de São Paulo.

Vice-Presidente do FOESP - Fórum de Sacerdotes e Sacerdotisas de Matriz Afro Brasileira.

Presidente do INDRAB - Instituto Nacional de Defesa da Matriz Afro Brasileira

Presidente do ITC - Instituto Terceiro Corpo em Defesa da Saúde Natural

Conselheiro do CPDCN - Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra.

Conselheiro do Comité Inter-religioso da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.

Conselheiro do Comité Inter-religioso da Secretaria de Estado da Justiça e Cidadania de SP.

Conselheiro do Fórum de Diversidade Religiosa da Secretaria Municipal de Igualdade Racial de São Paulo.

Suplente do 1º Conselho de Cultura afro do Ministério da Cultura 2012 – 2014.

- EJIRE

Ìyálòrìsà Ejire, Lagos, Nigéria, Idiomas Língua haúça, Língua inglesa, Língua *Yorùbá*. Sacerdotisa de *Òrìsà*

- ELIAS DE OXALÁ

Iniciado em 1972 por Cleon de Oxalá, em 2007 migrou para a família do *bàbá* Enio de Oxum Pandá Miuá, Batuque do R.S., raiz Kambina, reside em Porto Alegre R.S.

- GABRIEL DE XANGÔ

Iniciado em 2001 por Glauber de Oxum, reside na cidade de Passo Fundo, dirigente espiritual do templo Casa da Prosperidade. Segmento Kambina do Batuque.

- GUSTAVO SCHEFER

Gustavo do Bara, (Gravatai) filho da Nikole de Oxum, tradição *Ijesá/Jeje*, tamboreiro.

- JOAO FELIX

Bàbàlòrìsà João Felix de *Ògún*, pertence ao Batuque do R.S., reside em Porto Alegre.

- JORGE

Bàbàlòrìsà Jorge de *Ògún*, iniciado por mãe Diva de *Òsùn* Dokô, neto do Erick de *Osaniyn*, bisneto de pai Custódio de *Xapanã*, reside em Porto Alegre.

Pai Jorge foi tamboreiro por muitos anos do Pai Cleon de *Òòsàálá* (POA), pai Henrique da *Òsùn* (POA) e pai Luiz Carlos da *Òsùn* (SP)

- LEONI FERRAZ

Bàbàlòrìsà Leoni de *Ògún*, filho de mãe Tuca de *Òsùn Oloba* (falecida), neto de Genecu de *Ẓàngó*, bisneto de Tati de *Bara* (falecido), tradição Kambina, reside em Alvorada.

- LUCIANO ZULLÚ

Luciano Zullú, filho de mãe Nara do Bara, neto de pai Romário de *Òòsàálá*, tradição Kambina, reside em Taquarã, RS.

- LUIZ CARLOS DUTRA

Bàbàlòrìsà Luiz da *Òsùn*, filho do pai Cleon de *Òòsàálá*, tradição Kambina, residia em SP, Bairro Pedreira, falecido em julho de 1985.

- LUIZ CLÁUDIO SOARES

Luiz do Bara, iniciado em 2002, por *Bàbá Duda* de *Òòsàálá*, tradição *Òyó – Jeje*, em 2021 mudou de *àse*, passando para o *Ilê Axé Nagô Kóbi*, tradição Kambina, reside na Rua Carlos Reverbel 203, bairro Jardim Carvalho, Porto Alegre, RS.

- MARY FALEIRO

Mãe Mary Faleiro, iniciada por Pai Romário do *Òòsàálá*. Neta de Mãe Madalena da *Òsùn*, bisneta de Pai Waldemar. Dirigente do templo *Ilê de Oxum Panda Mi*, tradição Kambina, Batuque RS, residem em Vila Augusta - Viamão RS.

- MARCIO GOULART DOS SANTOS

Bolaji Marcio de *Òòsàálá*, iniciado em 8/12/1995, por Dora de *Òòsàálá*, neta de Antoninho da *Òsùn* herdeiro do templo *Ilé àse òrìsà Omi*, Batuque do R.S., raiz *Òyó*, reside em Gravataí, Porto Alegre.

- MAURO DE OXUM

Bàbá Mauro de *Òsùn* (Pelotas), iniciado em 1977, por Clovis de *Sàngó Agodo*, conhecido como Pantera, neto do *bàbá* João.

- PAULA GOMES

Embaixadora da Cultura do *Aláààfin* de *Òyó*, uma pessoa de confiança entre os *Yorùbá*, que apoia a preservação do antigo patrimônio cultural e tangível e intangível dos *Yorùbá*, atuando junto à UNESCO.

Ministra do *Aláààfin* de *Òyó*, *Oba* (DR.) Olayiwola Adeyemi III, JP. CFR., LLD para preservar o patrimônio *Òyó*.

Presidente da Paula Gomes Foundation com sede em *Òyó*. Membro da *Àsà Òrìsà Aláààfin Òyó*, Estado de *Òyó*, na Nigéria.

- PAULO OBA

Paulo Cristiano dos Reis, feito por Joarez de Oxalá, atual sacerdote Pai Agladio de Bará Lode, Nação Cambina, Paulo de Oba é sacerdote do templo Yle Oba e Oxum Osório morro da Borrucia.

- RAUL DORNELLES VARGAS

Bàbàlòrìsà Raul de *Sàngó*, iniciado por Pai João do Exu Bi, nação Jeje em 1951.

Em 1962 migrou para a nação *Òyó*, na mão de Mãe Maria de Oxum, filha de santo de Mãe Moça.

Em 1974 migrou para mão do *bàbá* Henrique de *Òsùn*, nação Kambina, reside em Porto Alegre.

- ROBERTO SIX

Bàbá Roberto Six de *Lóde*, iniciado em 29/06/2008, por pai Paulo de *Sàngó Aganjú*, sacerdote do templo *Ilé Àsẹ̀ Èsù Olóde àti Òsun Doko*, fundado em 20/01/2009, Canoas, Kabinda.

- SAMUEL GOMES

Samuel Samuka Gomes, Nativo de Cabinda, ADM, Pós-Graduado em Fin. Controladoria.

- SILVIO DE XAPANÃ

Bàbá Silvio de Xapanã, falecido em 2010, filho de Eva de *Osanyìn*, neto de Hélio de *Sàngó*, residia no bairro Campo Limpo, zona sul de São Paulo, capital, sacerdote do segmento Kambina.

- VERA

Ìyálòrìsà Vera de *Òsanyìn* nasceu em 1944, se aprontou aos 18 anos, em 1962, pelas mãos da *Ìyálòrìsà* Chininha de *Òòsàálá*, Batuque do R.S., tradição *Òyó*, reside em Viamão R.S.

FONTES VIRTUAIS:

ALAAFIN OF OYO, Uma Breve História do Antigo Império *Ọ̀yọ́*. Disponível em:

<http://www.alaafin-oyo.org/main/the-oyo-empire/history/a-brief-history-of-the-old-oyo-empire>

ALLY NEBARACK, Ally Nebarack (Ólódjè Ikú Ikè Obárainan), Facebook, acessado em 29/08/2024, às 14h41min. <https://web.facebook.com/photo/?fbid=2377220332466569&set=pcb.2377222125799723>

AMALU, T. E., OTOP, O. O., DULUORA, E. I., OMEJE V. U., EMEANA, S. K. *Geo Journal, Spatially Integrated Social Sciences and Humanities*, vol 78, nº 4, 2013.

https://www.researchgate.net/publication/321167076_Socio-economic_impacts_of_ecotourism_attractions_in_Enugu_state_Nigeria

CLEON DE *ÒÒSÁÁLÁ*, 60 anos do reino de Oxalá, Youtube, Canal Nagô Kóbi: <https://youtu.be/RCFYCL8BE8w>

PEREIRA, Antônio Carlos –.

<https://www.facebook.com/tonhoconstrucap>

BÀBÁTÚNDÉ, Àáre. Acessado em 30/09/2020, às 12h45minh:

<https://www.facebook.com/HopeRisingEngineering/>

BARCELOS & MARINS. “Antes de Oduduwa”, *Revista Olorun* (online), n. 55, 2017.

BOREL, Mestre. “Ancestralidade Negra em Porto Alegre”.
Youtube Nagô Kóbi, 2024: Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=KIxthoo6WXY>

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Biblioteca Digital Brasil, 05 julho,
1959, acesso em 18/04/2022. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/>

DANÇAS FOLCLÓRICAS (Blog), publicado em Terça-
Feira, 29 de março de 2011. Disponível em:
<http://dancasfolcloricas.blogspot.com.br/>

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, acessado em 29/09/2020, às
10h50minh:

https://www.in.gov.br/materia/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/52748792/do1-2018-11-30-portarias-de-27-de-novembro-de-2018-52748667

DICIO, Dicionário Online de Português. Acessado em
04/12/2022 às 13h37minhs - <https://www.dicio.com.br>

EMBAIXADA DA ANGOLA, acessado 02/10/2020, às
14h43minh:
https://www.embaixadadeangola.org/cultura/linguas/1_mbunda.html

ELEPHANTE DATABASE, acessado em 09/09/2022, às
12h12minhs
https://africanelephantdatabase.org/report/1995/Africa/West_Africa/Nigeria

ELEVATION MAP, acessado em 29/09/2020, às 12h53min.
<https://elevationmap.net/kamuka-kontagora-rural-kontagora-ng-1001401192>

ELOHOR FINDS MORE, Viagem de estudo ao Antigo *Òyó*, publicado em 01 de julho de 2013, por Toja Okoh
<https://elohorfndsmore.wordpress.com/2013/07/01/field-trip-to-old-oyo>

HERANÇAS AFRO, Aulinha de Domingo – conversa com professores, 2022.
<https://www.facebook.com/HerancasAfroOficial/videos/577213326813571>

GOMES, Paula, *Esclarecimentos sobre o sétimo dia do funeral do Eléègùn Sàngódele*. Youtube, Canal Nagô Kóbi, 18/08/2022 acessado em 13/12/2022 às 20h54min.
<https://www.youtube.com/watch?v=P9by2PbnTkU>

GOOGLE MAPS, acessado em 09/09/2022, às 12h30minh:
<https://encurtador.com.br/BHQX2>

HISTÓRIA & BATUQUE. *Seria Pai Antoninho Gululu?* – ft. 26/11/2021 acessado em 25/12/2022 às 21h22min
<https://www.youtube.com/watch?v=1nyUpRILxqU>

_____. Orixá vira Egun, Professor Denis de Odé. Acesso em 25/12/2022 às 21h11min
<https://www.youtube.com/watch?v=ds9GNnm8CRA&t=>

FALEIRO, Mary. Facebook. Acesso em 13 de maio de 2023, às 23h12min.
<https://www.facebook.com/mary.faleiro.7/posts/pfbid02rm2Uz6j6nx1xMQ7iUbxSYTvEZcFaV54kr1P29WV9v2PPQNQ Tn7wQu2iTJvsFd7tCl>

FAMILY SEARCH, 2023, Rio Grande do Sul, Saida de passageiros: Bahia. Processos de estrangeiros, acessado em 11/07/2024 às 12h02min.

_____, 2021, Rio Grande do Sul. Registros de óbito, acessado em 11/07/2024 às 13h22min

<https://www.familysearch.org>

_____, 2024, Porto Alegre 2ª Z. Óbitos Talão 22209 a 22408: Porto Alegre. Registros de óbito, acessado em 11/07/2024 às 14h02min

<https://www.familysearch.org/>

_____, 2022, Porto Alegre, 2ª Zona Nascimentos n° 00171334 a n° 00171533: Porto Alegre. Registro de Nascimento, acessado em 11/07/2024 às 14h06min

<https://www.familysearch.org>

_____, 2023, Rio Grande do Sul. Registros de óbito, acessado em 11/07/2024 às 14h22min

<https://www.familysearch.org>

_____, 2023, Brasil, Rio Grande do Sul, Registro Civil, acessado em 11/07/2024 às 14h32min

<https://www.familysearch.org>

_____, 2023, Porto Alegre 1ª Zona Óbitos, acessado em 11/07/2024 às 15h22min

<https://www.familysearch.org>

ILÊ AXÉ NAGÔ KÓBI – Blog na Internet

- <https://iledeobokum.blogspot.com.br/2012/04/setilu.html>
- <https://iledeobokum.blogspot.com/2024/10/o-misterio-da-capa-da-oxum-de-mae.html>
- <https://iledeobokum.blogspot.com/2024/02/otilia-de-ossanha-tola-becun.html>

- <https://iledeobokum.blogspot.com/2021/12/o-cortejo-funebre-do-elegun-sangodele.html>
- <https://iledeobokum.blogspot.com/2022/05/como-o-proximo-alaafin-saira.html>

ILÊ OXUM ADEMUM RAÇANÃ

<https://danieladeoxumademum.blogspot.com.br>

INZO TUMBANSI

<https://inzotumbansi.org/home/tradicao-do-nkisi/bankisi/>

ITA DE YEMANJÁ. Grupo Batuque RS. Facebook. Dica da manhã: “Não existe nenhuma possibilidade de uma pessoa ser pronta no Batuque e no Candomblé”. Em 17/10/2023, <https://m.facebook.com/groups/BATUQUESRS/>

KAMUKA KESSIENA, acessado em 29/09/2020, às 14h43minh:

<https://www.facebook.com/kamuka.kessiena.3>

KIZOMBA Entrevista *Com o babalorixá Pai Cleon de Oxalá, 2017.*

<https://www.facebook.com/watch/?v=1300827163359923>

LEGIT, acessado em 30/09/2020, às 12h43minh:

<https://www.legit.ng/1095718-kamuku-national-park.html>

LOCALITY PINCODE, acessado em 09/09/2022 às 18h50min <https://localitypincode.com/ng/kamuka-postal-code-in-kontagora-rural-city-niger-zone-nigeria>

MANTO DE OXALÁ

<http://mantodeoxala.blogspot.com.br>

MAPANET, acessado em 29/09/2020, às 12h47min:

<http://www.mapanet.eu/>

NADO, *Òṣàálá*, **Página "Babalorixa Nado de Oxalá"**, 2020.

<https://www.facebook.com/>

NAIRALAND FORUM, not Every Northerner Is A Trouble Maker?: A Youth Corper's Diary Nairaland, Pub. Feb 15, 2013, 01:54, members 2,553,221, acesso em 29/09/2020, às 14h43m:

<https://www.nairaland.com/1197038/not-every-northerner-trouble-maker#14330012>

NAÇÃO KAMBINA DO RS, comunidade virtual do Facebook, 27,2 mil membros, acesso em 22/09/2024 às 13h28m:

<https://www.facebook.com/groups/1444295859135612>

NATIONAL PASSAPORT SERVICES, alguns lugares interessantes para visitar na Nigéria, acessado em 29/09/2020, às 12h47minh:

<https://nationalpassportservice.com/interested-places-to-visit-in-nigeria/>

NIGERIA ZIP CODES, acessado em 09/09/2022 às 18h36minh: <https://www.esteeegel.com/zipcode/kontagora-rural-kamuka-kontagora-niger-state-postal-code/>

ÒYÓ LEGACIES, orisa devotees celebrate “orisa day” on august 20 in oyo state-Nigeria, acesso em 12/01/2024 <https://www.facebook.com/alaafinoyo/photos/>

PORTAL DO CANDOMBLÉ
<http://www.portaldocandomble.pro.br>

PROJETO OKUTÁ, entrevista com o *bàbá* César *Sàngó Kamuka*, publicado em 30 de outubro de 2012. Último acesso: 17/01/2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GKM8jZN9dVw>

BAMIGBOLA, Bola, *Open display of alaafin's corpse a taboo, says tradicionalista*, publicado em 24/04/2022, último acesso em 23/01/2025, disponível em: <https://punchng.com/open-display-of-alaafins-corpse-a-taboo-says-traditionalist/>

REIGNS OF OYO AL//AAFIN / reinados dos alaafins de oyo english / português, acessado em 30/092020, às 17h45minh: <https://asaorisaalaafinoyo.wordpress.com/blog/>

RESEARCHGATE, “Socio-economic impacts of ecotourism attraction in Enugu State”, *Nigeria, Geo journal*, 2013, vol 78, n° 4, acessado em 02/10/2020, às 14h43minh: <https://www.researchgate.net/>

GOMES, Samuel, Curiosidades sobre o Continente Africano. Postado em 26/05/2022 acessado em 13/12/2022 às 20h42min <https://www.youtube.com/watch?v=WILHFqzSMV4>

TEMPLO A CABANA, Youtube Entrevista com Pai Cleon de Oxalá, 2017. <https://www.youtube.com/watch?v=JWvB74PvWqk>

TUYENIKUMWE, Pedro, Leonardo. “Angola no Contexto da Sadc – Cooperação no Quadro da Defesa Angola” – Namíbia

(1990-2015), Iscti-iul Instituto Universitário de Lisboa, Escola de Sociologia e Políticas Públicas, Dep. de História, 2019.

XANGÔ SOL

<http://www.xangosol.com.br>

WIKIMEDIACOMMONS, Kabinda, República do Congo, acessado em 09/09/2022, às 13h40min:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Democratic_Republic_of_the_Congo_adm_location_map.svg

WIKIPÉDIA, Alaiandê Xirê - Festival Internacional de Alabês, Xicarangomas e Runtós, acessado em 28/08/2024, às 20h 35 min: <https://pt.wikipedia.org>

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

ANEXOS

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

ASA ORISA
RC: 70064

ASA ORISA
BYO ALAAFIN

ASA ORISA Celebrates Orisa DAY
AUGUST 20, 2017

FEATURING:

FEATURING WITH:

- Asofin
- Oke of Igbodu
- Oshodun
- Osoke of Ilesha
- Oso Onibede of Igboko
- Abiko of Ilesha
- Oso Ilesha of Ilesha
- Ibaiki
- Ekerona
- Oloje of Ojo-Ondo
- Asofin of Ilesha
- Oso of Ilesha
- Asofin of Asofin
- Oso of Asofin

TOWN
• Sogbodo • Sali
• Oshonwa

Time: 10:00am
Venue: Palace Ground of each town

Orisa Traditional Religion Worshipers across the South West Nigeria and abroad celebrates August 20, 2017 as "Ayojo Orisa" Orisa Day. Let's celebrate the most Holy Religion of the Universe

Courtesy of: OYO STATE EXCOS OF ASA-ORISA TRADITIONAL RELIGION WORSHIPERS
09099104499, 08056243500, 08166752598, 08081080370, 08051277658, 08143835532

No. 476.

NORTHERN NIGERIA.

REPORT FOR 1904.

(For Report for 1903, see No. 437.)

Presented to both Houses of Parliament by Command of His Majesty
November, 1905.



LONDON:
PRINTED FOR HIS MAJESTY'S STATIONERY OFFICE,
By DARLING & SON, Ltd., 34-40, BACON STREET, E.

And to be purchased, either directly or through any Bookseller, from
WYMAN AND SONS, LTD., FETTER LANE, E.C.,
and 32, ABINGDON STREET, WESTMINSTER, S.W.;
or OLIVER & BOYD, EDINBURGH;
or E. PONSONBY, 116, GRAFTON STREET, DUBLIN.

1905.

• [Od. 2684-22.] Price 8d.

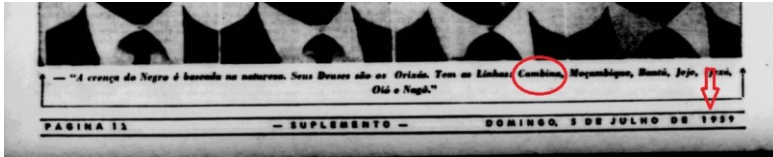
Mr. Cator has now done some valuable maps. The construction of a good road between Yokoja and Kabba by the Public Works Department has facilitated communications. We made the usual plan for the station at Kabba; the present buildings are not rain-proof or fit for habitation.

Kontagora.

172. The province has an area of 14,500 square miles, and its population is estimated by the Assistant Resident at 79,000 (females, 44,650, males, 34,350). An alternative estimate by Major Sharpe, C.M.G., the Resident in charge, puts the population at only 40,625. Before the Fulani domination, the ancient pagan kingdom of Yauri occupied the western, and the Kamukas the eastern part of this province. In the north were the Dakakari, and Nupes and Bassas held the south. The islands and the riverain towns of the Niger were inhabited by separate clans, while many small tribes were wedged in between the principal ones.

173. A Fulani named Maigidda from Gando assisted the Yauris to make war on their neighbours, while Imoro (grandson of Othman dan Fodio) with the aid of Masaba, Emir of Nupe, conquered the eastern tribes and founded the city of "Kwanta-gora" in about 1864. With this warrior the Yauris made friends without fighting. The Dakakari in the north alone repulsed him and have continued to form an impassable barrier between the Fulani centres of Sokoto and Kontagora. It was about this time, as I have related (paragraph 149), that the Nupes under Majia, worsted by the Fulani, occupied Zuguma in the south of this province. The fame of Imoro's conquests caused the Sarikin Sokoto to confer on him the title of "Sarikin Sudan," which is still retained by his son Ibrahim, the present Emir, who succeeded him in 1879. Like his father, Ibrahim spent many years in traversing the country from north to south and east to west with a conquering army. Even the Dakakari yielded him a temporary submission, and his conquests extended far into the Zaria province (including the Gwari) and into Borgu. For 20 years his restless love of war kept him ever on the move till the province was desolated and almost entirely depopulated.

174. In 1900 he threatened the Government headquarters at Jebba while the troops were away, and in January, 1901, on their return, I sent an expedition which captured the city of Kontagora. The Emir with the remnants of his army and a great mass of slaves fled northwards, where he became a thorn in the side of Zaria, until, in consequence of an appeal from that Emir, his army was finally broken up and Ibrahim himself captured by a British force early in 1902. Meanwhile the



PRESEÇA DO NEGRO NA VIDA DO RIO GRANDE

Segundo Série — (V).

Quando o negro veio para o Brasil — diz Baré (Walter Calista) — trouxe consigo sua crença milenar baseada no naturismo. Seus Deuses são os Orixás, representados em forma de uma pedra, denominada Ocútá, que corresponde a um elemento da natureza. A religião africana, que muitos chamam de "bubucos", não é mais nem menos do que um culto trazido para cá pelos pretos escravos. Subdividiram-se em várias "linhas" correspondentes às principais nações africanas, diferenciadas por seus dialetos, costumes próprios e diferenças de ritos. As Linhas de meu conhecimento são: Caminha, Maçambique, Banté, Jeje, Ipaná, Ojá e Nagô."

SINCRETISMO

— Diante da perseguição continuosa feita contra os "negros pagãos" a que foi acrescentada a figura do Orixá para

OCUTÁ: CRENÇAS DA IDADE DA PEDRA REVIVEM NO SÉCULO XX

FILHO-DE-SANTO DA LINHA NAGÔ, DE PORTO ALEGRE, FALA SOBRE A AFRICANOLOGIA — DEUSES DA RACIA SE REPRESENTAM EM FORMA DE UMA PEDRA — SINCRETISMO NAGÔ-CATÓLICO — PERSONIFICAÇÕES — ASPECTOS FUNDAMENTAIS DO AFRO-RIO-GRANDIENSE

Por Rui PRATINI

os cururu ou quibô. **Dadá**. Pivô com farinha d' mandioca e de milho. Nam algaíder. Sete bananas da terra ou de Santa Catarina, abertas ao meio. Uma flor sem espinho, no centro, de cor amarela ou branca. Bastante azeite de Dendê. Um pouco de mel. Sol-

responde a uma personificação de EXU. Em contraposição, **ELEBA** (com acento no ai) é um anjo mau. Seria o Diabo do cristianismo. Tanto este como Ocucum não se cultuam. Para dá-lo, no entanto, há serviços feitos em sua intenção, principalmente daspachas, e-

rá pode ser dada através do conjunto das notas musicais. Estas são em número de 7, compreendendo cada uma subdividida em números fixos. Assim, os Orixás. Cada um deles (em número de 16) se divide em outros sete. Dessa forma se pode constituir oito falares de cada um dos deuses.

DISTRIBUIÇÃO

A Kambina Nagô e o *Kamuka* na Nigéria

FamilySearch
Avançar Familiar Pesquisar Recordagens Partilhar Ajuda

← VOLTAR AO REGISTRO
Imagem 145

Brasil, Bahia, Salvador, Relações de passageiros e imigrantes, 1855-1964

Personas relacionadas:
Antonio Da Costa Lessa (Principal)

Antonio Da Costa Lessa (Principal)

RECOLHER TODOS

Chave de classificação do FamilySearch History

Alterar	Valor	Data
Criado Campo	Chave de classificação do FamilySearch: 00000001003744295_00145_00041_00000125624972 1002.000	30 de novembro de 2023

Data do evento History

Alterar	Valor	Data
Criado Campo	Criado Data	30 de novembro de 2023

Tipo de evento History

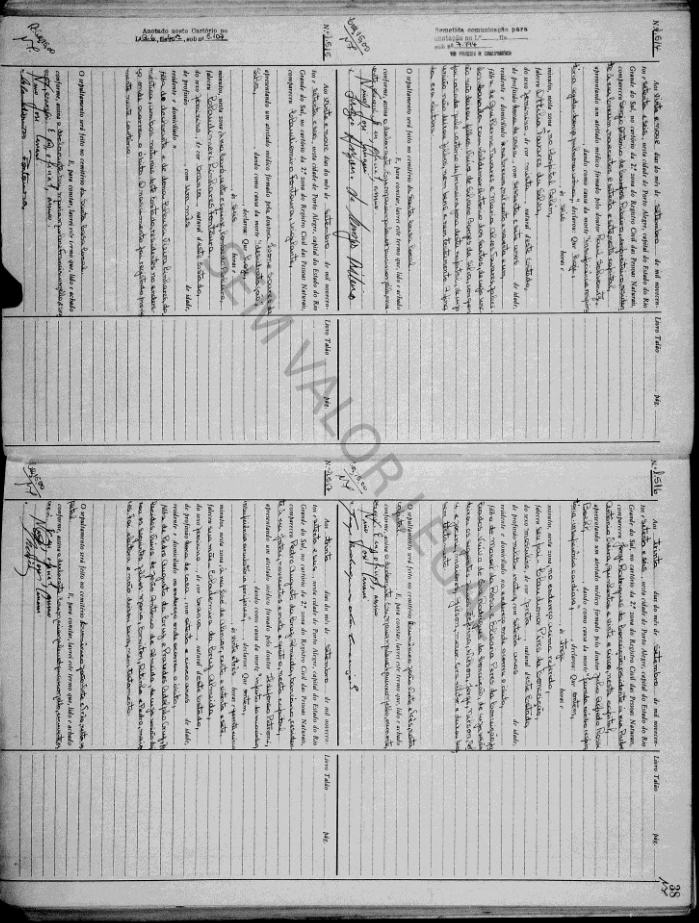
Alterar	Valor	Data
Criado Campo	Tipo de evento: Immigration	30 de novembro de 2023

Data do evento History

Alterar	Valor	Data

Fonte: <https://www.familysearch.org>

Certidão de nascimento de Alfredo dos Santos



Link <https://www.familysearch.org/>
Óbito de Breno filho de Otilia, Family Search

Republica dos Estados Unidos do Brasil



REGISTO CIVIL
Estado do Rio-Grande-do-Sul
Município de Pôrto-Alegre
Segunda Zona do Registro Civil
(Óbito N.º 241)

Dr. José Conrado Wagner

Oficial do Registro Civil de Nascimentos e Óbitos

CERTIFICO que a fls. 241 v do livro n.º 23 do registro de óbitos, foi lavrado hoje, o assento de Breno Henrique Souza da Silva, falecido a 20 de Julho de 1942, das 15 ⁴⁵ horas, em a sua Capta da Rocha, 272, do sexo masculino, de cor branca, profissão natural de esta capital, domiciliado em e residente com 3 meses de idade, estado civil solteiro, filho legítimo de Viravans Regina da Silva profissão maritimo, natural de este Estado, e residente em esta capital e de Maria Tereza da Silva profissão laica, natural de este Estado, e residente em nesta capital. Foi declarante Almeida Rosa de Moraes sendo o atestado de óbito firmado pelo Dr. Antônio de Jesus, que deu como causa da morte bronco pneumonia. O sepultamento foi feito no cemitério do S. Casa.

O referido é verdade e dou fé.

Pôrto Alegre, 21 de Julho de 1942

José Conrado Wagner
OFICIAL DO REGISTO CIVIL

Fonte <https://www.familysearch.org>

Registro de nascimento de Maria da Conceição Tavares da Silva.

Talão N.º 849

N.º 30

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



REGISTO CIVIL
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE
SEGUNDA ZONA DO REGISTO CIVIL

(Nascimento N.º 171.363) 170.363

Dr. Julio Maria Santiago Wagner

Oficial do Registro Civil de Nascimentos, Casamentos e Óbitos

Certifico que a fil. 129, - do livro n.º A-186, de registro de nascimento
 foi lavrado hoje o assento de MARIA da CONCEIÇÃO VAVARES da SILVA, - - - - -
 nascid a ao s 8 de dezembro de 1944, às 16,00 horas
 em Porto Alegre, - - - - -
 do sexo feminino, - de cor mista, - , filh. legítima
 de Silvano Borges da Silva, solteiro, - - - - -
 e Otilia Vavares da Silva, ambos naturais deste Estado, - - - - -
 sendo avós paternos José Borges da Silva - - - - -
 e Angela Maria da Silva, - - - - -
 e maternos Guimarães Vavares - - - - -
 e Maria Alves Vavares. - - - - -
 Foi declarante a registada, - - - - -
 e serviram de testemunhas : Aristides de Oliveira Moura - - - - -
 e Gentil Oliveira Moura. - - - - -
 Observações: Registro feito à vista de autorização judicial.

Av. Yvandeiro Alves, 146 - Centro
Porto Alegre
Telefone: 25-25-11

O referido é verdade e dou fé.

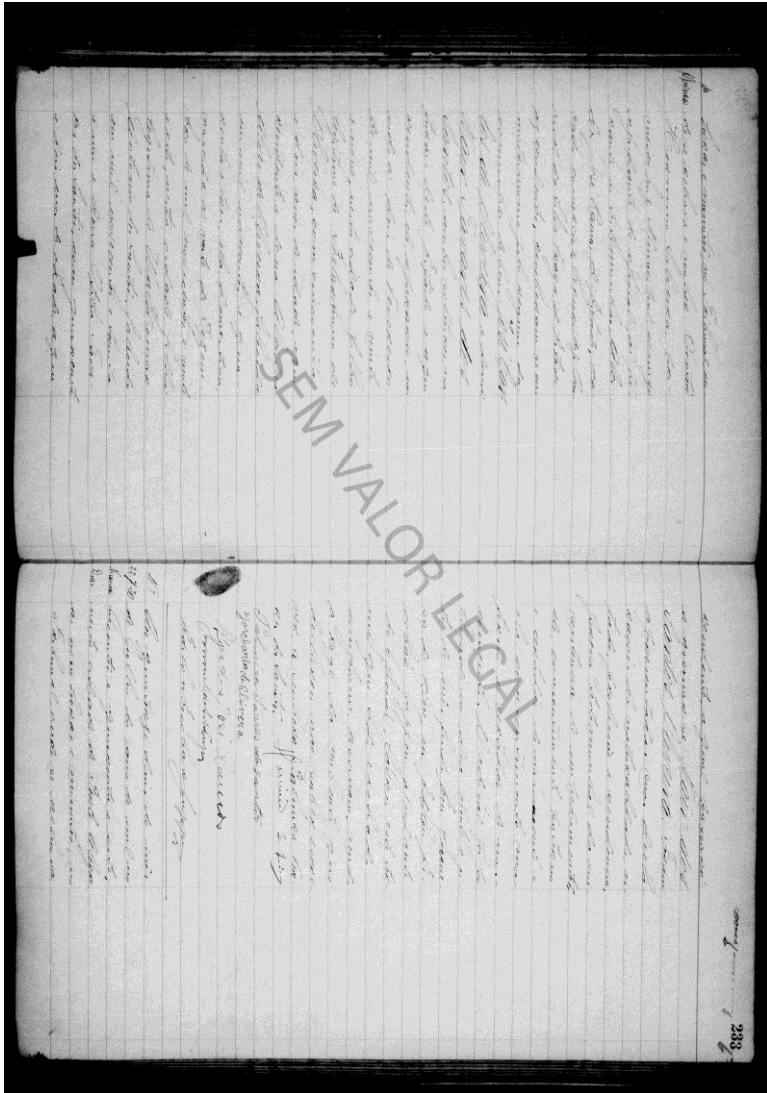
Porto Alegre, 17 de maio de 19 71.

Julio Maria Santiago Wagner
Oficial do Registro

Fonte: <https://www.familysearch.org>

Atestado de óbito de Silvano

A Kambina Nagô e o Kamuka na Nigéria



Fonte - <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:6XDQ-MP3Z>

Óbito de Nair, filha de Waldemar e Ottilia

TALAO N. 401 PAGINA Nº 106

ÓBITO N.º 80.106

O bacharel JULIO CASADO, oficial privativo do Registro Civil de nascimentos e óbitos da 1.ª Zona desta cidade.

CERTIFICO que a fls. 244 do livro n.º C-102 do registro de óbitos, foi lavrado hoje o assento de Nair Tavaras de Oliveira
falecido a 19 de janeiro de 1957.

às 24:00 horas em a Maternidade da Santa Casa
do sexo feminino, de cor branca, profissão doméstica
natural de este Estado domiciliado em esta Capital
e residente à Vila Santa Luzia, rua 9.º 66
com 24 anos de idade, estado civil casado, filha
legítima de Waldemar Antônio dos Santos
profissão natural de ignorado falecido
e residente em _____
e de Ottilia Tavaras dos Santos
profissão doméstica natural de este Estado
e residente em à rua Euclides, 1491
Foi declarante José Carlos de Oliveira
O atestado de óbito foi firmado pelo doutor Caule Damiani
que deu como causa da morte choque periférico, de enterite bacilar.

O sepultamento será feito no cemitério Santa Lúcia, desta cidade.

Observações: _____

O referido é verdade e dou fé.

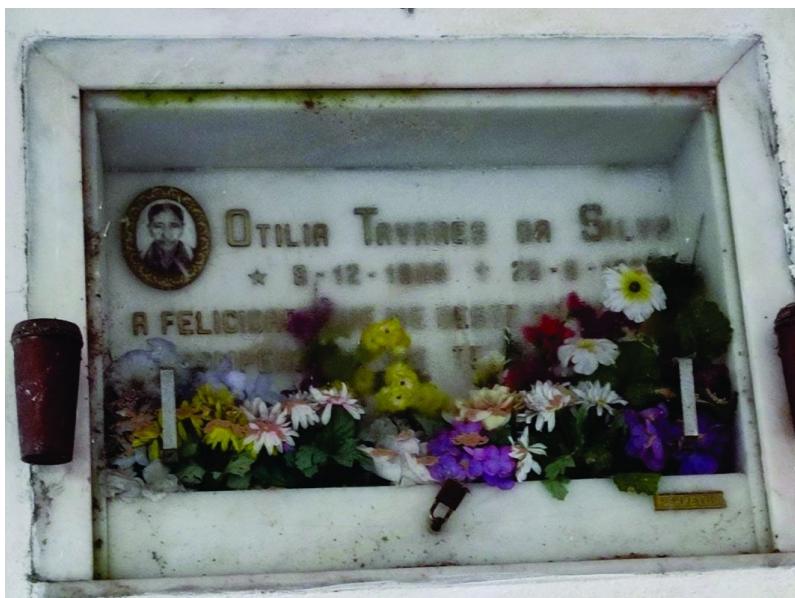
Pôrto Alegre 20 de janeiro de 1957

Salvador Santos Fortes
Oficial
SALVADOR SANTOS FORTES
Estado-Cadaver, São Paulo - 1950/1955

Fonte: <https://www.familysearch.org>

Fonte: <https://iledeobokum.blogspot.com/2024/02/otilia-de-ossanha-tola-becun.html>

Lápide mãe Ottilia



A DANÇA PARA O LEGBA

Resposta Okunwá nº 94, vol. 4 dez 2022

Segundo Pai Raul:

"mulher não dança para Legba, e, na casa do Pai Henrique eram 7 homens que dançavam para o legba; eu toco duas obrigações 14 de janeiro e 26 de abril, onde sete homens dançam para o Legba."

e completa que:

"a mãe Madalena da Oxum, sentou o Legba para o Pai Romário. Não sentou para a mãe Palmira nem para o Pai Henrique, porque ela não poderia dançar."

LODE, AVAGÁ E TIMBOWA

Resposta Okunwá nº 94, vol. 4 dez 2022

Pai Raul disse que:

"a mãe Palmira tinha Bara Lodê e Avagá, quem cuidava deles era seu Lourival, marido dela, o Pai do Pai Henrique. Na minha casa, não damos Lode para mulher, no lugar dele sentamos uma Timbôwa. Somente quando o marido e a mulher forem da religião, eu faço Lode e Avaga, porém o marido quem cuidará do Lodê. E para que a mulher tenha um orixá de rua para trabalhar para ela, eu sento uma Timbôwa."